

TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

# *Assim Me Pontou O Vento*

CONTOS



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



**Telmo Mário  
Dornelles Gosch,**

23/07/1946, é filho do alfaiate João Carlos Moreira Gosch e de Elvira Dornelles Gosch.

Do casamento com Margarete Scolari Gosch resultaram quatro filhos e sete netos.

Este Passo-fundense do Boqueirão, que ama o Esporte Clube Gaúcho e o Grêmio Futebol Portogalense é Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Maria e pós-graduado em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade de Passo Fundo.

Reside há mais de 35 anos no antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, aonde desempenha atividades na Agropecuária.

- Deixei meu umbigo e minhas raízes enterrados no Boqueirão. Sou com imenso orgulho gaúcho de nascimento, amor e formação. O Pago habita minha alma, mas sou tocantinense de coração.

Dediquei-me a escrita tardiamente. Escrevo para matar as saudades de minha terra, de meu povo e de suas tradições, pelo prazer do brincar com as letras, palavras e rimas e pelo incentivo que recebo de minha esposa, de meus filhos, netos e amigos.

TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

*Assim Me Pontou  
O Vento*

CONTOS





TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

*Assim Me Pontou  
O Vento*

CONTOS

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
Apoio a Cultura

2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaGual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado por: Nathalia Sabino Ribas

Capa: Pintura em acrílico sobre papel / Clairton Joel da Rosa

G676a Gosch, Telmo Mário Dornelles

Assim me contou o vento [recurso eletrônico]:  
contos / Telmo Mário Dornelles Gosch. – Passo  
Fundo: Projeto Passo Fundo, 2019.

6,1 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-429-3

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

## CAPA

*Fundo - Céu ao entardecer em Cavalcante - GO  
Foto do autor.*

*Em destaque - Cavalo, acrílico sobre papel,  
obra do pintor gaúcho Clairton Joel da Rosa \**



*(\*) Clairton é natural de Cruzeiro do Sul - RS,  
reside atualmente em Arraial D'Ajuda - Bahia.*

*Contatos:*

*Face book - Clairtonrosa*

*WhatsApp - 75991064321*



*Apenas bandos de cavalos vagavam pelos campos:  
criaturas de pernas longas com lustrosos pelos  
castanhos e negros. Os animais fortes e rústicos  
que galopavam como o vento.*

*Colin Thubron - A Sombra da Rota da Seda.  
L&PM - Editores*



*Ao vento...  
Ao vento que sabe contar.*





Dedico:

A Margarete,  
o farol que tem me  
Conduzido pela vida.



## APRESENTAÇÃO

Nas noites frias de inverno, nos reuníamos com frequência ao redor do fogão, na casa de meus avós ou na pensão de nossa amiga Maria Roncadeira. Nestes eventos, enquanto as mulheres conversavam, e muito, fazendo tricô ou crochê, os homens tomavam chimarrão, bicavam um vinho ou um licor e de vez enquanto até jogavam um carteadado. Nestes momentos de alegria e confraternização, sempre tinha alguém contando um caso, uma estória, um conto, uma anedota, enfim, dando colorido àquele momento de integração social, promovendo o riso a reflexão e despertando a imaginação de todos. O bom contador sempre atraía olhares admirados.

Eu, com meus nove anos, tinha uma “sede”, uma vontade de também contar um caso, mas não tinha coragem, não tinha assunto, não tinha criatividade e tinha a certeza que, se me dessem a palavra, eu ga-gaguejaria, suaria frio e ficaria com o rosto vermelho.

À noite em minha cama, debaixo das cobertas, eu rezava, pedindo para logo ficar grande e, então, contar as aventuras que certamente eu vivenciaria; as anedotas que aprenderia nas ruas, quem sabe, até recitar alguma poesia.

Estes serões aconteciam do início ao fim do inverno, tempo em que se faziam estoques de lenhas e de nós-de-pinho. As chapas dos fogões chegavam a aver-

melhar. A cozinha, quentinha, se transformava no centro da casa, era o lugar certo para se encher a barriga de guloseimas: da rapadura ao pinhão, da bolacha à pipoca, do chimarrão ao café, ao chá e ao quentão.

É nesse tempo que o vento mostra seu poderio. O minuano chega pelo Oeste, vindo lá da cordilheira, gelado, enregelante, açoita toda a natureza com seu uivo zuuuuuuuu, penetrando sem cerimônia por frestas e por buracos, entanguindo um paisano que ande extraviado e levantando nas esquinas os vestidos da mulherada.

Na beirada de nossa casa, que era sólida e aguentava o repuxo, tinha uma laranjeira centenária. Quando o Minuano a pegava, a torcia e a retorcia, ela raspava o telhado com garras de poderoso felino. Os galhos raspavam tanto que eu tinha a impressão que ele, o vento, queria entrar e se sentar junto ao fogão. Imaginava-o com uma tez branca e cintilante como o gelo, cabeleira longa e barba pontiaguda, donde escamas de geadas escorriam pelos fios. Compunha, ainda, esta figura mística um olhar azul, profundo, penetrante. Eu presumia que ele queria roubar todo o calor do fogão, tirando toda a friagem e a umidade que o envolvia e, quem sabe, se transformar num vento norte quente e seco e assim visitar novas moradas.

Em meu quarto, em cima de minha cama, pertinho de meu ouvido, tinha um furinho redondo na parede, donde se desprende um minúsculo nó de pinho. Era um buraquinho pequeno, pequerrucho, que eu conseguia tapar com meu dedão, com meu polegar. Pois nesse minúsculo orifício o minuano penetrava zunindo, e eu cobria a cabeça para não ouvir a sua ladainha.

Não sei se vocês sabem? O minuano fala diversos idiomas, o quíchua, o guarani, o castelhano, o português e outros.

O meu quarto era contíguo à cozinha. De manhãzinha, mas bem de manhãzinha mesmo, eu enrolado em minhas cobertas ouvia papai e mamãe conversando, faziam baixinho, para não me acordar:

- Venha, venha meu bem, o café já está na mesa.

- Um momento, querida, estou terminando a barba.

Papai se punha num canto da cozinha em frente a um pequeno espelho, pendurado na parede, e enchia a bacia alouçada com água morna para escanhoar o rosto; o silêncio era tal que eu ouvia o barulho da lâmina cortando a barba. Não tendo o que fazer, eu me enrolava nas cobertas e voltava a cochilar, naquela doce madorna que envolve e deixa qualquer vivente cheio de preguiça.

Pois foi num desses dias, eu numa soneca morna e, quem sabe, atendendo aos meus pedidos, o minuano entrou pelo buraco e veio direto ao meu ouvido. Eu, mais que depressa, cobri a cabeça, mas não teve jeito, ele entrou para debaixo dos cobertores e começou a falar, de início em uma linguagem que eu não entendia; daí, então, ele deu uma rajada, balançando a casa, e começou a falar em português, ou melhor dizendo, num gauchês bagual. Daí eu entendi.

Contou-me, então, causos, que eu ouvia, meio arrepiado de medo, mas ele não dava importância ao meu temor, falava e falava, e tudo o que ele dizia ficava gravado em minha mente. Muitas manhãs durante todo aquele inverno ele me contou e voltou a me contar contos sempre com riqueza de detalhes.

Ao me levantar, esfregando uma mão na outra por causa do frio, sentava-me em uma mesa pertinho do fogão. Ali, naquele calorzinho aconchegante, eu passava, a lápis, para um caderno, aquelas estórias. À noite, mos-



trava ao meu pai, que admirado comentava com mamãe:

- Este menino tem muita imaginação!

Finalmente chegou o dia, ou, melhor, a noite que eu tanto sonhava. Fiquei muito feliz, mesmo exultante, quando nos reunimos na casa de vovô e da vovó para um serão. Corria então o mês de agosto. Papai pediu a palavra:

- Gostaria de contar uma estória que foi escrita por meu filho.

Como bom proseador que era, fez alguns floreios, valorizando o conto, e narrou tudo o que eu tinha escrito. Ao final, entre sorrisos, todos me cumprimentaram; papai vergou o corpo e me deu um beijo na testa, passou a mão em minha melena, espalhando meus cabelos.

Agora passados tantos anos, tomei tento, busquei no fundo de minha memória e resolvi contar tim-tim por tim-tim tudo o que ouvi das pessoas que frequentavam nossos encontros, bem como tudo aquilo que me contou o vento.

Conto estas estórias para matar as saudades daqueles tempos, e para compreender por que à medida que fui ficando velho o vento deixou de conversar comigo. Entendo que hoje já não existem mais fogões à lenha, o povo já não se reúne, a cozinha deixou de ser o centro da casa, tem criança que nem conhece rapadura.... Os tempos são outros; é a ditadura dos eletrodomésticos: quem manda agora é a televisão, que, junto com os celulares, tabletes e outras maravilhas, deixa o povo de cabeça baixa, em silêncio, não abrem a boca. Incrível, não há mais diálogo, quem fala agora são os dedos.

Mas o frio é o mesmo, o zuuuuuuuu é o mesmo. Quando o encontro nas ruas, nas esquinas, ele faz re-

demoinhos em meu entorno, gela minhas orelhas, mas, para meu desespero, não fala, não conversa. Em minha nova morada fiz, um buraco na parede para ele entrar. De nada adiantou.

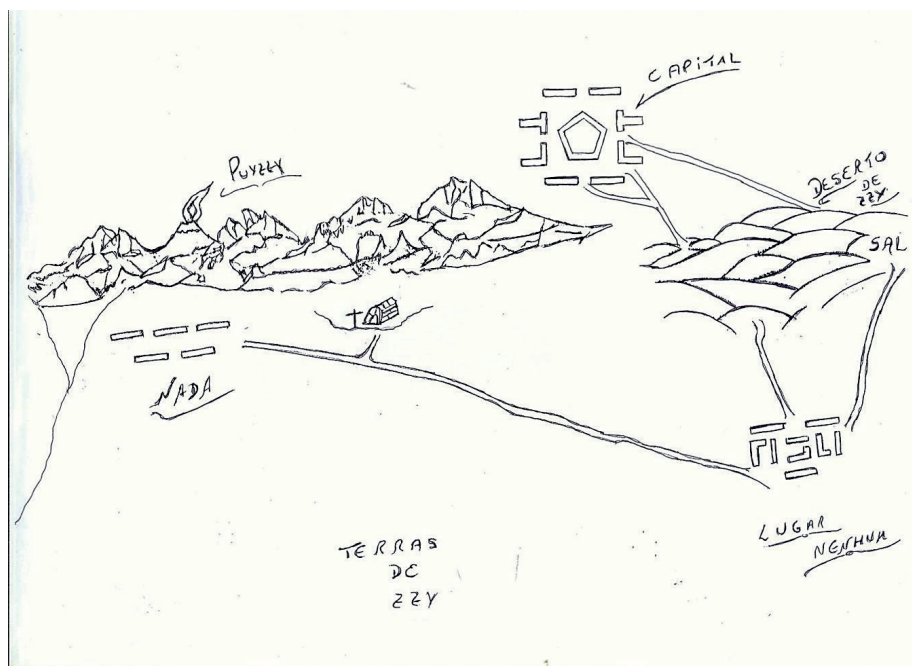
Concluí, depois de muito pensar e com tristeza no coração, que o vento só conversa, só fala com crianças. Será que perdi minha imaginação? Minha capacidade de sonhar...?



# ÍNDICE

A AGULHA INVISÍVEL .....	19
O TATU E O RATINHO .....	41
A TERCEIRA CADERNETA .....	61
O ÓDIO DA PAIXÃO.....	127
OS PROVISÓRIOS.....	137
A MALDIÇÃO DO CAIPORA .....	179

# Antigo mapa de Terras de Zzy Encontrado em escavações no século XX



# A AGULHA INVISÍVEL

Naquelas terras perdidas nos confins do mundo, havia duas povoações e uma Capital.

A Capital e Lugar Nenhum foram fundadas há mais de um século pelo grande líder Uzzy, que trouxe seu povo perseguido por bárbaros e inimigos milenares para aquele local isolado. Ele prometeu, aos que o seguiam, terras, alimento e paz. Cumpriu sua promessa. Não era, como outros líderes, conhecido como rei, mas sim como o Benfeitor.

O Benfeitor nomeou toda aquela área ocupada, todo aquele território como Terras de Zzy.

Seu filho, Uzzy II, seguiu sua linha política de justiça e benemerência e construiu a Capital. No entanto, seu neto, Uzzy III, e agora o bisneto, Uzzy IV, explorava o povo de forma vil e, por isso, não era chamado pelo povo de Benfeitor, mas sim de Feitor.

Havia, ainda, um pequeno e pobre povo, da mesma etnia, que migrara para aquela região em outros tempos. Uzzy os visitou, falavam o mesmo idioma e tinham os mesmos costumes. O Benfeitor os incorporou na nação que nascia. Viviam eles em uma região totalmente diferenciada, terra muito pobre, da qual, era muito difícil tirar o sustento. Dependiam basicamente de uma planta chamada Nadica. Aquele recanto, dada a pobreza e o pouco que produzia, era conhecido por Nada. Nada era isolada e distante da Capital.

A capital era cercada por altos muros em forma de pentágono. Em cada vértice, havia uma guarita; dali guardas armados observavam o que acontecia em seu interior e vislumbravam tudo que ocorria nos campos que cercavam a cidadela.

O Feitor, que tudo comandava, dizia-se filho do trovão, Tuazzy. Naquele mundo perdido, Tuazzy era a divindade.

O Feitor era arrogante, vaidoso e orgulhoso. Tratava aquela população pobre e infeliz com mão de ferro. Cobrava impostos todo semestre; quem não pagasse não entrava no interior da cidadela, ficando impedido de comprar ferramentas e outros bens, que só eram encontrados no interior do forte. Ficavam ainda proibidos de consultar os curandeiros que tratavam as doenças com ervas e pomadas, bem como de ir ao templo, adorar e queimar essências a Tuazzy.

O castigo para quem não pagasse os impostos era ser transferido para Lugar Nenhum. Lá trabalhariam até pagar seus débitos. Embora fosse possível, ninguém em sã consciência ia ou queria ir para o lugarejo Nada.

A Capital além-muros possuía ricos campos, onde floresciam a agricultura e a pecuária. As terras eram férteis, e o Trovão os provia de chuvas com regularidade.

Com essas condições climáticas favoráveis, produziam-se em larga escala arroz, trigo, cevada, aveia, romã, uva e figo, além de fibras utilizadas no vestuário: algodão, linho e cânhamo. Ovelhas e bovinos de corte e leite espalhavam-se por pastagens de invejável qualidade.

O Feitor tinha ainda a felicidade de possuir, ao norte da Capital, uma mina de ouro e outra de prata. Neste local frio e ermo, pedras preciosas abundavam no leito de pequenos córregos e rios.



Lugar Nenhum, ao sul, distava quatro dias a cavalo e seis dias de carroça da Capital, e entre os dois povoados havia um pequeno e escaldante deserto. Em Lugar Nenhum, as terras eram pouco férteis, e o Trovão quase se esquecera daquele povo. As chuvas, ali, eram menos frequentes.

Dada a distância e as agruras da travessia, o Feitor mantinha em Lugar Nenhum o Favorito, que o representava com mão de ferro. Cabia ao Favorito, além de outras atividades, recolher impostos atrasados, obrigando os devedores, que em sua grande maioria eram agricultores, a produzir raízes como a mandioca e a batata doce e a trabalharem em uma mina de sal existente no deserto.



Nada ficava a oeste, formando um triângulo com a Capital e com Lugar Nenhum. Nada ficava aos pés de uma cadeia de montanhas, de basalto negro. A paisagem era dominada por um pequeno vulcão, Puyzzy, sagrado para os moradores de Nada. Puyzzy lançava vapor e cinzas constantemente. Essas montanhas não permitiam o acesso direto de Nada à Capital. Nada distava doze léguas de Lugar Nenhum. Um caminho rudimentar, em verdade um trieiro, ligava as duas comunidades.

Nada era apenas uma ruela, com paupérrimos habitantes. As terras eram de péssima qualidade. Não chovia. Tuazzy esquecera-os completamente; a água provinha do degelo das montanhas. Essa água enriquecida com nutrientes emanados do vulcão molhava a Nadica, único vegetal que vingava naquele local esquecido.

O Feitor não cobrava impostos em Nada. Nada produzia praticamente nada, e manter ali um Favorito era mais caro do que o imposto que seria arrecadado com a produção de Nadica e derivados.

Nadica, árvore de porte médio, com longas folhas fibrosas com as quais o povo fazia suas grosseiras roupas azuladas. Os habitantes de Nada eram chamados, por esse fato, de azuis ou de povo azul. A Nadica produzia um fruto oval carnoso rico em nutrientes que era consumido in natura. Quando abundava a produção, desidratavam a polpa para o consumo no período de entressafra. Ela só crescia e se multiplicava em Nada, totalmente dependente das emanções de Puyzzy, cujas cinzas ricas em minerais possibilitavam o desenvolvimento pleno daquele estranho vegetal. As sementes, quando trituradas e transformadas em pó, eram medicamento para diversos males.

Por consequência, era a Nadica de Nada que mantinha aquele povo. A renda obtida com a venda do pó da semente e do fruto desidratado é que possibilitava a compra em Lugar Nenhum de outros produtos para a população de Nada. É bom também contar, embora o povo de Nada mantenha isso em segredo, que as pétalas das flores de Nadica, quando secas e trituradas, transformavam-se em excelente energético. Esse pó, tomado com o mel que as abelhas produziam a partir da flor dessa planta maravilhosa, possibilitavam longas caminhadas e sustentavam os viajantes em viagens a pé, a cavalo, ou de carroça entre Nada e Lugar Nenhum e até mesmo para a Capital.

Com o passar do tempo, e quanto mais envelhecia, o Feitor, a exemplo de seu pai, tornava-se mais irascível e maltratava o povo que tudo lhe fornecia e não recebia nada em troca. Aquele coração negro dizia só amar sua filha, Lyzza, cuja beleza era comentada e elogiada.

Lyzza herdara não só a beleza de sua bisavó, como seu senso de justiça, e sofria muito com as maldades do pai e o padecer do povo.

A maldade era tanta que Tuazzy se incomodou com esse fato e, na madrugada de uma noite sem estrelas, após trovejar baixinho sobre a cadeia de montanhas, derramou uma chuva caudalosa sobre Nada, o que não acontecia há centenas e centenas de anos. Trovejou e trovejou, e num último trovejar, que mais parecia um lamento, emitiu uma luz clara azulada, em direção à Capital. Essa luz se transformou em uma pomba que voou até as cercanias do pentágono, pousou e se converteu num coelho que cavou uma toca sob a muralha, e ao entrar nela transmudou em uma cobra negra com rabo espinhento em forma de espanador. Aquele ser horripilante rastejou pela escuridão e foi até o quarto de Lyzza, encostou-se à parede e disfarçou-se de vassoura.



Em Nada, numa casa simplória, mas simpática, residia a viúva, Annazzy e seu filho Azzy, que apreendera e herdara do pai: agulhas, trenas, esquadros, réguas e demais utensílios que utiliza um bom alfaiate, um bom costureiro.

Azzy tinha pendores. Era um ótimo profissional, costurava no período da safra de Nadica, na entressafra comprava pó da semente e frutos desidratados e os levava para Lugar Nenhum, onde os trocava por tecidos e outros produtos vindos da Capital. Assim ele conseguia manter com relativo conforto sua mãe.

Azzy trabalhava muito, pois pretendia se casar com Tyzza, a mais bela jovem de Nada. Tyzza era filha de Zybezzy, antigo e respeitado morador daquela localidade. Zybezzy só daria a mão da jovem filha para quem lhe oferecesse uma moeda dupla em ouro e prata cravejada no centro com brilhante ametista na cor violeta. Essa moeda existia somente na corte de Uzzy IV. Para

obter essa moeda, Azzy precisava comprar um forte e caro cavalo para cavalgar até a Capital, levando grande quantidade de pó de semente para trocar com os curandeiros do Feitor. Ele era um homem apaixonado e tudo faria para conseguir sua formosa Tyzza.



Na estrada que ligava Nada a Lugar Nenhum, havia um grande mausoléu em blocos de basalto. Segundo a história, que passava oralmente de geração em geração, repousavam ali os restos mortais de um mascate. Mascate esse que, anos e anos atrás, trazia para Nada objetos diversos e os trocava por derivados de Nadica. Esse comerciante era estrangeiro e viajava sempre com dois filhos. Em sua última jornada, sentiu-se mal, faleceu, e os filhos construíram com blocos da pedra negra um grande túmulo onde todos diziam repousar o velho José. Foi colocada pelos filhos ao lado do jazigo, uma cruz.



Lyzza, como fazia todas as manhãs após o desjejum, voltou ao quarto para varrê-lo, tomou a vassoura em suas mãos, e, ao iniciar o trabalho, um espinho do rabo da cobra, agora transformado no cabo daquela vassoura, feriu sua mão. O espírito da serpente, se é que assim se pode dizer, penetrou por aquele ferimento, e, num piscar de olhos, Lyzza estava irreconhecível; sua beleza angelical desapareceu. Seus belos cabelos ficaram secos e opacos; começou a caxingar de uma perna; o rosto se desfigurou, ficando um olho mais baixo que o outro, com negras olheiras; e a língua teimava em sair da boca, como fazem os ofídios. Um torpor tomou conta de Lyzza e ela desmaiou.

Lyzza foi encontrada por seu apaixonado cavalariaço, que, como acontecia todos os dias, veio à meia manhã chamá-la para cavalgarem pelos campos da Capital. O cavalariaço, Aluzzy, só a reconheceu pela pulseira em ouro, prata e pedrarias que ela usava diariamente.

O Feitor ficou desesperado ao olhar sua bela filha agora transformada em uma bruxa. Quando ele tocou sua mão, Tuazzy se manifestou em um trovejar baixo, rouco. Uzzy entendeu que ele, de alguma forma tinha ofendido o Trovão.

O Trovão esperava que Uzzy, ao ver a filha naquele estado e ouvindo o seu trovejar baixo e profundo, se recaminhasse, tirasse a maldade do coração, compreendesse melhor seu povo, deixasse-o entrar na cidade para reverenciá-lo. Se esse fosse seu procedimento, tudo voltaria ao normal.

Mas o Feitor ficou a observar e logo sentiu nojo da filha; o amor que ele alardeava sentir por ela desapareceu. Não mandou matar aquele ser repugnante porque era sua carne e rapidamente tomou sua decisão.

Lyzza não podia permanecer na Capital, pois um ser que apresentava tantos defeitos depunha contra o conceito de saúde e beleza da família do Feitor. Uzzy entendia que a tradição de vigor, coragem e despreendimento tinha que ser mantida.

Uzzy não teve dúvidas. Enviou Lyzza para Lugar Nenhum aos cuidados do Favorito.

Em Lugar Nenhum ela foi fechada em um quarto, com todo o conforto, no entanto, dali não podia sair, pois o Feitor não queria que o povo a visse. Após dias de torpor voltou à lucidez. Seguiram-se longos momentos de desespero, quando espelhos foram quebrados e o quarto permaneceu nas sombras.

Veio então um conformismo, e ela pediu ao Favorito que mandasse buscar na Capital seus cavalos e o cavaliço, para que pudesse cavalgar de madrugada, com o rosto encoberto, para não ser reconhecida pelo povo.

E assim foi feito. Aluzzy, o cavaliço, era um moço íntegro, corajoso, humanitário e de bondoso coração. Fora apaixonado pela beleza física de Lyzza; agora continuava apaixonado, não pela beleza exterior, que não existia mais, mas por sua beleza interior, por sua inteligência, forma de ver o mundo e uma bondade que não existia em seu progenitor.

Aluzzy tinha sangue do Benfeitor Uzzy I; era, assim como Lyzza seu bisneto, fruto do relacionamento deste com uma concubina estrangeira, daí seus olhos verdes, cabelos encaracolados cor de ouro e pele branca, contrastando com a população de Zzy, que em geral possuía cabelos negros, olhos amendoados e pele amarelada.

Lyzza e Aluzzy cavalgavam diariamente. Ela adorava sentir o vento frio da madrugada tocando sua pele e roçando seus cabelos secos que sequer esvoaçavam.

Aluzzy descobriu, através de um comerciante de produtos de Nada, Azzy, que a polpa fresca de Nadica era boa para hidratar cabelos, dando-lhes vida, frescor e luminosidade. Lyzza passou a usá-la, viu os cabelos florescerem, e isso lhe trouxe grande felicidade.



Tuazzy, o Trovão, precisava consertar o que tinha dado errado; Lyzza, não podia pagar pelas maldades do pai. Ele, lá do alto, com sua visão superior, engendrava providências.

Já passava do meio-dia, e Azzy cavalgava próximo ao grande mausoléu dirigindo-se para Lugar Nenhum, onde planejava fazer trocas de produtos. Foi quando um trovejar seco rimbombou no ar. Ele pensou: Tuazzy está nervoso. No mesmo instante, como acontecia de sete em sete anos, houve um tremor de terra, provocando fortes emanações do vulcão. Esse violento sismo derrubou parte das pedras do grande túmulo, deixando seu interior à mostra.

Como num sincronismo perfeitamente ajustado, Tuazzy trovejou muitas vezes e, mesmo sem chuva, mandou raios e mais raios. O povo daquela região se recolheu para suas casas.

Azzy estava a campo aberto e nada sofreu. Com muito medo, mas com muita curiosidade, ele se aproximou daquela brecha aberta no centenário sepulcro e, para seu espanto, verificou que não havia em seu interior qualquer sinal de restos mortais, mas sim uma carroça com a roda quebrada, carregada com tecidos, os quais, com a entrada do ar, se desfizeram em minúsculas partículas. Sobraram algumas vasilhas feitas em barro como panelas e potes, alguns artigos de couro e osso e uma pequena arca nas quais os mascates carregam joias preciosas. A arca estava vazia; aparentemente, quem enterrou a carroça carregou o que era de valor e de menor peso. Certamente esperava um dia retornar para buscar o restante das mercadorias. Fato que não ocorreu.

Revirando o pó que se formou pela desintegração dos tecidos, ele encontrou embaixo de um arreio uma pequena caixa toda em cristal, transparente e brilhante, certamente trazida de outras terras por José, o estrangeiro.

Saiu ao sol e observou aquele pequeno objeto que cabia em sua mão, abriu a tampa e nada havia em seu



interior, somente o cheiro de um perfume que lembrava o sândalo. Cheirou o interior da caixinha e passou o indicador para sentir se o perfume aderiria ao seu dedo, e, para sua surpresa, aquela estrutura aparentemente lisa furou seu dedo e uma gota de sangue escorreu. O sangue coagulou e marcou o contorno de algo que o surpreendeu, algo que até aquele momento era invisível. Ele uniu polegar e indicador, apanhou e enxergou entre seus dedos uma transparente agulha que se confundia com a caixinha.

Como alfaiate, viu a qualidade do que tinha entre dedos, colocou-a novamente no estojo e ela voltou a desaparecer; viu que tinha em mãos uma agulha invisível. No próximo trabalho a utilizaria para testar a sua qualidade.

Voltou novamente a vasculhar aquele ambiente empoeirado. Quando estava quase a desistir de qualquer novo achado, encontrou embaixo da carroça uma fina corrente de ouro com um finíssimo crucifixo que apresentava no encontro dos dois braços um pequeno e brilhante rubi. Observou e admirou aquela obra de arte, vinha ela certamente de outras terras. Guardou-a com carinho, ela seria o presente de casamento à amada Tyzza. O achado deu-lhe ânimo, e ele voltou a investigar. Passa a mão daqui, passa a mão dali; a fina poeira se agarrava ao suor de seu corpo, o calor no interior do mausoléu era insuportável, mas tanto esforço foi recompensado. Para sua alegria encontrou um pequeno receptáculo de couro, em seu interior, um par de brincos em ouro num pingente em forma de cruz. Esse achado seria o presente de noivado para Tyzza, no dia que ele entregasse a seu pai a moeda dupla de ouro e prata. Fechou com cuidado o túmulo, deixando tudo como sempre esteve nas últimas décadas; manteria o acontecido como segredo.

Lyzza, acompanhada de Aluzzy em seu passeio nas madrugadas, pelas cercanias de Lugar Nenhum, descobriu o quanto o povo, seu povo, sofria. Eram viventes malvestidos, mal alimentados, crianças esqueléticas.... Tomou consciência que a população era escravizada pelo pai, trabalhando dia e noite nos campos e na mina de sal e recebendo como paga uma pobre alimentação baseada em mandioca e batata doce.



Ao comprar mais uma vez, polpa de Nadica, Aluzzy descobrira que Azzy era costureiro, possuía estoques de tecidos finos e também de um grosseiro tecido azul, feito com as fibras de Nadica.

Como já conhecia Azzy há algum tempo e gostava do rapaz, pois este demonstrava ser sério, trabalhador e de boa prosa, indagou se ele costuraria para uma amiga que tinha sofrido um acidente e necessitava de roupas novas e de reforma em roupas antigas. Confidenciou que o acidente a tinha deixado com uma série de defeitos. Adiantou ainda que sua cliente manteria sempre o rosto coberto com um véu, pois não queria ser identificada e que todo respeito e segredo deste trabalho eram devidos, e que ela residia na casa do Favorito.

Azzy concordou; traria em sua próxima viagem suas ferramentas, ficaria hospedado na casa do Favorito, de lá não sairia até completar sua missão. Pelo trabalho Azzy seria recompensado com um forte e ágil corcel escolhido entre os cavalos por Aluzzy, que entendia de animais, pois, enfim, era cavaliço. Esse pagamento, um cavalo de qualidade, animou muito o costureiro, pois ele necessitava justamente de um animal nessas condições para ir à Capital buscar a moeda dupla. Sonhando com Tyzza ele se jogou ao trabalho.

Tuazzy, a divindade, mexia as peças em seu grande tabuleiro.



E assim Azzy passou a morar, mesmo que temporariamente, na casa do Favorito e a costurar com sua agulha invisível, que, além de acariciar seus dedos, dava-lhe uma perícia até então desconhecida, e os tecidos se entregavam àquela pequena e brilhante hastezinha. Criavam-se peças perfeitas, inigualáveis.

Tirou as medidas com dificuldade tanto para as reformas quanto para os vestidos, enfim, uma perna era mais curta, um braço mais longo, mas Azzy trabalhou com afinco, e chegou finalmente o dia da primeira prova.

Nasceu um dia abafado, pesado. O Trovão, de quando em quando, gemia sobre as montanhas; viam-se, sobre essas nuvens negras, raios e relâmpagos. Azzy chegou ao quarto onde Lyzza, com a cabeça encoberta o esperava.

O vestido foi passado para um serviçal que tinha a missão de ajudá-la. Lá fora, começou a cair uma fina e fria garoa. Ao longe, Tuazzy murmurava com insistência, às vezes apenas um sussurro, outras um som oco de quem está zangado.

Enquanto Lyzza se vestia para a prova, Tuazzy se movimentou das montanhas para Lugar Nenhum; trouxe consigo negras e pesadas nuvens, acompanhadas de relâmpagos e raios.

Azzy começou a prova, apoiado pela agulha invisível, por alfinetes e linhas de alinhar. Quando ele ajustava o tecido sobre o ombro esquerdo, acima do coração de Lyzza, Tuazzy despejou todo o seu mau humor, num potente trovão acompanhado de uma poderosa descarga elétrica; tudo tremeu. A mão de Azzy tremelicou, e a agulha penetrou no pescoço de Lyzza.

Lyzza deu um grito, Aluzzy pôs-se em prontidão com o grito da amada, e Azzy ficou pálido com sua surpreendente inabilidade.

Tudo aconteceu num repente. A cobra que habitava o corpo de Lyzza escorreu por sua perna mais curta e buscou a porta. Lyzza desfaleceu. Aluzzy sacou a espada e correu atrás da cobra e, antes que ela se transformasse, para seu espanto, em um coelho, ele decepou seu rabo espinhento em forma de espanador. O rabo num frenesi pulou daqui, pulou dali, e ao chegar ao canto de um muro se transformou num vegetal em forma de bola espinhenta. Esse cacto espinhento tornou-se conhecido como Sete Espinhos de Lugar Nenhum.

O restante da cobra transformou-se num coelho sem rabo, que fugiu rapidamente e logo se transformou em uma pomba que voou brilhando em direção às nuvens, rumando para Tuazzy.

Azzy acudiu Lyzza, agora desprovida de seu véu, e viu que ela, trêmula e em murmúrios, transformava-se. Azzy viu o quanto ela era bela. Aluzzy retornou ao quarto e viu o milagre, trouxe de imediato um espelho para que ela, ainda pálida, visse com alegria que tudo tinha voltado ao normal.

Ficaram os três por longos momentos em silêncio. Um sorriso brotava dos lábios de Lyzza, mas ela rapidamente colocou novamente o véu sobre a cabeça, escondendo o rosto.

Aluzzy perguntou o porquê desta ação, e ela lhe disse com tranquilidade – Não quero que o Favorito me veja recuperada. Precisamos agora manter as aparências e pesquisar tudo o que está acontecendo com nosso povo. Chega de sofrimento.

Informaram a Azzy, de quem Lyzza era filha, que contavam com sua discricção e que precisavam de sua ajuda.

Começaram a planejar.

O Favorito já tinha anunciado que na próxima semana iria a Capital prestar contas ao Feitor, e lá permaneceria por um mínimo de trinta dias.

Esse tempo era suficiente para que eles conhecessem em pormenores toda a situação da população que vivia em escravidão, identificassem lideranças e reunissem forças para invadir a Capital e destituir o Feitor.

E assim tudo foi feito. Aguardaram o retorno do Favorito e lhe deram voz de prisão.

Interrogaram o Favorito e descobriram que o Feitor estava muito doente, correndo grande risco de vida; tinha sido ofendido na perna por uma cobra sem rabo. A serpente escapou pelo vão da porta. O serviçal que a perseguiu viu somente um pequeno coelho, também sem rabo, correndo e passando por um minúsculo buraco para o exterior da muralha. A picada deixou o Feitor totalmente abatido, com a perna negra, dores lancinantes e uma febre que o aniquilava.

Entre olhares, eles entenderam tudo o que estava acontecendo.

O Favorito informou ainda que o Feitor tinha solicitado que sua filha retornasse à Capital. Precisava dela ao seu lado, não importava mais a sua situação física; era sua única filha, sabia que ela o amava e só ela poderia salvá-lo e salvar a dinastia Uzzy.

Agora tudo mudava. Lyzza reuniu os líderes, lhes deu as explicações necessárias. Convocou Azzy e Aluzzy para irem com ela à Capital. Azzy, tomando conhecimento da situação, levou consigo os produtos da Nadica, pó da se-

mente que curava muitos males, polpa para fazer emplasto, além de pétalas e do mel como potente energético.

Lyzza cavalgava preocupada com a saúde do pai; apesar de tudo, ela o amava. Aluzzy, por outro lado preocupava-se com Lyzza e com toda aquela população semiescrava que ficara para trás, aguardando dela uma solução para seus sofrimentos. Já Azzy viajava feliz, pois tinha recebido como pagamento um excelente e vigoroso cavalo, estava indo para a Capital acompanhado da filha do Feitor e lá com certeza conseguiria, enfim, sua moeda dupla.



Ao chegarem à Capital, Lyzza, agora com o rosto descoberto, foi saudada pelo povo, pois este a conhecia e sabia que ali habitava um coração generoso.

Encontraram Uzzy em estado desesperador, cercado de curandeiros, benzedores e rezadeiras que pediam a proteção de Tuazzy.

Lyzza pediu que todos se afastassem, observou o pai por minutos. Este sequer a reconheceu. Pediu a Azzy que usasse seus produtos derivados da Nadica.

Uzzy vagava em sonhos e transtornos; entre gemidos e lamentos chamava por Tuazzy.

Azzy limpou a perna, aseou a ferida negra, fétida e inflamada. Tomou de sua caixinha de cristal a agulha invisível; com ela punziu a ferida diversas vezes, e dali escorreu um pus negro. Com ares de profunda magia, a perna até então negra, começou a tomar uma cor rósea. Uzzy gemeu diversas vezes, acalmou-se, entrou em profundo sono, como se estivesse anestesiado.

Azzy aproveitou aquele torpor e aplicou na perna, sobre a ferida, pó da semente. Depois a cobriu com um

emplastro feito com polpa dessecada e mel de Nadica. Misturou ainda mel com pétalas; esse alimento energético seria oferecido ao Feitor quando acordasse.

O Feitor acordou vinte e quatro horas após o procedimento, tomou mel com pétalas e voltou a dormir por mais um dia.

Acordou refeito; a perna estava curada. Pediu para ir ao Templo reverenciar Tuazzy.



Uzzy reverenciou Tuazzy por duas horas. Retornou ao palácio com a paz e a tranquilidade no olhar. Quem o conhecia via que aquele Uzzy transtornado tinha ido embora e dado lugar a um novo homem.

Lyzza de imediato convocou o pai, Azzy e Aluzzy para uma reunião. Relatou que tinha pleno conhecimento do sofrimento e da angústia da população. O povo não suportava mais a carga de impostos, a proibição de entrar na cidadela para reverenciar Tuazzy, fazer compras e consultar os curandeiros.

Os devedores de impostos, exilados em Lugar Nenhum, que trabalhavam na mina de sal e se alimentavam de mandioca e batata doce, tinham se organizado e estavam concentrados no deserto. Ela tinha quarenta e oito horas para levar uma solução; caso contrário aquela multidão se moveria em direção à Capital, pronta para depor e até mesmo matar Uzzy e eleger um novo Benfeitor.

Expôs ainda aos presentes que se esta turba invadissem a Capital, colocava-se em risco a dinastia Uzzy.

Então, Uzzy IV, que a tudo ouviu, falou.

- Quero em primeiro lugar agradecer a vocês por vi-rem me salvar. Agradecer a minha filha que eu exilei em

Lugar Nenhum e, mesmo assim, esteve comigo quando eu mais precisei dela. Agradecer a Aluzzy, que teve paciência, perseverança e protegeu minha filha quando eu virei as costas a ela, mas quero principalmente agradecer a este estranho, vindo de Nada, que realizou procedimentos que me curaram, aliviaram minhas dores, dando a mim a oportunidade de me reaproximar de Tuazzy.

A você Azzy, eu quero recompensar. Como posso fazer isso?

Azzy, então, tomou coragem e se pronunciou:

- Há muito eu desejava vir à Capital, para obter uma moeda dupla, pois ela eu darei, como reza a tradição, ao meu futuro sogro e assim poderei casar com minha amada Tyzza. Tenho comigo produtos de Nadica, pó de semente, mel, flores e polpa dessecadas. Peço autorização para vendê-las a seus curandeiros; serão para eles de grande valia, e com a venda conseguirei minha moeda.

- Azzy, você pode vender seus produtos, mas deste palácio você levará para Nada cinco moedas em agradecimento, além de um passe que possibilitará sua entrada nesta Capital a qualquer momento.

- Lyzza, minha filha, volte com seus amigos ao deserto e diga-lhes que Uzzy IV é um homem modificado, temente a Tuazzy e que estou neste momento abdicando em seu favor a liderança das terras de Zzy. Tenho certeza que você tem a confiança do povo, que fará um governo de paz e amor e que tudo se modificará para melhor, tanto na Capital como em Lugar Nenhum e em Nada. Diga ao povo que me dedicarei a partir de agora ao Templo, serei um sacerdote de Tuazzy.

- Pai! Levarei vossa mensagem ao povo. Creio que serei bem recebida e prometo liderar mudanças, promovendo sempre a paz e a felicidade do povo. Quero ainda



que abençoe minha união com Aluzzy, pois há muito nos amamos e tenho certeza que nossa união será aprovada por toda a população.

- Querida filha, caro Aluzzy, que as bênçãos de Tuzzy se derramem sobre vocês. Que vossa união faça a felicidade de todo o povo de Zzy.

- Desejo, como Benfeitora, nomear Azzy como Favorito de Lugar Nenhum e Nada. Azzy, em meu nome, tem condições de levar justiça, paz e fraternidade àqueles que lá residem e terá recursos para promover o desenvolvimento e a qualidade de vida daquelas populações. Lugar Nenhum produzirá sal em quantidade para atender a toda a população de Zzy; os mineiros do sal trabalharão com ânimo, pois serão, a partir de agora, assalariados, e não mais escravos. Viverão, assim, com dignidade, dando conforto a suas famílias. As culturas da mandioca e da batata doce permanecem, mas incentivaremos a pecuária de leite para a confecção de queijos e manteiga e a criação de pequenos animais, desenvolvendo economicamente aquela região. Em Nada, retaremos a água que vem das montanhas, faremos canais e irrigaremos a Nadica com isso, teremos produção dessa planta maravilhosa para todo o povo de Zzy.

E assim foi feito.



Azzy voltou, em seu belo cavalo alazão, para Lugar Nenhum e Nada como Favorito. Em Nada, já na sua chegada, foi visitar o pai de Tyzza para lhe entregar a moeda dupla e pedir oficialmente a mão de sua bela e adorável filha.

Ao se aproximar da morada, ouviu o choro da mãe de Tyzza, Marytyzza, um choro preocupante e desesperado.

Cachorros anunciaram sua chegada, e Zybezzy veio encontrá-lo ao portão. Conversaram à sombra de frondosa Nadica, e o futuro sogro lhe confidenciou que Marytyzza chorava aos pés da filha, que se encontrava muito enferma, correndo risco de vida.

Azzy correu até a humilde casa e encontrou sua amada prostrada em uma grosseira tarimba. Tyzza estava lívida, dormia um sono pesado; suas reações eram praticamente nulas. E Marytyzza, entre lágrimas, lhe disse que a filha se encontrava assim há três dias.

Azzy, com os olhos úmidos, pegou no interior de seu embornal uma moeda dupla e entregou a Zybezzy, dizendo-lhe:

- Meu sogro! Esta é a moeda que prometi que lhe traria no dia de meu noivado com Tyzza.

- Caro Azzy! Não posso aceitá-la, pois Tyzza beira à morte. Não percebes que ela está com a febre da nuca dura?

- Aceite, meu sogro! Ela beira à morte, mas não está morta. Com fé em Tuazzy, ela vai se salvar.

Com o rosto molhado por lágrimas, após passar a mão no rosto e na testa da enferma e verificar que era altíssima a febre que a consumia, abriu novamente o embornal e de lá retirou o par de brincos que vinha guardando para aquele momento.

- Peço autorização a vós, neste dia de nosso noivado, para colocar este brinco em ouro na orelha de minha amada Tyzza.

O casal, consternado, balançou a cabeça e disse:

- Sim, faça isso. Tyzza certamente ficará muito feliz com este belo presente.

Azzy tomou em suas mãos o lóbulo da orelha e verificou que não havia nenhum orifício para abrigar aquela pequena joia.

Pedi, então, aos pais de Tyzza licença para furar a orelha.

Abriu novamente aquela bolsa azul, feita de fibras, e retirou de lá sua caixinha de cristal, com a agulha invisível.

Tomou a agulha, massageou o lóbulo e esterilizou-o com álcool produzido com frutos fermentados de Nadica. Introduziu a agulha. Tyzza teve um estertor e gemeu; ele fez o mesmo procedimento na outra orelha. Tyzza voltou a gemer; após minutos, abriu os olhos, girou o pescoço, até então endurecido, à procura da mãe e do pai.

Sorriu para Azzy e voltou a dormir. Após descansar por horas, com o noivo sentado a seu lado, acordou. Tinha agora o rosto antes lívido, rosado; sorrindo, pediu água e alimento.

A alegria iluminou aquela morada, há dias triste e sombria.



Noventa dias após, conforme as tradições do povo de Zzy, com a presença de Lyzza, a Benfeitora, e de seu esposo Aluzzy, assim como de toda a comunidade de Nada, Tyzza e Azzy se casaram, e ele pode finalmente colocar em seu pescoço a fina corrente de ouro com crucifixo que havia encontrado no jazigo de José.

Nesse mesmo dia, a Benfeitora e o Favorito inauguraram a primeira represa para conter as águas do degelo e irrigar a Nadica. Azzy aproveitou ainda aquele dia de grande alegria para ele, para Tyzza e toda a comunidade de Nada para inaugurar o Templo em honra a Tuazzy. Queimaram folhas secas e frutos de Nadica em respeito ao deus trovão. O belo local de adoração foi construído

com as moedas duplas que ele recebeu na Capital. Em homenagem a José, o estrangeiro, ele colocou ao lado do Templo, a exemplo do mausoléu, uma cruz em madeira de Nadica.

Muita água foi armazenada nas represas, canais de irrigação foram construídos, novas culturas se estabeleceram.

Reunidos a sombra daquela imensa cruz, que parece proteger aquela comunidade, o povo comenta que agora chove mais em Nada e região, o trovão está mais clemente. Todos estão satisfeitos com a Benfeitora e o Favorito. Olham para o céu com frequência, carregam no pescoço pequena cruz e cultuam com fervor Tuazzy.

Nada e todas as terras de Zzy iniciavam um ciclo de fé, prosperidade e paz.



## O TATU E O RATINHO

Era tardinha quando cheguei do campo, joguei ar-reio e outras tralhas sobre um cepo, sentei num banco em cima de pelegos, tirei as botas, as meias, movimen-tei e estiquei os dedos do pé e fui pedindo um chimarrão para minha prenda.

Estava eu, pensando na vida, quando numa alga-zarra chegou um bando de netos, pulando, brincando, fazendo estripulias, e já foram pedindo – Vovô, conta pra nós um causo! Conta, vovô! Conta, vovô!

Ajeitei-me, servi mais um chimarrão e fui pondo ordem naquela confusão.

- Querem ouvir um causo?

- Sim! Sim! Sim!

- Então, todo mundo sentado e em silêncio. Os maiores sentam nos bancos, os pequenos deitam nos pelegos. Hoje vou contar a história do Tatu e do Ratinho.

Foram se ajeitando, logicamente um empurrão aqui, um beliscão ali, um sorriso. Eu só olhando, tomando meu chima, me fazendo de sério, mas me rindo por dentro. Se acalmaram e começaram de novo – Conta, vô! Conta, vovô!

- Prestem atenção nesta história. Há momentos em que o tatu e o ratinho cantam, e vocês têm que me prometer que vão cantar, com alegria, todas as canções que eles cantavam tão bem.

- Prometemos, vovô!



- Pois meninos, logo ali, abaixo do curral, antigamente tinha uma campina, hoje lavoura de soja, um lagoão aonde vocês banham e a mata que vocês conhecem. Havia muito bicho, muita ave e muito peixe. Neste recanto habitava um tatu, que tinha grandes olhos verdes, contrariando a sua espécie.

Vivia solitário, pois os outros tatus não se aproximavam por causa do tamanho e da cor de seus olhos.

Ele só teve companhia enquanto sua mãe e seu pai eram vivos. Sua mãe morreu nos cascos de um cavalo, e seu pai saiu para comer milho na roça da fazenda e nunca mais voltou.

Daí por diante ele ficou sozinho, tinha uma bela toca, limpa, funda, quentinha, com todo o conforto que um tatu pode desejar.

Em verdade ele tinha a companhia de um ratinho, muito xereta, que volta e meia entrava na toca como se fosse o dono.

Este ratinho, muito esperto, também era diferente. Não há de vê que ele tinha as orelhas e o lombo na cor azul, aquele azul retinto que tinge as penas do pássaro azulão. Andava assim como o tatu, sozinho no mundo.

Em princípio ele detestava aquele rato, mas com o passar do tempo foi acostumando. Enfim era bom ter um vivente por perto.

O ratinho era danado e nas noites mais frias ia se achegando, se achegando, buscando calor, e se o tatu se descuidasse, ele ficava agarradinho, tão pertinho, mas tão pertinho mesmo, que parecia que queria entrar casca adentro.

Assim o tempo foi passando e eles ficaram amigos. Quando o ratinho se afastava muito e demorava a chegar, o tatu sentia a sua falta e ficava preocupado. Teria alguma cobra comido o ratinho? Teria ele caído na sanga e se afogado? Será que o gavião não o tinha apanhado e levado para o seu ninho? Mas para a felicidade do tatu, embora demorasse, o ratinho sempre voltava.

Numa noite de primavera, quando o perfume das flores dançava no ar, acompanhando o voo iluminado dos vaga-lumes, o tatu e o ratinho estavam em frente à toca, observando aquele cenário, quando apareceu o Boitatá<sup>1</sup>.

Eles não se abalaram. O Boitatá visitava aqueles recantos com frequência. No princípio tinham medo e se escondiam na toca. Com o passar do tempo foram se acostumando e já não davam tanta importância àquela luz de um brilho azulado, que andava, parava, corria e andava de novo pelas campinas.

Desta vez era diferente, aquele fogo, aquela luz era maior, se deslocava com rapidez, clareando o capim forquilha. O ratinho olhou para o tatu e viu em seus verdes e estranhos olhos o reflexo daquele fogaréu.

E foi assim se olhando que eles correram para dentro da toca, foram se aprofundando, mas aquela luz os acompanhava, clareando todo aquele buraco, e, num momento, eles estavam envolvidos por toda aquela luminosidade e ouviram uma voz grossa e rouca que lhes dizia e eles entendiam: Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos/ Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos...

Entraram num torpor, num desmaio, dormiram por três noites, dormiram por três dias.

Quando voltaram a si, o sol já ia alto, e o tatu pensou e murmurou, nem ele acreditando no som que emitiu.

---

<sup>1</sup> Fogo fátuo



- Aí, que dor de cabeça!

O ratinho surpreso deu um salto e ficou olhando para o tatu. Como estava enxergando mal, pelo efeito daquela forte luz, também murmurou.

- Ai! Ai! Que dor nas vistas.

Foi a vez do tatu ficar boquiaberto.

Ficaram por longos minutos se olhando, daí um falou e o outro entendeu, o ratinho falou novamente e o tatu compreendeu. Ficaram maravilhados.

Correram para fora, tudo continuava igual. Lembraram-se daquela luz entrando na toca e das palavras "Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos".

Não queriam parar de falar. Com todos os bichos que encontravam eles puxavam assuntos, o ratinho se mostrou um tagarela, o tatu era mais sisudo.



Foi nessa época que construímos uma escola/igreja. Tínhamos como temos ainda hoje muitos peões e suas famílias hospedados na fazenda, precisávamos de uma escola durante a semana e aos domingos necessitávamos de uma igreja. Fizemos uma construção só. Durante a semana servia aos alunos, no domingo o padre vinha fazer as rezas.

Era uma construção em pinho, coberta com telhas de barro, trazidas lá da cidade; tinha uma porta larga, quatro janelas, bancos, um quadro negro, ao fundo um altar para as missas e no canto um confessionário, além de carteiras para os alunos e um armário que guardava livros para leitura e pesquisas.

Nestes dias, o tatu e o ratinho já eram famosos naquelas campinas, falando com toda a bicharada.

O ratinho seguindo o seu costume sumia de vez em quando.

Aonde será que ia o ratinho?

- Ele ia passear, vovô!

- Ele ia procurar namoradas, vovô!

- Ia se banhar no açude!

- Negativo! Negativo! O ratinho subia a ladeira que chegava até o curral, se esgueirava por caminhos que só ele conhecia e chegava até as plantações. Ali ele se fartava comendo sementes de milho, que os papagaios, as araras, as caturritas e até mesmo os macacos deixavam cair no chão.

Comia de encher a barriga e se dava ao luxo de tomar banho de sol.

Como ele agora falava e tinha uma grande amizade pelo tatu, num belo dia convidou-o para ir junto com ele. O tatu ficou encantado com tanta fartura, comeram e comeram até ficarem redondos.



O sol já ia alto quando voltavam. Passaram por baixo da escola/igreja, gostaram muito daquele local, descansaram embaixo da construção, ali era fresquinho, chegaram até a dormir.

Quando iam embora, passaram pelo curral e já iam descer ladeira abaixo, quando o ratinho, curioso, resolveu voltar para ver o interior da escola. O tatu, com preguiça, ficou esperando.

Ao subir a escada de acesso o ratinho deu de cara com uma gata, que depois descobriram chamar-se Framboesa, deitada, ronronando, naquele piso fresquinho.

Foi um upa e teve, e a gata pulou no ratinho, que pulou para um lado e tentou argumentar, usando sua habilidade de conversar. A gata não quis conversa, e o ratinho teve que sair em disparada com a gata nos seus garrões.

Na velocidade que vinha, o ratinho se enfiou embaixo do tatu, que com o susto que levou e vendo a gata se aproximar mal-intencionada, por instinto, se transformou rapidamente numa bola.

A gata, com olhar intrigado, deu um tapa naquela armadura redonda, e o tatu, com o ratinho no interior da bola, rolou, aos pulos, descida abaixo, estacionando junto à lagoa.

O ratinho gritava e reclamava que estava apertado, mas o tatu, com sua calma habitual, foi se abrindo, olhando se a gata os tinha seguido, e lentamente libertou o amigo.

Foi um susto comentado por dias ...

Eles sabiam que tinham que voltar à plantação. Lá havia comida farta. O ratinho, sempre curioso, queria porque queria retornar e entrar naquela escola.



Passou o natal, também passou o Ano Novo, fui para a cidade buscar uma professora, para iniciar as aulas. Encontrei uma loirinha, inteligente, bonita e simpática, com um sorriso largo que formava covinhas e subia até os olhos num brilho de Estrela D'Alva. Identifiquei nela de imediato as características que eu procurava: capacidade, coragem e disposição para assumir uma escola no interior, numa fazenda.

Em fevereiro iniciamos as aulas. Os peões estavam envolvidos com as colheitas de soja, milho e mandioca.

Havia muita fartura no campo, o que não passou despercebido pelos nossos amigos.

Para animaizinhos tão pequenos, era longo o trajeto, da toca para a lavoura e da lavoura para a toca. Fizeram esta caminhada por dois dias, no terceiro, resolveram dormir embaixo da escola, sempre preocupados com a gata Framboesa.

Discutiram o assunto e resolveram morar ali, embaixo da escola. Ficou combinado que no dia seguinte o tatu, para a segurança dos dois, cavaria uma toca no local.

Enquanto o tatu construía a nova toca, o ratinho vistoriou todo o local. Descobriu que um dos alicerces em tijolos, que apoiava o canto direito aos fundos do prédio, possuía uma espécie de escada, por ali subiu e roeu e roeu, crock, crock, crock, o cantinho do assoalho fazendo uma travessia para o interior. Entrou, a passagem ficava atrás do confessionário.

Ficou impressionado com o que viu, voltou e contou tudo para o tatu. O tatu ficou curioso e quis ir ver as descobertas do ratinho. Subiu pela escada do alicerce, mas a toquinha feita pelo rato era pequena e não permitia que ele olhasse o interior do prédio. O tatu ficou decepcionado, e o rato, muito triste.

Mas o rato não desanimou. Trabalhou, trabalhou e trabalhou, crock, crock, crock, até mesmo à noite para alargar a toquinha. Na manhã seguinte o tatu, mesmo apertado, conseguiu introduzir a cabeça com seus grandes olhos verdes e ver tudo o que estava acontecendo na sala de aula.

Ele ficou deslumbrado e passou aquela noite comentando o que tinha visto, aquela criançada lendo, estudando e cantando, principalmente cantando.

No dia seguinte o tatu continuou o trabalho, ampliando a toca, tornando-a mais aconchegante, e o ratinho, à noite quando não tinha ninguém na sala, de aula trabalhou, crock, crock, crock, ampliando o buraco para que o tatu pudesse entrar definitivamente naquele ambiente.

Como vocês bem lembram, o buraco no assoalho era atrás do confessionário. Por segurança o ratinho que era rápido, entrava e se escondia dentro do confessionário; o tatu, por ser mais lerdo, gostava de olhar o interior, não se atrevendo a entrar, embora o buraco permitisse.

Num sábado à tarde, quando eles voltavam da roça onde tinham saboreado um milho-pipoca, o tatu foi para a toca descansar, e o ratinho resolveu tirar um cochilo embaixo do banco dentro do confessionário, local de penumbra, de frescor.



Naquele sábado tinha chegado à fazenda o Padre Damião, para fazer confissões e rezar missa no domingo.

Após o almoço, daqueles que os padres gostam, regados a vinho, ele sesteou, nuns pelegos, embaixo de pés de plátano.

Depois deste cochilo, lá pelas três da tarde, o padre anunciou que ia começar as confissões. Sinhá Otília, preta, gorda e idosa que cuidava da cozinha, já tendo acabado suas lidas, se candidatou a ser a primeira, e assim se foram para o interior da igreja.

Quando o padre sentou no banco do confessionário e a Sinhá se ajoelhou para o início da confissão, o ratinho assustou-se com o movimento, saiu rápido de baixo do banco e naquele escurinho subiu batina adentro, pela perna do padre. O padre deu um grito, sacudiu a batina

e o rato caiu. Damião deu um pulo, saltou fora do confessionário e gritou.

- É um rato! É um rato!

Levantou a batina e saiu correndo, a Otília levantou a saia de chitão e correu também. Mandaram-se, porta afora, desbotados e trêmulos.

Eu ia passando nesta hora, quase fui atropelado por aquele padre cagão.

- O que houve? O que houve?

- Tem um rato no confessionário!

Olhei pros dois, balancei a cabeça e reclamei.

- Nunca vi um casal gordo e covarde como vocês.

Pequei um espeto de churrasco que estava na churrasqueira ao lado e entrei para limpar o ambiente.

Cheguei devagarinho, pé por pé, fui levantando a cortina do confessionário, abri a pequena portinha de acesso, no máximo silêncio, fui acostumando as vistas naquela penumbra e vislumbrei o rato num cantinho embaixo do banco.

Ajeitei na mão o espeto, para dar uma cacetada naquele invasor. Quando eu levantei minha arma, ouvi uma vozinha que me disse:

- Por que vai me matar? Eu não fiz nada!

Olhei para os lados, ainda com o espeto preparado, procurei quem falou comigo, e a vozinha voltou a falar.

- Eu não fiz nada, eu não fiz nada!

Eu, certamente, fiquei com cara de bobo, estaria eu louco, ouvindo um ratinho falar? Larguei o espeto e fiquei olhando aquela figurinha. Ela tremia de medo.

Abaixei-me, devagarinho, tentando pegá-lo, ele foi rápido, escapou, mas não contava com meu chapéu, e eu mais rápido ainda, coloquei o chapéu em cima dele.

Ele chorou, guinchando, corria no interior do chapéu. Eu, com toda a calma do mundo, fui botando a mão devagarinho e peguei o rabo do bichinho.

Puxei para fora, trouxe ele para o mais claro, vi sua estranha cor azul, e ele falou.

- Não me machuque! Não me machuque!

Coloquei-o com cuidado dentro do chapéu e perguntei:

- Quem é você? Como é que você fala?

Ele custou a se recuperar do susto e então falou:

- Eu sou o rato Mané. Moro na toca junto com o tatu Azeitona. Eu o chamo de azeitona porque tem grandes olhos verdes.

Vi logo que o Mané era tagarela...

- O tatu! O Azeitona também fala! Ele me chama de Mané, porque um dia dois meninos passaram correndo em nossa toca e um deles era muito rápido e corria na frente e o outro gritava – Espera, Mané! Espera, Mané! Como eu sou mais rápido que o Azeitona, ele começou a me chamar de rato Mané.

- Quando ele fica zangado comigo me chama de Mané Azulão.

- Onde que é a toca de vocês? E como é que vocês falam?

- Isto é uma longa história, se tiveres tempo eu posso contar tudinho.

Me lembrei então das confissões, o padre e os fiéis estavam do lado de fora, aguardando a notícia sobre o rato. Combinei com o ratinho Mané de nos encontrarmos ao final da tarde e que ele trouxesse o tatu Azeitona.

Saí, avisei ao padre e ao grupo que se encontrava à frente da igreja que o rato fugiu por uma fresta e que a gata Framboesa o estava perseguindo.

Continuei a passos largos, querendo ficar sozinho, pois precisava refletir sobre minha descoberta. Já se viu, rato e tatu falando.

À tardinha, hora da Ave Maria, me esgueirando para não ser visto, entrei na igreja, sentei-me num banco e fiquei esperando. Minutos depois vi o rato entrando, mexendo suas orelhinhas azuis. Logo atrás, se apertando no buraco, um tatu, gordinho e com grandes olhos verdes.

O Mané agora desinibido foi logo subindo no banco em minha frente: o Azeitona mais tímido e recatado, manteve certa distância. Eu quebrei o gelo e falei:

- Te aprocheiga, Azeitona, não tenha medo, sou um amigo curioso!

Ele chegou mais para perto e ficou me olhando. Os grandes olhos verdes refletiam as luzes das velas que tinham sido acesas aos pés da Virgem Maria.

- Mas então me contem! Aprenderam a falar onde? Estão morando aqui neste porão por quê?

Então eles me contaram sua vida: os olhos verdes e grandes, as orelhas e o lombo azul, a discriminação de os de sua espécie, as luzes que os fizeram falar, as aventuras colhendo sementes, a fuga da gata Framboesa...

Foram horas de um bate-papo interessante e inteligente, quando eles demonstraram grande amizade de um pelo outro e da alegria por poderem se comunicar com os bichos e com os humanos, cumprindo o destino que aquela voz anunciou - "Vão falar como humanos/ Vão conversar com os bichos".

- E por que vocês vêm até esta sala?

- Porque aqui é gostoso, abrigado e principalmente porque podemos ouvir a professora tocar violão e as crianças cantarem.



- E vocês aprenderam alguma canção?
- Sim, sim, nós gostamos de cantar!
- Pois então cantem uma!

Os dois se empertigaram e cantaram com uma voz que eu diria afinada. Vamos, meninos, cantem comigo conforme o prometido.

*Capelinha de Melão é de São João  
É de Cravo, é de Rosa, é de Manjeriço  
São João está dormindo  
Não acorda, não!  
Acordai, acordai, acordai, João!*

Após esta apresentação e uma charla que foi longe, eu também lhes contei um pouco de minha vida e lhes prometi que por enquanto eu não contaria nada a ninguém e que eles poderiam continuar morando no porão da escola.

Eles pediram para que eu trouxesse até eles a gata Framboesa, para que eles tivessem oportunidade de conversar com ela, para que fizessem amizade e ela não os perseguisse mais.

Tomei esta providência no outro dia, domingo, também ao final da tarde. A gata no meu colo estava nervosa, queria pular quando os viu, mas à medida que eles foram falando com ela, ela foi acalmando. Eles conversaram numa língua que eu não entendia. Ficaram amigos.

Ao me despedir eu lhes contei que ia casar com a professora e que no dia do casamento eu gostaria que eles cantassem para nós.

- Era a Vovó? Vovô! Era a Vovó? Vovô!

- Sim, claro, vocês não sabiam que a vovó era professora e a mais bela destas paragens?

- Continua, vovô, continua!

Vi que eles ficaram felizes, mas também senti que eles ficaram com medo, pois se muitos os descobrissem eles temiam correr riscos.

Tranquilei-os, dizendo que seria uma apresentação somente para mim e para a minha noiva, a professora, que certamente adoraria um show deles no dia do seu casamento.

Depois deste nosso encontro ficou combinado que, quando eu quisesse falar com eles, o faria na hora da Ave Maria. Entraria na igreja, bateria a bota no assoalho e eles viriam. Se eles quisessem falar comigo, mandariam recado pela Framboesa, que me faria sinal.



Três meses depois desta conversa, chegou o dia do casamento.

Foi a maior festança da região.

Casamos pela manhã, com missa às dez horas, churrascada, cantoria, trovas e danças a tarde toda.

Quando eu passava dançando com a noiva, às vezes com a sogra ou com outra convidada, eu bispava o buraquinho, e lá estava o Mané ou o tatu espiando.

Ao anoitecer a gauchada foi embora com a barriga cheia e com o solado das botas liso de tanto dançar.

Quando todos finalmente se retiraram, convidei a noiva para ir, novamente, até a escola, queria lhe fazer uma surpresa. Pedi que ela levasse junto o violão.

Lá chegando sentamos num banco, lhe pedi um pouco de paciência e bati com o calcanhar da bota no chão.

Esperamos alguns minutos, aponte para o cantinho, para o buraco e lá se vinham o Mané e o Azeitona. A professora, agora minha esposa, ficou espantada com o que estava vendo.

No princípio entendi que ela ficou atemorizada, afinal um rato, um tatu, mas quando eu falei com eles:

- Mané! Azeitona! Se cheguem!

Eles responderam com timidez:

- Boa noite, felicidades!

Ela ficou surpresa, mais que surpresa, encantada. Contamos a ela todos os acontecimentos, eu falava um pouco, eles completavam. O Mané azulão falava e falava e queria falar mais.

A professora logo compreendeu o fenômeno e a necessidade de mantermos o sigilo para a segurança deles. Na ânsia de descontraí-la e surpreendê-la ainda mais, pedi que apanhasse o violão e o dedilhasse para que eles mostrassem seus talentos e cantassem as músicas que aprenderam enquanto ela ensinava os alunos.

Foi assim que o ambiente se encheu de alegria quando eles cantaram. Crianças, cantem comigo para recordarmos aqueles momentos! Vovó pega o violão! Toca como naquela noite!

E assim cantamos.

*O cravo brigou com rosa*

*Debaixo de uma sacada*

*O cravo saiu ferido*

*E a rosa despedaçada*

*O cravo ficou doente  
E a rosa foi visitar  
O cravo teve um desmaio  
E a rosa pôs-se a chorar.*

Naquela noite, que já se perdeu no tempo, vi que lágrimas de surpresa, alegria e emoção escorriam dos olhos da minha eterna namorada.

Mas surpresa maior estava por vir, pois o tatu, que pouco falava, mas era perspicaz, disse que queriam cantar uma música em nossa homenagem, nos cumprimentando pelo casamento e nos desejando felicidades. Música esta que, segundo o Azeitona, aprenderam ouvindo uma galena que tocava na cozinha da fazenda.

Vamos lá criançada acompanhem o vovô e a vovó. O ratinho e o tatu cantaram assim:

<i>Se essa rua</i>	<i>Nessa rua</i>
<i>Se essa rua fosse minha</i>	<i>Nessa rua tem um bosque</i>
<i>Eu mandava</i>	<i>Que se chama</i>
<i>Eu mandava ladrilhar</i>	<i>Que se chama solidão</i>
<i>Com pedrinhas</i>	<i>Dentro dele</i>
<i>Com pedrinhas de brilhante</i>	<i>Dentro dele mora um anjo</i>
<i>Para o meu</i>	<i>Que roubou</i>
<i>Para o meu amor passar.</i>	<i>Que roubou meu coração.</i>

A emoção se instalou em nossos corações e lágrimas de alegria e felicidades escorreram por nossas faces.

Aos domingos, ao término da missa, quando todos se afastavam, nos encontrávamos, conversávamos, cantávamos. Eram momentos de alegria e de leveza em nossos corações...

O tempo passa empurrando as estações, e os trabalhos na fazenda cresciam a cada dia. Precisei buscar novos ajudantes, e numa leva de campeiros, chegaram o Zeca a mulher e dois filhos.

Instalei-os em um rancho próximo da sede. O Zeca, um índio grosso que nem dedo destroncado, mas excelente campeiro e posteiro, a mulher boa cozinheira, fazia pães e cucas maravilhosas, além de asseada e caprichosa. Mas os meninos, o Jair, de apelido meio-quilo, e o Valdir, o sarará, eram da pá virada.

Frequentavam a escola pela manhã. À tarde “reviravam a fazenda pelo lado do avesso”, cada um com seu bodoque, andavam por matas e capoeiras, caçando passarinhos, derrubando ninhos, casas de João-de-Barro e mandando pedra em qualquer bicho que passasse em seus caminhos.

Certa tarde, saíram a caçar ninhos de galinhas, passarinhos e o que mais encontrassem pela frente. Procura daqui, procura dali, e uma galinha cantou saindo, debaixo da escola. Correram pra lá e viram o tatu próximo da toca. Eles não tiveram dúvida: mandaram pedra. Uma acertou no tatu de refilão, ele entrou na toca ferido, o ratinho lá se encontrava e ficou branco de medo e de pena do tatu.

Ouviu os meninos dizendo:

- Amanhã nós voltamos, vamos trazer uma enxada, cavar e apanhar aquele tatu.

O Mané procurou a gata Framboesa contou a história. O tatu estava ferido sem gravidade, estavam com medo e iriam embora e gostariam de falar comigo ainda aquela noite.

A gata saltou no meu colo, pulou no chão, passou as unhas na minha bota e correu em direção à escola.

Reparei pela velocidade da Framboesa que o caso era de urgência. Fiz sinal para a Margarida e fomos para a escola.

O Mané já estava lá, nervoso que chegava a gaguejar. Nos contou os detalhes e a decisão de voltarem para a sua antiga toca.

Tentamos demovê-lo da ideia, mas ele estava muito temeroso. Pedimos então que buscasse o tatu, para vermos seu estado.

Passados alguns minutos o tatu chegou, e sua carapaça apresentava um corte que tinha sangrado, mas que estava bem.

Conversamos muito. Margarida fez um curativo, eles nos explicaram onde ficava a velha toca e que partiriam ao raiar do sol.

Despedimo-nos já com saudades. Tínhamos os olhos molhados.

Margarida apanhou uma fita de tafetá que enfeitava um quadro de avisos e pediu que eles a colocassem na entrada da toca, facilitando assim a identificação do local.

Queríamos logo encontrá-los para matar a saudade de tão estranhos e especiais amigos.



No final de semana, apanhamos varas de pescar, para disfarçar, descemos em direção ao lagoão e daí entramos na mata seguindo a orientação do tatu.

Caminhamos por caminhos e trieiros, estávamos quase desistindo quando vimos a fita vermelha, balançando ao vento, presa em raminhos de marcela. Ficamos felizes, procuramos e procuramos a toca. Encontramos uma a uns cinquenta metros da fita, concluímos que o

vento a levou para longe. Para nossa tristeza a toca estava abandonada, tinha rastros de rabo de tatu e umas pegadinhas que poderiam ser do rato.

Voltamos àquele local e aos arredores diversas vezes, durante meses, aos domingos após a missa, e nunca mais os encontramos.

Acho que eles se escondem, não querem mais contato com humanos, pois sabem a maldade que habita em nossos corações.

Passou um longo tempo, mas eu sabia e meu coração confirmava que eles estavam lá.

Certa noite, noite de lua cheia, estávamos como de costume sentados em nosso banco, em frente à casa. O minuano tocava viola nos fios das cercas. Eles se aproximaram. Nós não os víamos, mas sentíamos suas presenças. E, eles cantaram. Hoje eu sinto que foi como uma despedida.

*Meu limão, meu limoeiro,  
Meu pé de Jacarandá  
Uma vez tindolelé  
Outra vez tindolalá.*

A seguir o Boi Barroso, certamente nos homenageando,

*Eu mandei fazer um laço,  
Do couro de um jacaré  
Pra laçar meu boi barroso  
No cavalo pangaré*

*Meu boi barroso, meu boi pitanga,  
O teu lugar é lá na canga.*

*Eu mandei fazer um laço  
Do couro da jacutinga  
Pra laçar meu boi barroso  
Lá no alto da restinga.*

Depois deste recital, do qual não consigo esquecer, eles sumiram, não tivemos mais notícias. Mas algo estava por acontecer, e de fato aconteceu.

Numa noite sem lua em que as estrelas com sua luz mortiça se banhavam no lagoão e o perfume do jasmim e das laranjeiras enchia o ar, abateu-se um silêncio sobre a natureza: as vacas que mugiam acompanhando os terneiros calaram, os sapos que coaxavam silenciaram, a coruja que piava sobre um moirão emudeceu, a gata Framboesa arrepiou, até o vento amainou criando uma espécie de vácuo. O som estava amordaçado.

Surpresos, levantamo-nos e vimos um grande boitatá saindo da mata, circulando o lagoão, logo veio outro do mesmo tamanho, corriam e dançavam. Tinham eles aquela luz pálida como a luz da Estrela D'Alva. No entanto ao contemplar com mais apuro, constatava-se que uma das luzes em sua palidez era de um verde sutil, enquanto a outra se apresentava com nuances azuladas.

O silêncio persistia, só existia aquele show de luzes iluminando o lagoão, e, de repente, como impulsionados por uma força sobrenatural, deram uma grande volta sobre as casas. Foi quando vimos naquelas bolas luzidas e transparentes, na azulada a forma de um ratinho e na



esverdeada de um tatu. Deram ainda uma volta sobre a mata e lançaram-se ao espaço, numa velocidade inacreditável. Seguiram em direção ao Cruzeiro do Sul.

Ouviu-se um som, um baque, um puff... E os boitats se transformaram em estrelas.

Como por encanto, sons e os movimentos voltaram, o vento chegou com força redobrada zunindo pelas canhadas. Até o perfume das flores ressurgiu.

Se vocês olharem em direção ao Cruzeiro, com muita atenção, vão enxergar lá duas estrelinhas, uma com brilho azulado e outra com o brilho esverdeado.

- Agora vão, tomem banho, jantem, escovem os dentes e venham então olhar o Cruzeiro do Sul. Mas já adianto: só vão enxergar a estrelinha azul e a esverdeada àqueles que têm o coração puro e leve.

- Vovô, eu tenho o coração puro e leve?

- Não sei! Depende! Se você é um menino obediente que não teima, não responde, toma banho, escova os dentes, estuda, não judia os animais, reza todas as noites e respeita os mais velhos, então, você tem o coração puro e leve.

Agora vão e não se esqueçam de ajudar a vovó a arrumar a mesa para o jantar.

- Hei! Hei! E o beijo? E o abraço no vovô?

- Hum! Que gostoso.

## A TERCEIRA CADERNETA

Manecão, Manoel Garrido, vinha de uma família abastada. Ficou órfão de mãe aos doze anos e foi criado pelo pai que faleceu quando ele tinha vinte.

Tinha um irmão um ano mais novo, o Alexandrino. Com a morte do pai, repartiram campos, gado, casas e algum dinheiro.

Este irmão, conhecido por Alex, era dedicado aos estudos. Com o dinheiro e a venda do gado, foi para a capital e se formou advogado. Retornou aos pagos como Dr. Garrido.

Dr. Garrido se casou na meia-idade, com Clara, filha e herdeira única de um fazendeiro de Santa Bárbara. Afamado como bom causídico estava rico e enriqueceu mais com este casamento. Desta união nasceu Bibiana, Bia.

Por sua vez, Manecão se largou no mundo. Enquanto o irmão estudava ele gastava a herança, na farra, na bebida, com a mulherada e com jogos de toda a espécie, vendo a fortuna lhe escorrer pelos dedos. Nesta vida larga andou por Minas Gerais e por Goiás, comprando e vendendo gado, andando de garimpo em garimpo. Nestes ambientes de força e destemperamento, mostrou sua coragem, brigou e apartou brigas, feriu e foi ferido, roubou e matou.

Voltou ao Boqueirão pobre e debilitado. Três má-lérias conseguidas às margens do Rio Araguaia, deixaram suas marcas.

Procurou o irmão famoso e frequentador da alta sociedade. Foi recebido com frieza. Dr. Garrido não aceitava que o irmão que tinha sido o seu ídolo em criança agora fosse quase um mendigo.

Embora contrariado, Alex entendeu que não podia deixar o irmão ao desabrigo. Deu-lhe um terreno, fruto ainda da herança, que estava esquecido no meio de um matagal, junto a algumas chácaras na saída da cidade em direção a Soledade, e ofereceu-lhe condições para que se mantivesse e construísse um rancho.

Aconselhou-o a procurar emprego, fazer algo de útil, se emendar, casar, ter família e honrar o nome Garrido do qual, tanto orgulho tinha o pai.

No entanto, à medida que observava o irmão, a raiva foi amainando, por fim, abraçou-o e quase em lágrimas lhe desejou boas-vindas, boa sorte e disse que lhe auxiliaria no que fosse preciso.

Por sua vez Manoel disse que tudo seria por empréstimo e que um dia lhe pagaria.

Saíram do escritório, abraçados, em direção à Penção Dona Maria.



Tinha sido uma noite daquelas. Uma chuva caudalosa tamborilou com insistência no telhado, o minuanho que chegou rugindo e criando redemoinhos deslocou uma telha e fez brotar uma goteira, que pingava com o barulho de um pequeno tambor. Não parou de bater um momento sequer, até o clarear do dia. Encheu com uma água turva a lata de querosene, colocada, bem ali, no canto do quarto, para evitar estragos e manchas no tapete novo de linóleo.

A noite mal dormida foi compensada por um lindo dia que se anunciou com o sol brigando para rasgar

as últimas nuvens, formando um colorido de aquarela, vermelho, amarelo, azul e branco, numa barra do dia de tirar o fôlego.

Maria, ou Maria Roncadeira, como também era conhecida, abriu a janela do quarto, jogou fora a água acumulada na lata e se pôs a observar o espetáculo do nascimento de mais um dia, que prometia ser quente e suarento. Pensou, hoje vou ter que usar o lenço para secar o dia todo este suor que teima em correr pelo meu pescoço.

Ouviu na rua de baixo o relincho do cavalo do pai-deiro, o latido de um cão e o último apito do guarda noturno em algum canto daquele quarteirão.

Espreguiçou-se e começou a tirar os papelotes do cabelo, em frente ao espelho de uma sólida penteadeira em imbuia que formava com a cama o guarda-roupas e o criado-mudo um belo conjunto.

Sobre a penteadeira, entre pós, batons, perfumes, pentes e escovas, repousavam as imagens de Santo Antônio e de Santa Luzia. Em frente a elas, uma vela de sete dias queimava com sua luz mortíça em pagamento a alguma promessa.

Coladas no espelho fotografias de Francisco Alves e de Carlos Gardel, sobre o criado-mudo um rádio Philips, na lateral do qual estava grudada parte da capa da revista O Cruzeiro, mostrando uma foto da Seleção Brasileira de Futebol.

Na parede, em um quadro fotográfico com moldura oval, destacavam-se sentados em um banco os pais de Maria, ele com uma espingarda de dois canos ao colo e ela fazendo crochê, tendo aos pés um cachorro de caça e nos laterais vasos de flores.

Maria, como de costume, passou a mão sobre o quadro em um gesto de carinho, como sempre fazia ao

se levantar, suspirou e lembrou com saudades destas pessoas tão queridas e importantes em sua vida e que lhe tinham deixado a Pensão Dona Maria como herança, a qual gerenciava com tanto amor e dedicação.

Voltou a se espreguiçar, sentindo todo o perfume daquele ambiente feminino, e, quando ia passar um batom nos lábios, foi surpreendida por batidas, nervosas, na porta de sua pensão.

Arrancou o último papelote que tinha ficado preso em um fiapo de seu cabelo amarelo-avermelhado. Para se proteger, vestiu um penhoar, e foi ver o que era aquela bateção em hora tão imprópria.

Para sua surpresa e até mesmo alegria, era o seu afilhado, o Valentim, que há muito não via, filho do Manecão, seu compadre.

- Por Deus, guri! Que surpresa! Como chegaste até aqui? Não estavas na capital?

Ele lhe deu um aperto de mão e um beijo na bochecha.

- Madrinha, deixa-me entrar, não vou lhe abraçar, pois estou todo molhado. Depois eu lhe explico tudo.

- Entre, entre! Vá ao banheiro, tome um banho quente, troque de roupa, vou lhe arrumar um quarto, tem cara de que está muito cansado.

- Obrigado, madrinha, muito obrigado!

- Se quiser durma um pouco, vou arrumar o quarto cinco. Se não quiser dormir, venha para a cozinha tomar um chimarrão e um café forte que vou preparar.

O Valentim deitou. Maria recolheu no banheiro suas roupas molhadas e as colocou para lavar. Entrou no quarto pé por pé e se pôs a observar o afilhado, moço bonito, cabelos negros, barba por fazer, médico na capital. Seus traços, embora mais suaves lembravam o pi-

poqueiro Manecão; os olhos verdosos eram da mãe, sua ex-funcionária e amiga, Elizabetha de Jesus, Beta.

Filho único, ele era o orgulho e a alegria do pai. Maria balançou a cabeça e voltou pensativa para a cozinha...

Valentim abriu os olhos. Estava muito cansado, mas não conseguia dormir, se revirava na cama, pensava em tudo o que estava acontecendo.

Veio-lhe à mente Isabela, lembrou-se da menina magrela, agora sua noiva, colega de profissão, médica, seu amor de idos tempos, amiga e confidente. Aquela menina transformou-se já na adolescência em bela mulher com olhos azuis claros, como contas de água marinha, cabelos na cor palha de trigo, cortados à altura do queixo, que refletiam intensamente a luz do sol. Ela não se dava conta, mas era uma bela mulher. Estava saudoso, mas graças a Deus ela estava em São Paulo num curso médico. Estava a salvo, não corria risco de vida, abrigada junto ao tio Raul, que tinha a proteção do Presidente.

Lembrar-se da noiva e seu perfume lhe deu uma ereção; ele se colocou em posição fetal e acomodou as mãos nas virilhas.

Estava nesta posição, confortável, ajeitando-se para cochilar, ao calor das cobertas, quando lembrou que precisava avisar o pai que se encontrava na cidade. Levantou-se, foi até a cozinha. Maria o viu e foi reclamando na hora.

- Vai te deitar, menino, tu precisas descansar.

- Madrinha! Preciso avisar o papai que estou aqui. Mas ninguém mais pode saber que aqui estou.

- Entendi! Vou mandar um recado para ele vir me ver com urgência. Vai deitar, fique tranquilo.

- Valentim voltou para o quarto, deitou-se e foi pegando no sono lentamente, ouvindo movimentos na cozinha e nos quartos. A saudade de Isabela voltou.



Maria sentou-se na cadeira de balanço, pegou a banda de um saco de algodão, alvejado, e começou com agulha de crochê e linha a fazer bicos no entorno. Transformaria aquele tecido, macio e alvo, em uma toalha de rosto onde já estava, inclusive, bordada em linha Cléa rosa a expressão "Bom Dia".

Naquela faina em que mãos experientes transformavam automaticamente linha e tecido em um ser belo e único, Maria se pôs a pensar no Manecão e na sua família...

Lembrou que quando Manuel Garrido chegou de volta, o irmão, Dr. Garrido, trouxe-o para a sua pensão. Havia muita amizade entre eles. Alex temia que, se pagasse um hotel de luxo no centro da cidade, seria manter o Manecão numa vida de esbórnica, por outro lado, ela, Maria sua amiga e cliente, ficaria de olho no Manecão. Qualquer desvio, o informaria.

O pagamento foi feito adiantado por noventa dias, tempo que o advogado entendia suficiente para que o irmão limpasse o terreno e construísse uma habitação. Dadas as chuvas e a outros contratemplos este prazo foi estendido por mais sessenta dias.

Manecão era carismático e fez grandes amizades com todos na pensão. Contava e recontava histórias de suas aventuras, caçadas, pescarias, onças e sucuris. Descrevia com detalhes tudo o que tinha visto e na descrição enfeitava os lugares por onde tinha andado, as frutas com nome estranho que o tinham alimentado,

os costumes da região e a necessidade de dormir sobre redes, muitas e muitas vezes, sob a luz do luar.

Havia se recuperado fisicamente com a “boia” da Maria. Dos sofrimentos por que tinha passado, restavam mechas precoces de cabelos brancos.

O sinal mais positivo da recuperação do Manecão, como Maria confidenciou a Alexandrino, foi que o Manoel nunca mais bebeu ou procurou jogo, fosse ele carteadado ou outro qualquer.

Trabalhava na pensão, alguns anos mais nova que Maria, uma solteirona de apelido Beta, já chegando aos trinta anos, para ser mais preciso tinha vinte e nove, simpática, empreendedora, hábil nas lides domésticas e de um imenso coração. Não era solteira por feia ou falta de atrativos; pelo contrário, era de uma beleza singular, morena de olhos claros, corpo bem feito, sorriso alegre e um olhar ligeiro que a tudo observava. Não tinha casado, embora inúmeros pedidos, por ter nos últimos dez anos cuidado do pai, velho e enfermo, e que tinha falecido no derradeiro verão.

Começou ali um namorico que se transformou numa caliente paixão. Como Beta não tinha ninguém por ela, o Manoel a pediu em casamento para Maria.

Ao lhes abençoar, Maria os lembrou de que um casamento feliz e duradouro se constrói sobre a verdade e sobre o conhecimento que um noivo tem do outro e que seria oportuno que todas as experiências vividas fossem confessadas para que, quando se concretizasse o casamento, velhas histórias não embotassem a felicidade.

Foi assim que o Manecão contou com toda a franqueza à noiva Elizabetha e à Maria todas as suas aventuras, inclusive brigas, desavenças e roubos. Ao encerrar a narrativa lágrimas lhe escorriam pelas faces, tinha desabafado. Dizia sentir-se leve e muito arrependido.



Não contou, no entanto, que ao matar um garimpeiro, após uma briga de facão numa picada, tinha jogado o desafeto numa lagoa para ser devorado por jacarés, bem como não mencionou o fato de ter deixado um nordestino que lhe tinha roubado algumas pepitas de ouro atado à beira de um remanso para ser devorado por onças que por ali vagavam ou por sucuris que moravam naquelas águas. O nordestino nunca mais foi visto.

Maria abençoou-os novamente entre abraços e afirmou que tudo o que ali tinha sido contado seria esquecido para todo o sempre.

Beta não se sabe se por ser solteirona e ver naquele casamento sua última cartada, ou se por estar apaixonada, ou ainda por entender que todos merecem novas oportunidades, pediu ao noivo que fosse à igreja, se confessasse, pagasse em penitências seus erros e pecados e todo aquele passado que de certa forma o atormentava seria esquecido. Eles tinham um futuro para construir.

Após olhar o relógio, Maria levantou-se, foi até o fogão, mexeu o braseiro, ajeitou umas achas de lenha, mergulhou em banho-maria dentro de robusta panela de alumínio três potes com doce de abóbora. Sentou-se novamente na cadeira de balanço e voltou a refletir.

Dias depois o rancho ficou pronto, uma construção simples em pinho, pintado a cal, com as aberturas e o beiral pintados a óleo na cor verde-bandeira. Cinco peças: uma sala, uma varanda conjugada com a cozinha, dois quartos, um banheiro com chuveiro manual em la-tão e, nos fundos, uma privada.

A vizinhança era pouca, a mais próxima era Dona Hildegard, viúva de um deputado contemporâneo do Presidente Getúlio; trabalharam juntos por anos na Assembleia Legislativa. Os filhos, de quem tanto se orgulhava, moravam no Rio de Janeiro, sendo que Raul, o caçula,

advogado e solteiro era figura importante no Palácio do Catete, o outro, Renato, era engenheiro civil, há pouco casado.

Dona Hildegard estava aquerenciada e não queria, embora a insistência dos filhos, se mudar para a capital federal. Morava em companhia de uma preta velha que a ajudou a criar os gurus, amiga e companheira de tempos, que levava o nome de Francisca. Era conhecida por todos como Tia Chica, e os meninos, Raul e Renato, a chamavam desta forma, desde quando estavam nos cueiros.

O tempo estava passando, e os dias que o Dr. Garrido tinha pagado na pensão estavam se esgotando. Manoel precisava mobiliar a casa, comprar roupas e mantimentos para poder se casar com a Beta e nem emprego ele tinha, pois nos últimos meses tinha se dedicado à construção da pequena moradia.

Lembrou-se, então, que se o irmão tinha um terreno fruto da herança ele também deveria ter um. Não se lembrava de ter feito venda desse tipo em momento algum.

Fez uma consulta ao cartório e descobriu que possuía um terreno lindeiro à chácara da Senhora Hildegard.

Acompanhado de Beta e da própria Maria, num sábado à tarde, visitou Dona Hildegard e Tia Chica.

Após tomarem chá de erva-cidreira com cuca e bolachas de nata em meio a uma conversa longa e afável, Manecão ofertou o terreno e contou o desejo de se casar imediatamente com Beta. Hildegard se interessou e ficou muito feliz, porque teria na sua vizinhança conhecidos, pois, enfim, conhecia Dona Maria, conhecia a Beta e seus ancestrais, eram gente dali, daquelas redondezas. Combinaram o preço e Hildegard ficou de consultar os filhos no Rio de Janeiro, daria a resposta tão logo fosse possível.

A resposta positiva aconteceu dali a poucos dias.

Quando informou a positividade do negócio, Dona Hildegard estava muito feliz, não só pela transação em si, mas também porque ficou sabendo que sua nora, mulher do engenheiro, estava grávida e lhe daria o primeiro neto ou neta.

Conforme o planejado, com os recursos, foram comprados os móveis, feitas as instalações elétricas e adquiridas roupas para o Manoel. A noiva tinha enxoval.



Tudo estava se encaminhando para um desfecho feliz, no entanto, Manoel não tinha emprego, não tinha profissão nem estudo e sequer recursos para empreender qualquer negócio. Foi quando, com aquele jeitinho que as mulheres têm, numa conversa carinhosa ao pé do ouvido, que Beta, mesmo temendo a reação do Manecão, ofereceu-lhe o carrinho de pipoca no qual seu pai trabalhou por anos e anos e do qual tirava o sustento da família.

Manecão balançou a cabeça, caminhou de um lado para outro e, imitando os nordestinos com quem conviveu por muito tempo em lides passadas respondeu:

- Sei não! Sei não! Nunca fiz pipoca!

- Não se preocupe, amor! Eu te ensino, enfim, ajudei meu pai durante muitos e muitos anos.

Manecão matutou e matutou por longos minutos, tamborilou com os dedos na mesa, olhou pensativo no fundo dos olhos da Beta e indagou:

- Onde está este carinho? Precisa de conserto?

- Está no galpão da casa do compadre de meu pai, Sinhozinho Tônico. Precisa de pintura, da troca de um vi-

dro que foi quebrado e de arear as panelas, e outros pequenos consertos, o que nós com certeza podemos fazer.

Consertaram.

O casamento aconteceu, por coincidência, na mesma semana do nascimento da filha do Alexandrino, Bibiana. A festa foi simples, com o mínimo de convidados. Apadrinhou o noivo seu Irmão Alex e a noiva, Dona Maria. Dona Maria levou para o rancho que foi inaugurado neste dia pastéis, torta fria e cachorro-quente; Dona Hildgard e Tia Chica levaram o bolo e docinhos miúdos; Alex levou as bebidas. Estavam ainda presentes moradores da pensão e a família do Sinhozinho Tônico.

Para a alegria dos irmãos, estava também presente o único parente que morava nas redondezas, Tio Florenal, conhecido como Tio Flor, que tinha vindo de Palmeira das Missões, onde possuía uma afamada ervateira.

Tio por parte de pai, o último de uma ninhada de onze irmãos, era apenas três anos mais velho que Manecão. Não trouxe a mulher, que, segundo ele, estava grávida de dois meses e não era prudente enfrentar a estrada de Palmeira a Santa Bárbara, com buracos, lamaçais e atoladouros onde ele pegou o trem para chegar ao casamento.

Estavam alegres com a presença deste parente muito querido, mas tinham também suas preocupações, pois era sabido que Tio Flor vivia maritalmente com uma mulher, jovem para ele, que tinha buscado em um cabaré na zona do meretrício em Ijuí.

Após a cerimônia Manoel se dirigiu aos convidados com o braço sobre os ombros da noiva; discorreu sobre sua vida e declarou que este era um dia especial, dia em que ele estava reencontrando a felicidade. Agradeceu ao irmão, tinha agora uma esposa, uma casa, amigos e, na segunda feira, começaria a trabalhar.

Foi até os fundos da casa e trouxe para surpresa geral um flamante carinho de pipoca, pintado e totalmente reformado. Na lateral gravado em letras negras rebuscadas sobre fundo em alumínio, lia-se "Pipoca da Beta".

O casal foi muito aplaudido...



Há os que dizem não acreditar em destino. Estas pessoas não são boas observadoras e não têm paciência para analisar os fatos ao longo do tempo, pois o destino não acontece de um dia para o outro; o destino é tecido ao longo do tempo. Às vezes leva décadas para mostrar ao que veio...



Sete meses após as bodas, nasceu em Palmeira a filha do Tio Flor, que levou o nome de Talita. Poucos meses depois, para a alegria do Manecão, Beta deu à luz um menino de nome Valentim, cujo significado é valente, forte, cheio de saúde.

Manoel Garrido demonstrou ser um homem mudado, um ótimo pai de família. Vender pipoca era um bom negócio, com excelente margem de lucro. Bastava ter freguesia, e ele tinha. Tinha um ponto estratégico na esquina da praça principal, em frente ao cinema e no trajeto de uma meninada que vinha das escolas localizadas na avenida abaixo, além, é lógico dos inúmeros namorados que povoavam aqueles bancos nas tardes fagueiras e jogavam pipocas para os pombos e para os peixinhos no lago central.

Acumulou experiência e viu que poderia ganhar mais dinheiro no ramo da alimentação. Assim construiu

um novo carinho, contratou um ajudante e passou a vender também cachorro-quente, principalmente nas madrugadas após os bailes que aconteciam com frequência nos diversos clubes da cidade. Mais adiante, ainda, ele passaria a vender amendoim torrado, especialmente nos jogos de futebol, ampliando seus ganhos e seu comércio.

Elizabetha, além das suas atividades domésticas e de cuidar do filho, visitava com frequência as vizinhas Dona Hildegard e Tia Chica.

O Valentim se transformou no xodó de Dona Hildegard, que viu no menino uma inteligência ímpar. Aos cinco anos, ele sabia ler e fazer as quatro operações. Nas tardes de sol, quando o minuano dava uma trégua, se sentava com ele em um banco de madeira com braços de ferro fundido sob um alpendre com travessas de taquara, coberto por uma trepadeira de flores vermelhas; nas laterais floresciam hortênsias brancas, roxas e rosas. Em um canto, um pé de Jasmim-do-cabo, que, quando, branco de flores, perfumava o ambiente, beija-flores e abelhas circulavam dando ao recanto um ar de sonhos.

Neste local perfumado e tranquilo ela lia histórias para ele, enquanto Beta ajudava Tia Chica em atividades domésticas, e rapidamente percebeu que o menino aprendia a ler com incrível facilidade.

Quando Valentim chegou à idade escolar, sete anos, Hildegard conseguiu uma bolsa de estudos na melhor escola particular da cidade, a mesma escola em que sua prima Bia estudava e na qual poucos meses depois chegaria para estudar, vinda de Palmeira, Talita. Desígnios eram tramados. Eles ainda não sabiam, mas em breve receberiam Isabela.

Se por um lado Valentim ficou feliz com a nova escola, por outro sofria, pois, os coleguinhas o chamavam de pobretão e filho do pipoqueiro.

Foi na semana em que se iniciariam as aulas, numa tarde triste, sufocante, em que nuvens negras se formavam para os lados do chovedor, que Hildegard recebeu um telegrama que mudaria destinos. Estavam as mulheres na cozinha tomando chimarrão e encadernando com papel de cera os cadernos que o Valentim levaria para a escola. Hildegard sentou-se junto ao fogão, abriu o telegrama e começou de imediato a tremer, chorar e em gritos roucos dizia não acreditar, que tudo era mentira. Desmaiou, derubando ao chão aquela missiva agourenta. Tia Chica e Beta a colocaram deitada no sofá. Beta passou álcool em seus pulsos e Vick no peito e pescoço. Tia Chica trouxe salamunhaco<sup>2</sup> e a fez cheirar. Ela voltou, enlouquecida, não conseguia falar, só chorava. Para entender o acontecido Beta apanhou o telegrama onde se lia – Mamãe, lamento informar que Renato e esposa faleceram em brutal acidente de carro pt Providencie os funerais pt Em breve levarei Isabela pt Com tristeza Raul pt



No mês seguinte, após longa e cansativa viagem de trem, Raul chegou com Isabela, que veio para morar com a avó, já que continuava solteiro e a menina só tinha a ele e a avó paterna. Isabela era uma menina com sete anos, magrela e desengonçada, naquela fase em que as crianças trocam os dentes e começam a espichar. O rosto fino tinha como moldura longos e encaracolados cabelos, num perfil suave e triste, mas quem a olhasse com maior cuidado veria que ali estava a matéria prima para uma futura linda mulher.

Valentim, foi encarregado, juntamente com Bia, de ambientar Isabela, tanto nos arredores quanto na escola.

<sup>2</sup> Sal amoníaco

Tio flor providenciou em mandar Talita para a casa do sobrinho Alexandrino. Se por um lado ela precisava iniciar os estudos e teria como colega e amiga a prima Bia, por outro precisava do apoio, do acompanhamento e das instruções de Tia Clara. Uma menina precisa ter uma mulher por perto, e a mãe de Talita há muito tinha ido embora.

Tiana ou Sebastiana, mãe de Talita, como era a preocupação de Manoel e Alexandrino, não aguentou ficar amigada com o Tio Flor por muito tempo. Dois anos após o nascimento da menina, fugiu com um atirador de facas do Circo Norte-Americano que passou por Palmeira em direção a São Paulo. Tio Flor e Talita nunca mais a viram.

Tio Flor criou a menina como pôde, contando com o auxílio de empregadas e ajudantes, mas era chegada a hora de ela ter a convivência com uma família estruturada.

Cresceram juntos na escola. Se as meninas eram estudiosas, caprichosas e comportadas na sala de aula, o Valentim era tudo isso, além de ser uma inteligência iluminada como previra Dona Hildegard. Tornou-se o aluno com melhores notas e o mais querido das professoras. Mas tudo isso tinha um preço, pois os outros meninos, com ciúmes, continuavam a chamá-lo de pobretão, puxa-saco e pipoqueiro.

Hildegard ficou sabendo desta agonia e tristeza do menino e, numa tarde em que estavam juntos, como de costume, lhe disse:

- Valentim, não se preocupe de onde você vem. Seus pais são pobres, mas são trabalhadores e honrados; se preocupe para onde você vai. Você não diz que quer ser médico? Então teu destino é ser médico, mas não basta ser médico, você deve estudar para ser o me-



lhor médico. Não importa o que os outros falam, siga o seu caminho. Você já conquistou seu espaço, graças à sua inteligência e simpatia. Passou a mão na cabeça dele e o convidou para tomar um chá.

Quando chegaram aos doze anos e frequentavam o segundo semestre do quinto ano primário, a escola recebeu um novo aluno, o filho do delegado José Mário Pereira, conhecido no meio policial como delegado Zé Mário e, por ser magro e alto era chamado por seus desafetos de Zé Taquara. O filho do delegado embora da mesma idade dos demais, tinha a compleição física do pai, alto e magro. Vinha com a fama de ter sido expulso de uma escola municipal, por brigas com colegas e desacato aos professores. Levava o nome do pai e da mãe, José Maria e o apelido de onde ele veio era José Varapau.

O delegado, soube-se depois, veio transferido da capital punido por ações mal explicadas. Como tinha um padrinho político, foi transferido para o interior em vez de ser exonerado.

José Mário se apresentava para a sociedade como um ser autoritário e orgulhoso, sempre de queixo erguido na intenção de se impor, embora em casa não fosse assim, haja vista o descontrole sobre o filho e as constantes brigas com a mulher. Zé Taquara não se integrou à comunidade: Raros eram seus amigos; mantinha-se distante. Seu grande passatempo eram as caçadas e as pescarias aos fins de semana e feriados.

Numa demonstração de seu lado cinza, o delegado conseguiu construir em terras de um conhecido bicheiro um rancho às margens do Passo Fundo. A mata e a fartura em água tanto do rio como de lagoas que se espalhavam e brilhavam a luz do sol eram um paraíso para peixes e caça. Ali acompanhado de colegas da polícia ou do filho e da mulher ou mesmo sozinho ele pescava

traíras e jundiás. De vez em quando, matava algum jacaré-do-papo amarelo, existente em grande quantidade, só para comer a deliciosa carne do rabo. Era perito em preparar esperas, com espingarda, nos trieiros de pacas, cutias, porcos do mato capivaras e antas.



José Maria se tornou um problema para a escola e para os colegas, mas especialmente para o Valentim, de quem tinha ciúmes por ser este um aluno brilhante. Como é típico dos covardes, sendo um ano mais velho que os demais e de compleição física avantajada, não poupava ninguém. Fosse guri ou guria, era cascudo, tapa na orelha, sardela na bunda, rasteiras e soco nos braços.

Certo dia ele se encanzinou com Bia porque ela, que o achava burro, com um sorriso e olhando para ele, respondeu uma pergunta de português que ele não fora capaz de responder. Ao sair da sala de aula, na porta, ele deu um beliscão na menina que a fez chorar, e o Valentim gritou:

- Para Zé Varapau! Não tem vergonha, seu preva-  
lecido?

Ele respondeu:

- Na saída eu te pego, nanico.

Saíram juntos. O Valentim não arredou pé, mas apanhou até que foram apartados por um professor.

Chegou em casa, todo lanhado, com um olho roxo e mancando de uma perna.

Não contou para o pai. Este viu e perguntou.

- O que foi isso, Valentim?
- Briga no jogo de bola!
- Quem lhe bateu?

- Não sei, eram muitos, num bolo só.

Manecão julgou que fosse briga de piazada. No entanto, foi à escola, conversou com a diretora, não acusou ninguém, até porque não sabia detalhes da peleia, somente pediu atenção dos professores durante os jogos de futebol.

O Zé Varapau viu o pipoqueiro saindo da escola.

Na fila de entrada, quando cantavam o Hino Nacional, o José Maria falou para o Valentin:

- Mulherzinha! Foi contar para o papai!

- Não contei nada para ninguém.

Naquela tarde, no horário do recreio, a diretora os chamou, deu-lhes conselhos, fez com que apertassem as mãos e se comprometessem de nunca mais brigar. O Varapau, ao sair disse entre dentes para o Valentin:

- Eu não vou me esquecer, um dia pego você e aquele pipoqueiro do seu pai!

E este dia não tardou.

Na noite do dia seis para o dia sete de setembro aconteceu o Baile da Pátria, no Clube Comercial. Como de costume, o Manecão estava lá vendendo pipoca e cachorro-quente.

Muitos casais levavam os filhos aos bailes por não ter com quem deixá-los. E, assim como estes, o delegado levou o Zé Maria ao clube.

Lá pelas quatro da manhã, muitos casais estavam se retirando e rodearam o carrinho de cachorro quente. O delegado e a mulher estavam mais distantes conversando com o escrivão e dois policiais civis. O Zé Varapau, de caso pensado, correu em direção ao pipoqueiro e jogou uma bombinha dentro do carrinho de cachorro-quente, que, ao explodir, teve os vidros quebrados,

jogando molho, pão e salsicha no povoeiro. O Zé foi sem sorte, pois no afã de fazer o mal, resvalou os dois pés e caiu de bunda em baixo do carro, e um pedaço de vidro cortou sua testa. Manecão, tanto pelo susto como pela raiva momentânea do acontecido, levantou o Varapau firme pelo braço, o sangue lhe corria pela testa. O delegado, vendo aquilo, mesmo diante do protesto de populares, deu voz de prisão para o pipoqueiro, por agressão a menor. O Manecão nem sabia que o menino era o filho do delegado.

Manecão seguiu com os policiais para a delegacia, prestou depoimento e foi preso por agressão a menor.

O jovem Esperidião, vizinho e ajudante do Manoel, prendeu com uma corrente o carrinho de pipocas em uma cerca de ferro e levou para casa o carinho avariado de cachorro quente. Amanhecia, quando ele avisou Beta do acontecido.

Valentim também acordou com as fortes batidas do Esperidião. Ouviu com a mãe a história e teve certeza que era vingança do Zé Varapau.

Beta não se desesperou. Preparou um café forte para ela, o filho e o Esperidião, e enquanto se alimentavam, lembrou que o cunhado advogado estava em viagem para a capital. Resolveu esperar o dia se adiantar e lá pelas nove horas foi tomar conselhos com Dona Hildegard.

Hildegard e Tia Chica tomavam chá de mate com leite, comiam frutas e bolo de milho com manteiga e mel quando Beta chegou com cara de preocupação e detalhou o acontecido, pedindo ajuda à amiga e vizinha.

Hildegard aconselhou Elizabetha a manter a calma, voltar para casa e preparar o almoço para esperar o marido, pois ela ia até a delegacia buscar o Manoel.

Usando vestido negro com detalhes em branco, salto baixo e lenço sobre os cabelos, batom nos lábios e um pouco de rouge, apanhou uma bolsa de couro envernizada e mandou Tia Chica chamar o senhor Ataíde, vizinho e taxista aposentado que dirigia o seu carro sempre que necessário.

Chegou à delegacia e solicitou audiência com o Dr. José Mário, que de imediato a recebeu.

Sentou-se em frente ao delegado e, após breve cumprimento, disse a que veio:

- Doutor José Mário! Venho a sua presença com todo o respeito que o senhor merece para explicar, se necessário for, e solicitar a soltura do Sr. Manoel injustamente preso esta madrugada.

- A Senhora é?

- Hildegard Huberman Monteiro.

- A senhora é advogada?

- Não! Não sou advogada, mas conheço o senhor Manoel de tradicional família desta região, irmão do Dr. Alexandrino Garrido, trabalhador, honesto e bom pai de família. Por ser meu vizinho, o conheço profundamente e tenho certeza, por seu perfil, que ele não cometeu qualquer delito, ainda mais contra uma criança.

O delegado levantou-se como querendo dispensá-la e falou de forma incisiva:

- Lamento não concordar com a senhora, pois a criança se feriu em seu carrinho de pipoca, houve sangue, foi ao hospital e levou pontos na testa.

Hildegard permaneceu sentada, serena e, olhando diretamente nos olhos de José Mário, sentenciou:

- Nós sabemos, eu sei e o senhor sabe que o menino é seu filho. Nós sabemos e toda a escola sabe que

seu filho chegou aqui expulso do colégio em que estudava, nós sabemos e há dezenas de testemunhas, que seu filho, às quatro da manhã, jogou uma bombinha e explodiu o carro de cachorro-quente e que por infelicidade se feriu com o estilhaçamento de um dos vidros deste carinho. O senhor tem plena consciência que deixou seu filho menor na madrugada sem o cuidado necessário, abrindo a possibilidade de ele praticar uma insanidade que poderia ter ferido outras pessoas. O senhor foi negligente! E para encobrir sua negligência, mantém um homem afamalhado e inocente preso.

O delegado ainda em pé retrucou:

- A senhora está me ofendendo, retire-se antes que eu lhe de voz de prisão!

- Acho que o senhor deveria refletir um pouco melhor nesta atitude. O senhor é novo na cidade, não me conhece, está cometendo uma injustiça com um homem de bem. Ao ir embora, tenha certeza, senhor delegado, que imediatamente entrarei em contato com o delegado-chefe em Porto Alegre ou com o Palácio do Catete, com o próprio presidente, e o senhor colherá aquilo que está plantando.

Apanhou a carteira que repousava sobre o birô e, apoiando-se na sombrinha com cabo de madrepérola levantou-se.

- De qualquer forma, agradeço sua atenção e tomarei minhas providências.

Zé Taquara ficou vermelho e, entre dentes, gaguejou:

- Senhora! Espere, acalme-se, sente-se, certamente eu a tratei de forma afoita. Compreenda, estou nervoso com meu filho... A senhora tem razão em suas ponderações.

Hildegard permaneceu em pé.

- Eu o compreendo! O senhor tem idade para ser meu filho, portanto ouça, não prejudique um inocente para justificar ações de um menino deseducado. Deves se impor como pai enquanto é tempo, caso contrário terá desgostos no futuro.

- Bueno! Bueno! Vou liberar o Manoel, a senhora me convenceu. Aguarde na antessala. Poderá levá-lo se for seu desejo.

E assim se fez.

Após Manecão e Dona Hildegard irem embora, o delegado chamou o escrivão e perguntou.

- Quem é esta mulher?

O escrivão, morador antigo da cidade, contou-lhe quem ela era, e Zé Mário se sentiu aliviado por não a ter contrariado. Decidiu naquela hora que ao chegar em casa daria um corretivo no José Maria.

José Maria guardou no fundo da alma as dores e a vergonha pela grossa que levou do pai. Sabia que tudo se devia ao Valentim e ao seu pai pipoqueiro, e um dia ele daria a resposta.

As horas tinham se passado. A cozinha exalava um cheiro agradável de comida bem-feita, quando o Valentim passando um pente no cabelo entrou naquele ambiente em que Maria era a rainha.

- Descansou meu afilhado? O almoço tá quase pronto! Quer tomar um aperitivo? Aí no balcão tem canha pura e misturada, conhaque e bitter, fique à vontade. Depois me conte os acontecidos.

- Sim! Sim, madrinha! Acho que devemos conversar após o almoço dos pensionistas, pois nossa conversa tem que ser reservada.

- Que assim seja Valentim.

Por volta das treze horas, quando o refeitório ficou deserto, os trabalhadores voltaram ao trabalho e os estudantes se recolheram a seus quartos, Valentim e a madrinha almoçaram. Após uma deliciosa sobremesa de pudim de leite, Maria lavou a louça e Valentim a secou.

Sentaram-se para tomar chá preto, e o afilhado começou a contar os acontecimentos à madrinha.

Madrinha! A senhora lembra o quanto de trabalho nos deu o José Maria, agressivo, destruiu o carro de cachorro-quente do papai, criou todo tipo de problemas na escola, sempre com a proteção do pai, que por ser delegado se achava acima da lei.

Eu sofri muito nas mãos do José Varapau. Tudo o que eu fazia ele procurava desfazer ou conquistar por qualquer meio. Até as meninas com que eu tinha amizade ou flertava ele tentava roubar, usando todo o tipo de estratégia. Isso aconteceu até os nossos dezessete anos, quando me desenvolvi, pus corpo, pratiquei halterofilismo e outros esportes e me igualei ao seu porte físico. Foi quando ele passou a me respeitar.

Veja a senhora, ele passou a namorar e depois se casou com a prima Talita, porque ele sabia que era de mim que ela gostava. Sabe como são aqueles namoricos de primo, que geralmente não levam a nada. Mas o Zé Varapau fez de um tudo para namorá-la e para me enfrentar se casou com ela. Sabemos hoje que ele pouco a amava ou quem sabe nunca a amou.

- Espere, Valentim, eu vou fechar a cadela, nos fundos da casa, pois ela fica ali na frente latindo para quem passa e isso me dá nos nervos. A gente não consegue conversar sossegado.

Enquanto Maria foi tomar essas providências, Valentim naquele calor gostoso da cozinha e ouvindo o cantar de pássaros na laranjeira, navegou ao passado e



recordou com saudades de seu breve namoro com Talita. Em realidade não foi um namoro, foi deslize de uma noite, ou, melhor dizendo, foram minutos de amor, pois seus pais sempre lhe ensinaram a respeitar a filha dos outros, e ela, além do mais, era sua prima.

Talita em verdade era atirada, provavelmente, carregava nas veias o sangue da mãe e dava todos os indícios de estar apaixonada por ele. Ela tinha se tornado uma linda morena, de corpo esguio, pernas torneadas, olhos castanhos amendoados, sobrancelhas desenhadas e cílios longos, dentadura perfeita numa boca sensual.

Num sábado de verão, noite quente, que obrigou as gurias a se vestiram com roupas leves e sensuais, ele acompanhou Bia e Talita a uma reunião dançante na casa de uma colega que estava de aniversário. Havia muitas meninas e poucos rapazes. Talita não o largou um minuto sequer, dançaram por horas de rosto colado.

Às onze horas, levou-as para casa, Bia se recolheu e eles ficaram a sós, conversando no amplo alpendre que compunha a fachada da residência do Dr. Garrido, sentados sobre um banco de madeira. Ela se achegou para junto dele, puxando-o pela gravata, lhe roubou um beijo. Ele lembrou com um sorriso e um longo suspiro, ainda sentindo na boca o gosto e a sensação provocada por aqueles lábios aveludados. Foi o seu primeiro beijo, daí vieram mais um e mais outro, ficaram em pé, corpos colados, lábios unidos, num afã movido por mil hormônios, escorregou a mão pela fenda do vestido, deslizou dedos famintos por curvas e fendas, sentindo a maciez da pele e dos pelos e a umidade que molhava a calcinha e o vão de suas pernas.

Como um consumidor de bebidas experiente que sente um estalo na cabeça quando atinge o pico de consumo e sabe que a partir dali embriagar-se-á, ele sen-

tiu um estalido ajudado pela tosse do Tio Alex, que, ao que parece, se revirava na cama. Ele se recompôs; Talita surpresa, também se refez. Ele com o coração batendo forte e com um tesão que lhe curvava as pernas, deu-lhe mais um beijo e foi embora.

No outro dia ao se encontrarem na escola ele se desculpou, lembrou que eram primos e, para convencê-la definitivamente confessou, que era apaixonado por Isabela. Essa confissão foi um erro, pois Talita ficou indignada, virou-lhe as costas e buscou namoro com o José Maria, visto que sabia que os dois eram rivais e se odiavam.

- Pronto, Valentim! Prendi a Duquesa. Aguarde mais um pouquinho, o pão cresceu, vou colocá-lo no forno, daí podemos conversar sossegados.

Maria voltou se abanando com um leque e se secando com um lenço rendado e perfumado com gotas de almíscar selvagem, que ela amava. O calor do dia somado ao calor do forno tinha feito brotar e brilhar gotículas de suor no rosto e no pescoço.

- Continuemos nossa prosa!

- Antes de continuarmos, gostaria de saber se a senhora mandou avisar papai que estou aqui.

- Fique tranquilo, mandei, sim. Passou aqui na porta o Tio Rosa, você conhece?

- Sim, o Tio Rosa é aquele preto, jardineiro da prefeitura.

- Esse mesmo. Está aposentado e trabalha como jardineiro em diversas casas, inclusive esta semana ele está dando um jeito nos jardins de Dona Hildegard. Mandei recado por ele, e seu pai logo deve aparecer aqui.

- Madrinha! A senhora sabe com que dificuldade eu me formei, muito graças à ajuda de Dona Hildegard,

e não posso esquecer que a senhora muitas vezes me ajudou com roupas e com algum dinheiro.

Neste momento, o Manecão bateu palmas na frente da casa e gritando – Oh! Oh de casa, foi entrando.

Ao ver o filho, Manoel ficou surpreso e muito feliz. Pai e filho se abraçaram, se olharam, sorriram e voltaram a se abraçar.

- Meu filho, o que fazes aqui? Por que não foi para casa? Tua mãe vai ficar muito triste contigo.

- Pai! Estou começando a contar para a madrinha por que aqui estou. Sente e saberás tudo e o que estou enfrentando.

- Estava relembando com a madrinha todas as dificuldades que tive para me formar e que graças a você e à mamãe, com a ajuda de Dona Hildegard e da madrinha, consegui me formar...

Valentim passou então a discorrer, agora também para o pai, sobre os acontecimentos que o trouxeram até a pensão da Maria Roncadeira.

- Logo após a formatura, como é de vosso conhecimento, conseguimos, eu e a Isabela, vaga na emergência da Santa Casa. Debrucei-me com afinco e como recompensa, por minha dedicação, o diretor me responsabilizou pela farmácia e estoques de medicamentos.

Como vocês lembram, enquanto cursava a Faculdade de Medicina, o José Maria e a Talita, que abandonaram os estudos, mudaram para a capital, acompanhando o delegado José Mário, que com as mudanças políticas voltou a assumir uma delegacia em Porto Alegre no Bairro da Azenha.

José Maria começou a trabalhar, recomendado, orientado e apoiado pelo pai, como representante de indústrias farmacêuticas. Isso lhe abriu algumas possibi-

lidades e a formação de um círculo de conhecimentos. Fazia vendas de produtos farmacêuticos para boticas e hospitais e entregava amostras para médicos e dentistas.

Há mais de uma década por Decreto<sup>3</sup> foi proibida a venda de derivados e produtos da Cannabis e outros psicotrópicos em todo o território nacional. Com a proibição passaram a ter grande procura e valor estes produtos no mercado paralelo, no mercado clandestino, por dependentes químicos, bem como por cultos de Candomblé e outras seitas africanas, além de despertarem cada vez mais o interesse dos frequentadores da noite, boêmios, cantores e meretrizes.

Farmácias, médicos e hospitais ofereciam e recomendavam até 1938 produtos originários da Cannabis em pacientes para as mais diversas finalidades, como nevralgias, insônia, tosse nervosa, rouquidão etc. Da mesma forma a cocaína era oferecida para o controle da dor e outros males, sendo muito utilizada na odontologia da época como anestésico.

Em realidade, havia um enorme número de viciados em maconha, e um comércio aberto dos cigarros índios fabricados com Cannabis indica.

Foi nesta janela de oportunidade que o José Maria encontrou um filão, oferecendo o produto e criando uma rede para burlar a lei e a justiça. Em sua retaguarda está o pai, protegendo-o e espalhando o temor a possíveis concorrentes e mesmo promovendo a volta ao mercado dos produtos, proibidos, aprendidos, através da rede arquitetada pelo filho.

José Maria com soberba e entendendo-se acima da lei, com um grupo de asseclas, começou a espalhar o terror por bairros, vilas e acampamentos.

<sup>3</sup> Decreto de Lei 891, de 1938.

Talita se tornou uma excelente dona de casa. Ao engravidar de Maria Clara, engordou e passou por um período de depressão pós-parto. A relação esfriou.



Suzette é nome de guerra da prostituta Ivete Veiga. Presidiária em liberdade condicional. Ficou presa por um ano, por latrocínio, junto com seu amante e cafetão. Ele foi morto em ação da polícia e ela, condenada a oito anos de prisão por participar de roubo e assassinato de um taxista.

Suzette foi posta em liberdade condicional por atitude do chefe de polícia, que tinha como uma das linhas de seu mandato acabar com o tráfico de drogas no Estado. Ele detinha informações que o principal fornecedor de drogas era o filho do delegado José Maria e que este frequentava bordéis e cassinos entremeados na Rua Major Pantaleão Teles e na Rua Voluntários de Pátria.

O chefe de polícia desejava descobrir toda a quadrilha, suas ramificações tanto na capital como no interior. Decidiu, então, utilizar os atributos de Suzette. Trouxe-a para uma conversa particular e lhe ofereceu liberdade condicional. Ela não tinha esse direito. Para usufruir deste benefício condicionou que ela se aproximasse de José Maria e obtivesse dele todas as informações úteis ao desbaratamento da quadrilha.

Suzette é conhecidíssima na noite. Falsa francesa, arranha este idioma e se faz passar por tal para os incautos. Mulher de pele clara, cabelo loiro platinado, como manda a moda cinematográfica, olhos verdes, tipo mignon, com belas pernas e dentadura alva. Seu grande segredo estava na cama.

Junto com a liberdade condicional foram-lhe oferecidos alguns recursos para a compra de roupas, sapatos

e outras necessidades femininas, bem como o pagamento de diárias em uma pensão.

Assim, na Cabana do Turquinho, no Maipu e na American Boate, Suzette foi pouco a pouco se aproximando de José Maria. Ele no início não lhe deu atenção. Afinal ela era uma entre tantas belezas, mas ela foi persistente e uma noite o levou para a cama.

Ele, que vinha de um relacionamento frio com Talita e que tinha nos últimos tempos levado para os lençóis profissionais mais interessadas em seu dinheiro do que em lhe satisfazer, enlouqueceu com Suzette.

Era aquela mulher que em seu íntimo ele há muito procurava; carinhosa, perfumada e competente nas artes do amor. Entre beijos e abraços ele explorava aquele corpo cheio de coxilhas, vales e reentrâncias, ela chorava no êxtase do prazer. Em cada contato carnal, ela o induzia a se sentir um supermacho. Ele se sentia um conquistador invencível, tão poderoso quanto Eros, o deus do amor. Ali entre almofadas, lençóis, fronhas e travesseiros aconteceu como por mágica o que o vulgo chama paixão de periquita. Ele ficou embeijado, queria estar com ela a todo o momento e a toda hora. Alugou e mobiliou um apartamento, encheu-a de joias e vestidos. Passou a desabafar com ela todas as suas ações e todos os seus problemas.

Era tudo o que o chefe de polícia queria.



José Maria passou a tratar Talita com desprezo e a pouco se importar com a filha Maria Clara. Talita reclamava da sua falta de horário, pois ele chegava em casa altas horas, bêbado e cheirando a perfumes femininos. Batia nela com frequência, e num domingo de madrugada jogou-a na rua.

Vizinhos a levaram para a emergência da Santa Casa, com o corpo cheio de hematomas, um olho roxo, rosto inchado e um braço quebrado. Estávamos de plantão, eu e Isabela. Atendemos a prima, horrorizados. Engessamos o braço e a internamos para recuperação.

Avisei Tio Florenal, que com ganas de vingança veio imediatamente buscá-la. Foi quando Talita nos contou e ao pai os negócios em que estava metido o José Varapau, que era agora um contraventor da lei, homem perigoso, rodeado de capangas. O bom senso e nossos conselhos fizeram com que o Tio Flor desistisse de enfrentar o genro. Mesmo contrafeito ele retornou para Palmeira, levando a filha ainda convalescente e a neta linda que certamente seria dali em diante a alegria do vovô.

Dois dias após Talita ter partido, José apareceu no hospital procurando pela mulher. A recepção o mandou me procurar. Encontrou-me na farmácia em reunião com funcionários. Mostrou-se surpreso e com cara de poucos amigos ao saber que eu a tinha atendido. Informei-o do estado em que ela chegou ao hospital, os procedimentos realizados e a volta dela com o pai para Palmeira. Informei, ainda, que Florenal tinha pago as despesas hospitalares e que ela não quis denunciá-lo a polícia por agressão em respeito à filha Maria Clara.

Ele se mostrou revoltado, fingindo espanto e dizendo - Lugar de mulher é junto ao marido. Me encarrou prometendo que isso não ia ficar assim, que eu ainda teria notícias dele.

Fiquei sabendo tempos depois que ele visitava com frequência os funcionários da farmácia e de outros setores do hospital, brindando-os com presentes e regalos.

O hospital era fiel depositário de produtos psicotrópicos proibidos, como a Cannabis e seus derivados.

Esses produtos estavam guardados em prateleiras aos fundos da farmácia.

Passados alguns dias, a direção do hospital recebeu denúncia anônima de que medicamentos psicotrópicos, entre eles velhos estoques de produtos de Cannabis, estavam sendo desviados do hospital e deixava nas entrelinhas a suspeita de que o mentor de tal desvio era o próprio chefe da farmácia. No caso, eu.

Fui convocado para reunião com a direção do hospital, quando o diretor depositou total confiança em mim. Fizemos uma checagem dos estoques de medicamento e constatamos o desvio de produtos. Tomamos o estoque remanescente de psicotrópicos e o guardamos em sala reservada com chaves em posse do diretor. Resolvemos aguardar e investigar quem estaria envolvido em tal deslize.



Máximo Trento, assim chamado por ter emigrado de Trento. Dizia-se contador e advogado rábula. Era frequentador do submundo do crime, golpista, carteador e apostador em patas de cavalo. Era conhecidíssimo no meio policial com diversas passagens e uma folha corrida de dar inveja. Já passando da meia idade, ele tinha uma alegria na vida, sua neta Eleonora, filha de sua filha Nazaré, professora, viúva e dedicada à filha e aos afazeres domésticos. Máximo visitava a filha e a neta mensalmente e levava para a criança presentes e mimos. Sempre saía destas visitas com um sorriso largo após receber beijos e abraços da criança que ficava na janela abanando para ele. Trento aliou-se a Zé Maria e ampliaram os negócios, que agora chegavam a diversas comunidades do Estado.



Quem não conhecia Máximo o tomava por pessoa da mais alta qualificação. Era carismático, tinha boa conversa, cabelos grisalhos, barba rala, óculos redondos e uma barriga proeminente. Era a figura de um vovozinho carinhoso e dedicado. Mas, ele era uma águia.

Enquanto se encarregava da contabilidade e dos pagamentos, José Maria se preocupava em conseguir produtos e realizar a distribuição.

Chegou aos ouvidos do delegado, José Mário, através de um pequeno traficante preso após tortura, que Trento estava desviando dinheiro da sociedade, comprando cavalos e hospedando-os no Hipódromo Moinhos de Vento, e alguns animais de menor expressão seguiam para o interior onde conterrâneos de Trento os utilizavam em carreiras de cancha reta.

Tomaram-se providências.

José Maria e capangas, numa madrugada do mês de março, invadiram o bar que o italiano utilizava como fachada para seus negócios. Usando de seu poder de liderança e chefia, mandou os dois capangas de Máximo embora e que eles se apresentassem na segunda-feira para trabalhar com ele. Exigiram que Máximo abrisse o cofre e recolheram todo o dinheiro e os documentos dos cavalos que estavam abrigados no hipódromo.

Obrigaram o italiano sob mira de revólver a tomar em poucos minutos um litro de cachaça. Carregaram o embriagado até a Avenida e o jogaram embaixo de um bonde.

O infeliz caiu em frente ao veículo, seu casaco prendeu-se às ferragens do limpa-trilhos e foi arrastado com a cabeça batendo contra o chão. O impacto provocou-lhe diversas lesões, e o pé esquerdo foi esmagado pelo rodado dianteiro.

O motorneiro, um jornalista que fotografou o acidente e os transeuntes que o socorreram entenderam que era um bêbado que se jogou em frente ao bonde. Em desespero o levaram para a emergência.

O jornalista permaneceu no local e encontrou embaixo do bonde a carteira de imigrante modelo 19. Descobriu neste documento o nome do acidentado, origem, filiação, data de nascimento e outros apontamentos.

O ferido chegou ao hospital em estado deplorável. Foi atendido, e constataram três costelas quebradas, escoriações diversas, o pé esquerdo dilacerado, que teve que ser amputado. Estava em coma tanto pela cabeça ferida como pelo excesso de álcool, coma alcoólico.

Na manhã seguinte o jornal Correio do Povo, publicou breve matéria com a manchete – Bêbado joga-se embaixo de bonde, descrevia o acidente, com fotografias, e detalhava que o imigrante italiano, Máximo Trento possuía ficha corrida com diversas passagens pela polícia. Tinha sido atendido, na emergência, da Santa Casa, pelo Dr. Valentim, teve um pé amputado e se encontrava, até a edição desta matéria, correndo risco de vida e, em estado de coma.

José Maria, pela manhã, foi até o pequeno apartamento em que morava o italiano, fez uma devassa na busca de documentos, especialmente de uma caderneta em que o contador anotava todos os envolvidos no negócio, telefones, endereços e quanto recebiam nas negociatas. Encontrou documentos comprometedores e os destruiu, mas não encontrou a pequena caderneta de anotações de seu ex-comparsa e contador.

- Encontrei Máximo Trento em minha ronda pelos quartos na manhã do terceiro dia; depois de horas em coma e de repouso sedado, estava desperto, tinha um jornal sobre o peito e reclamava de muita dor. Mandeí medicá-lo para abrandar o sofrimento, acalmei-o, conversamos e ele, após me mostrar o jornal, comentou com um leve sotaque italiano. - Tornei-me manchete de jornal. Depois deste comentário pediu-me a onde estava suas roupas, seu casaco.

- Seus pertences, bastante avariados, estão ali no guarda-roupa, quer vê-los?

- Sim! Sim! Mas espere, preciso antes lhe contar algo. Tem tempo?

A figura era bonachona e sofria, então resolvi escutá-lo.

- Pois não! Em que posso ajudá-lo?

O quarto ocupado pelo ferido era simples, com apenas cama e um pequeno guarda-roupa, duas cadeiras e um minúsculo banheiro.

- Por favor, feche a cortina. - A claridade está me incomodando as vistas.- Me alcance o casaco.

Alcancei o casaco; ele ficou olhando os estragos feitos no tecido, examinou o interior, abriu um zíper e tirou de dentro de um bolso uma pequena caderneta. Era uma caderneta fina com cerca de quarenta folhas, oitenta páginas, medindo 12 por 15 cm. Com capa dura negra onde se lia, em letras douradas, Agenda Poética, vi depois que ao pé de cada folha havia estrofes de poetas famosos.

Numa prosa calma e envolvente, contou-me o que lhe havia acontecido. Que de há muito estava envolvido com marginais; que pertencia a um grupo de traficantes; que tinham lhe obrigado a tomar cachaça e o jogado de encontro ao bonde, que estava me contando parte de

sua vida porque temia ser assassinado pelos chefes do tráfico de drogas, e que tinha filha e neta para cuidar.

Por fim, que sua única garantia de vida naquele momento era aquela caderneta onde estavam anotados os nomes de todos os participantes da quadrilha e o ganho de cada um no último ano e que certamente seus antigos comparsas viriam em busca, pois temiam que ela caísse nas mãos da polícia.

Pedi-me que a guardasse, colocando-a em minha mão. Neste momento entrou no quarto a enfermeira trazendo-lhe o desjejum e pedindo licença para arrumar a cama. A enfermeira era uma velha conhecida, esposa do Gonçalves, chefe do almoxarifado do hospital. Máximo, olhando para ela, exclamou em voz baixa, surpreso – Guarde! Guarde! Depois conversamos.

Num gesto automático e impensado, enfiei o pequeno caderno de apontamentos no bolso do avental, cumprimentei a enfermeira e disse ao enfermo que voltaria mais tarde para verificar a pressão e auscultar coração e pulmão.

Foi o que fiz cerca de uma hora depois.

- Doutor, esta é minha garantia de sobrevivência, enquanto eu tiver a caderneta eles não me farão nenhum mal.

Quis então lhe devolver o objeto, já que este lhe garantia a vida, disse-lhe inclusive que sequer a tinha aberto, já que era algo pessoal.

- Não, doutor! Não se preocupe, guarde-a, fique à vontade, pode lê-la. Eu preciso de um grande favor do senhor. Vejo que é pessoa séria, e o senhor está diante de um ser condenado à morte.

- Pois então, fale!

- Preciso que vá até a Avenida Protásio Alves, 35, Bar do Chico. Vá às seis horas da manhã, momento em

que ele abre para fornecer café com pão e manteiga. Nesta hora não correrá nenhum perigo. Diga ao Chico Botão que MT mandou pedir bolacha e biscoito. Ele não falará nada lhe entregará em um envelope outra cópia desta caderneta e, em outro envelope maior, dinheiro que é para minhas despesas. Faça isso, por favor, amanhã, seis horas.

- Não queres ficar com a caderneta, como tu diz, ela é tua segurança?

- No momento eu tenho outro trunfo. Se me apertarem, em uma visita indigesta, direi que a caderneta está em meu casaco no guarda-roupa, eles irão verificar, verão que o casaco está rasgado, direi então que devo ter perdido no acidente e certamente irão atrás do repórter para verificar se ele achou a bendita caderneta.

Depois voltarão, direi então que a enfermeira ao me cobrir à noite encontrou a brochura de capa dura, no fundo do guarda-roupa, junto aos cobertores, e os farei entender que possuo outra cópia, longe daqui, com pessoa de minha confiança, que à entregará a polícia caso algo, me aconteça. Esta, sim, é minha segurança de vida.

Às sete horas do dia seguinte, visitei-o para lhe entregar o envelope recheado de dinheiro e a segunda caderneta.

O quarto estava sendo higienizado, e ele fazia o seu desjejum. Enquanto a serviçal limpava o banheiro ele me confidenciou em voz baixa:

- Doutor, guarde consigo todo o material contido neste envelope.

Piscou-me e voltou a falar entre dentes:

- Tenho filha e uma neta, dentro deste invólucro estão o nome e o endereço delas. Se algo acontecer comigo, entregue a elas o envelope e diga-lhes para pro-

curar em São Leopoldo, junto à praça, a Padaria Bom Pastor. Procurem o padeiro Giovanni e que lhes digam:

“Papai mandou dizer que os cavalos devem pastar por trinta dias. Ele venderá os dez cavalos que estão sob sua guarda, tirará uma comissão de 20% e lhes entregará o dinheiro trinta dias após o contato”.

Guarde consigo também as cadernetas, não quero que ninguém as veja neste momento, me entregue mais tarde. Não se preocupe, está tudo bem. Vá trabalhar, Doutor, eu estou confortável.

Voltei ao meu consultório e abri uma das cadernetas. A escrita era rebuscada, desenhada e para minha surpresa, dentre os nomes estava o de Itamar Gonçalves – O chefe do almoxarifado, e o valor pago nos últimos seis meses. Constava, também, o nome do delegado José Mário e, evidentemente, na primeira folha, o nome do José Maria.

Ainda com a caderneta na mão lembrei-me das palavras do Chico Botão.

- Amigo, vejo que és gente boa, cuidado com o italiano! Ele costuma ter tudo sob controle, é um perfeccionista, certamente ele tem outra cópia desta caderneta. Fique atento para não entreres em uma fria.

Foi um dia de muito trabalho, me envolvi entre consultas e emergências, me esqueci do Italiano e não voltei mais ao seu quarto. O diretor estava ausente, não pude com ele dividir a informação obtida quanto ao Gonçalves.

Para completar um dia cheio, à tarde levei Isabela ao aeroporto. Ela seguia para São Paulo, onde ficaria por três meses na casa do tio, que agora residia na capital paulista e trabalhava como advogado do governo, por meio de um escritório de São Paulo.

Isabela faria neste período uma especialização em obstetrícia, sua área de atividade.

Ao sair para acompanhar Isabela ao aeroporto, levei comigo o envelope do italiano, pois havia muito dinheiro e era arriscado deixá-lo em meu consultório, que ficava aberto e em muitas ocasiões na correria do dia a dia era utilizado por outros profissionais. Dentro de um pequeno envelope guardei e levei comigo as cadernetas.



Na madrugada seguinte, acordei cedo, o sol ainda não tinha mostrado sua cara. Como de costume, enquanto me barbeava ouvia a Rádio Farroupilha, para escutar músicas e notícias. Após Luiz Gonzaga cantar Asa Branca, vieram as notícias, e a primeira, fez com que eu cortasse o queixo, tal foi meu espanto. O radialista em palavras sensacionalistas noticiava que o repórter do Correio do Povo que vinha acompanhando o estranho caso do bêbado que caiu em frente ao bonde, Máximo Trento, teve sua casa invadida e revirada no início da noite por mascarados. Ele foi rendido, ficou preso durante duas horas, das vinte às vinte e duas horas. Os fora da lei buscavam documentos de Máximo que supostamente o repórter teria encontrado no momento do acidente. Os mascarados o interrogaram e foram embora ao se convencerem que ele não possuía nada além da carteira de imigrante modelo 19. Não o feriram.

Guardei o envelope com dinheiro no fundo de um armário, peguei as cadernetas e segui com rapidez e desespero para o hospital, precisava entregar ao menos uma das cadernetas ao Máximo; esta era sua garantia de vida. Os assaltantes tinham saído da casa do repórter às vinte e duas horas. Foram ao hospital? Conseguiram

entrar? O que seria do italiano sem a sua caderneta? Essas eram perguntas que me afligiam enquanto eu dirigia meu veículo até a Santa Casa.

Subi ao quarto pulando as escadas de dois em dois degraus; Máximo estava imóvel, aparentemente dormindo. Olhei-o com olhar clínico, levei os dedos, médio e indicador, até o pescoço para ver os batimentos, nada. Levantei as pálpebras e constatei que estava morto. Tudo indicava que por asfixia; um travesseiro estava jogado ao chão. Tomei nas mãos o prontuário pendurado aos pés da cama para ver o último horário em que a enfermeira tinha ido até o quarto. Preso ao prontuário estava um bilhete lacrado com grampos e, em letra feminina, meu nome – Dr. Valentim.

Arranquei os grampos e li - Dr. Valentim deposite com urgência a cópia do livreto em seu poder na caixa postal 203 no Correio central, ele nos pertence, você é responsável pela segurança de sua noiva e de sua família.

Percebi a gravidade de tudo, eu estava num caminho sem volta.

Tinha que agir com rapidez; a polícia logo viria ao hospital. Até então era apenas um bêbado acidentado, agora havia a invasão da residência de um repórter conhecido, de um famoso jornal.

Olhei o ambiente com mais detalhes, vi embaixo da cama a calça de Máximo, toda rasgada, apanhei-a e observei que ela tinha, a exemplo do casaco, um bolso com fecho éclair. Compreendi que havia uma terceira caderneta escondida na calça.

A despreocupação dele com as duas cópias, em minha posse, ficava agora cristalina. Uma em realidade era a cópia de segurança, a primeira que ele me entregou; a que estava em mãos do Chico Botão era de segurança extrema. Como ele estava preso em uma cama de hos-



pital, era melhor tê-la por perto, até mesmo porque se eles apertassem o bolicheiro, este diria que a tinha entregado para um cúmplice de Máximo, através da senha - vim buscar bolacha e biscoito, não tendo identificado o contato. Era uma forma inteligente de criar confusão entre seus antigos parceiros.

Tudo agora ficava mais claro, e me senti aliviado, pois tirava de minhas costas o peso da culpa pela morte de Máximo.

Por outro lado, agora eu estava ameaçado, bem como minha família e minha noiva que felizmente estava em São Paulo, a salvo.

Eles me cobravam uma cópia, ou seja, eles sabiam da existência de só mais uma. Como eles sabiam que estava em minha posse? Logo me veio à mente a enfermeira, Thereza Eulália, que me viu recebendo o caderninho de capa preta no primeiro dia, e ela era a mulher de Gonçalves.

Este foi o motivo de terem assassinado o Máximo, eles sabiam com quem estava a cópia, comigo. Eu tinha também certeza de que foi a enfermeira quem lhes deu acesso ao quarto de Máximo, era sua noite de plantão. Quando ela viu a caderneta de capa preta sendo retirada do bolso da calça, informou de imediato que tinha visto um livreto igual sendo a mim repassado.

Fui até o banheiro, vi ali a capa dura da caderneta jogada na lixeira. As folhas internas tinham sido arrancadas e jogadas no vaso sanitário e tinha sido dada descarga; havia ainda pequenos pedaços de papel boiando, manchados de azul, pela dissolução da tinta azul-real lavável.

Eu precisava ir embora rapidamente. Logo a polícia chegaria, agora eu e meus familiares éramos o alvo.

Cheguei a pensar em ir até o Correio Central, mas temi ser subjugado. Devolveria a caderneta e seria, com

certeza, eliminado. Eu era um arquivo vivo.

Corri até meu consultório, estava aberto e todo mexido. Tive então a certeza de que a esposa de Gonçalves facilitou o acesso dos marginais a minha sala, à noite ela controlava o chaveiro do hospital.

Fui ao escritório do diretor e deixei um bilhete: Tenho que me afastar por poucos dias, assuntos de família, vou para o interior.

Tomei no consultório uma pequena valise que lá mantenho com roupas para emergência, coloquei dentro dela o envelope com as cadernetas e saí pela porta dos fundos, temeroso em encontrar a polícia, pois já ouvia ao longe a sirene tocando, bem como, me precavendo, pois, algum delinquente poderia estar me esperando em frente ao hospital, ou no estacionamento onde meu automóvel repousava à sombra do arvoredado.

Tomei um táxi e fui direto para a ferroviária.

Ao adentrar no comboio, verifiquei os vagões de passageiros, para ver se havia alguém suspeito que pudesse estar me seguindo. Como tudo estava calmo me acomodei, pois, a viagem seria longa e cansativa.

Cheguei a Santa Maria à noite e tomei de imediato o noturno. De madrugada, desembarquei um tanto sestoso, pois poderia algum mandalete do delegado José Mário estar me esperando. Felizmente tudo estava calmo, mas a chuva era torrencial.

Aguardei num canto isolado da gare o aguaceiro passar, quando se transformou num garoão, saí a pé. Ao chegar à avenida a chuva tinha passado. O padeiro me deu carona na gaiota até a rua de baixo. Como a madrinha testemunhou, cheguei todo molhado e cansado.



Na noite do assassinato e da visita ao consultório do doutor Valentim, José Maria, não comunicou de imediato ao pai os acontecimentos, já que este estava de plantão na delegacia e ele não quis correr o risco de ir visitá-lo e levantar possíveis suspeitas àquelas horas da noite, nem mesmo quis telefonar.

Foi para o apartamento de Suzette. Ela reclamou entre palavras de carinho por que ele tinha chegado tão tarde. Após se satisfazer nas lides do amor ele lhe confidenciou que tinha se atrasado porque estava à procura de documentos com informações importantes para seus negócios, que um sócio o estava traindo. Tomou banho e ligou para o pai. Eram cinco horas e trinta minutos, comunicou-lhe que Máximo estava morto e que descobrira que Valentim possuía uma cópia da caderneta que eles tanto perseguiram.

Contou que tinha uma pessoa de sua confiança seguindo Valentim e que fora há pouco avisado que o médico acabava de chegar ao hospital, portanto devia estar tomando conhecimento da morte do italiano.

Por sua vez, o delegado avisou ao filho, que o jornalista tinha feito um boletim de ocorrência, às vinte e três horas, e que diante disso o subdelegado, Pedro Sebastião Almeida e equipe, que iniciariam jornada às seis horas, deveriam realizar visita ao hospital. Ele estaria em casa aguardando notícias.

Por volta das sete horas, quando a polícia chegava ao hospital, José Maria recebeu aviso de que a enfermeira, percebendo a ausência do médico e o procurando, tinha encontrado, na sala do diretor, bilhete dele comunicando que ia para o interior.

O subdelegado constatou a morte de Máximo Trento. Solicitou à enfermeira chefe, já que o médico chefe e o diretor não se encontravam no local, relação do

pessoal que trabalhou à noite. Recolheu o prontuário e enviou o corpo para o Instituto Médico Legal. Recolheu, ainda, objetos tanto no quarto quanto no banheiro para averiguações. Foram recolhidas as roupas do falecido, uma capa de caderneta e pequenos pedaços de papel no interior do vaso sanitário, além do travesseiro, que apresentava a fronha com um rasgo no meio, dando a impressão de ter sido forçada deixando o tecido esgarçado. O subdelegado suspeitou de assassinato por asfixia, o que seria comprovado mais tarde pela necropsia.

Zé Varapau ligou do Café Central para o pai, avisou que Valentim, conforme bilhete deixado para o diretor, tinha seguido para o interior. Confessou que tinha deixado um bilhete, ameaçando a ele e à família, caso não entregasse com urgência a caderneta em sua posse.

O delegado ficou trêmulo e, com raiva, respondeu ao filho:

- Você espantou a caça! Ele se evadiu! Foi para junto dos familiares. Se este documento vazar estaremos perdidos. Vou para a ferroviária pegar o próximo trem. Mantenhamos tudo em sigilo, não avise os nossos em Passo Fundo; eles podem, ao invés de nos ajudar, atrapalhar. Vou pessoalmente atrás dele. Irei agora até a delegacia tirar licença de quinze dias para tratamento de interesse. Falo com você mais tarde.

Ao sair da delegacia já com a licença concedida, encontrou o repórter do Correio, que já sabia da morte de Máximo e queria mais informações.

- Para toda e qualquer informação você deve procurar o Pedro Sebastião, ele está conduzindo o caso, eu estou de licença, preciso descansar alguns dias, vou pescar, visitar amigos.

Na edição daquele dia a manchete era: Morreu bêbado atropelado pelo bonde, subtítulo, delegado titular,

José Mário, vai pescar e subdelegado, Pedro Sebastião, assume o caso. A reportagem detalha o atropelamento, a perda da perna, o assalto à casa do repórter e a morte de Máximo; traz ainda uma longa história sobre o morto, sua imigração e as diversas passagens pela polícia, deixando no ar uma interrogação: por que ele foi morto? Ele era um arquivo vivo?



Suzzete acordou com preguiça, tomou banho, café, emperiquitou-se toda e então ligou para o chefe de polícia, contou tudo o que tinha ouvido do amante, da morte de Trento, da procura por documentos e por uma caderneta e que esta caderneta devia estar com um tal de Doutor Valentin; que ao raiar do dia seu amante tinha realizado demorada ligação telefônica ao pai.

O chefe de polícia ligou para a delegacia em que trabalhava o Delegado José Mário e foi informado de que ele tinha se licenciado por quinze dias, iria para Passo Fundo descansar. Foi também informado que o subdelegado Pedro Sebastião se encontrava fora em diligência no hospital em razão da morte de um italiano.

O chefe tamborilou com os dedos sobre o tampo da mesa, acendeu um cigarro e o tragou com gosto, levantando um espiral de fumaça em direção ao teto, ficou a pensar por minutos, pediu então para a secretária localizar por telefone o Diretor do Hospital. Ao meio da manhã o diretor foi localizado, conversaram e ele foi informado que o médico tinha partido para o interior para tratar de assuntos junto à família.

Às onze horas o chefe de polícia ligou para o delegado Agenor em Passo Fundo.

- Camarada, estou em meio a uma investigação, deve estar chegando a vossa cidade o delegado José Maria. Observe-o, não comente nada com quem quer que seja. Deve estar também chegando aí o médico Valentim Garrido, filho da terra, certamente o conhece, não é preciso fazer campana. Se dele tiver notícias, mire-o ao longe. Se o médico tiver se expondo, coisa que eu duvido, proteja-o. Amigo Agenor, tudo isso é extremamente confidencial, bico calado. Outra coisa, os fatos a acontecerem podem desembocar em importantes documentos, com registros possivelmente contidos em uma caderneta. Qualquer notícia sobre este material, informe-me imediatamente.



Enquanto Maria Roncadeira realizava suas lidas, Valentim e o pai permaneceram no quarto, chimarreando. Não era conveniente alguém os ver. Após debaterem a situação e trocarem algumas ideias com Maria, resolveram que Valentim permaneceria na Pensão sem se expor.

Manecão ficaria atento, estaria na gare da viação férrea quando da chegada do noturno, observando a chegada de algum paisano<sup>4</sup> suspeito. Compraria o Correio do Povo que chegaria neste mesmo trem para ver notícias da capital.

Não daria qualquer notícia da presença de Valentim na cidade, nem mesmo à mãe, a amigos e familiares. Todo o cuidado era pouco.

Na manhã seguinte, quando o trem apitou ao longe, Manecão já estava na gare. Manhã fria; cobria a cabeça com uma boina e tinha uma manta enrolada no

<sup>4</sup> No caso individuo conhecido.

pescoço, quando o trem chegou, bufando entre nuvens de vapor, levantou a manta até a boca, dificilmente alguém o reconheceria. Olhou o povo desembarcando, o último passageiro, com a aba do chapéu quebrada até os olhos e cabeça baixa, era José Maria, que não queria ser reconhecido.

José Maria tomou um táxi, o pipoqueiro o seguiu de bicicleta e observou o desembarque no Hotel Glória.

Manoel subiu até a praça e aguardou junto a jovens coqueiros, recém-plantados, olhando os pedreiros construir a Catedral Nossa Senhora Aparecida. Quando os meninos jornalheiros chegaram, comprou um exemplar e seguiu para a Pensão.

Lá, como Valentim suspeitava, estava a narrativa do jornalista sobre o caso do bêbado atropelado e, mais, que o delegado titular, José Maria, tinha tirado licença e ido para o interior visitar amigos e pescar. Fato agora confirmado por Manecão.

O delegado repousou aquela manhã no hotel, sentia-se cansado, a viagem fora esfalfante. Não tinha grande pressa, sabia que Valentim não entregaria a caderneta a qualquer jornalista. Temia por sua família, mas também sabia que era o alvo e que dificilmente sairia com vida desta empreitada.

Ele precisava dar um susto no doutor, para este sair da toca e procurar negociar, então tomaria suas providências...



Valentim disse ao pai que ele ficaria na pensão até descobrir quais seriam os movimentos do delegado naquele jogo de xadrez. Zé Mario envolveria outros policiais? Agiria sozinho? Teria outros de seu grupo, aguardando por ele?

Recomendou que o pai ficasse nas proximidades do hotel, vendendo suas pipocas e observando algum movimento de policiais, ou de outros suspeitos.



O delegado descansou, tomou um banho e fez rápido almoço. Às doze horas e trinta minutos saiu a pé. Cabeça e rosto cobertos, o vento frio facilitava o disfarce. Cruzou a praça, caminhou até a avenida e por ela seguiu em direção ao Boqueirão. Levava consigo um longo invólucro de lona no interior do qual estava uma espingarda de cano cortado, linhas de pesca e cartuchos.

Lembrava perfeitamente a localização da casa de Manecão. Aproximou-se e ficou a observar.

Às treze horas Manecão saiu levando suas tralhas. Precisava fazer algumas compras antes de se estabelecer para a venda de pipocas. Logo em seguida Beta saiu e encostou a porta da frente. Carregava uma bacia e algumas formas e se dirigiu à casa de Dona Hildegard.

O delegado que a tudo observava se aproximou pelos fundos da casa. A porta, assim como a da frente, estava apenas encostada. Entrou, vasculhou os quartos, verificando se havia algum sinal do Valentim, mala, roupas ou outro qualquer indício, nada encontrou. Voltou à sala, ajeitou a mesa da cozinha em frente à porta, abriu o invólucro de lona e dali retirou a espingarda. Minutos depois saiu, trancou a porta pela qual tinha entrado, enfiou a chave pelo vão inferior da porta.



Na casa de Hildegard, como de costume, as mulheres preparavam cucas, cuecas-virada, bolos e salgados, parte seria utilizada pelas famílias e parte seria enviada



à igreja para doação aos necessitados. No jardim, Tio Rosa podava plantas e rastelava folhas e de quando em quando tragava o palheiro, para espantar os insetos que levantavam do gramado.

Beta notou que tinha esquecido a manteiga para fazerem os grumos de cobertura das cucas. Tia Chica disse que ia buscar – Não vá, Tia Chica! Pede para o Tio Rosa ir! Ele tá lá fora mesmo. A porta está aberta.

- Tio Rosa! Tio Rosa! Faz favor, vai à casa do Manecão, a porta está aberta e pega em cima da mesa um pote com manteiga.

- Já tô indo!

As mulheres continuaram os trabalhos e foram, minutos depois, surpreendidas ao ouvirem forte disparo. Correram para fora e viram o corpo de Tio Rosa estirado na varanda da casa de Beta. Eram quatorze horas e cinquenta minutos.

Foi um choque e um desespero e pouco a pouco a vizinhança rodeava a casa.



José Maria retornou por onde tinha vindo tomando o cuidado de não ser notado. Naquela hora as ruelas estavam totalmente vazias. Logo chegou à avenida; antes de voltar ao hotel, passou na praça e comprou o jornal, queria ver notícias da capital.

No hotel deixou seus pertences e com o jornal embaixo do braço foi até a delegacia visitar antigos amigos e colegas. Encontrou seu velho amigo e parceiro o escrivão João Cunha, e após recordações e amenidades, pediu emprestada a caminhonete do colega, pois, segundo ele, queria aproveitar o tempo para uma pescaria em seu rancho, que há muito não via. Comentou que a lua estava

boa para pesca e que no rancho havia todo tipo de tralha. Foi atendido em seu pedido, e o escrivão observou – Zé Mário abastece o carro. É perto, o Passo Fundo está bem ali, mas tem pouco combustível. Amanhã, sábado, saio do plantão à tarde, arrumo uma carona e vou lá comer uns peixes, vou levar uma branquinha da boa.

Estavam nesta conversa quando o Esperidião, que ainda ajudava Manecão no comércio de pipoca, cachorro-quente e na venda de amendoim torrado, entrou esbaforido delegacia adentro, avisando que uma espera tinha matado o Tio Rosa.

O delegado Agenor dos Santos convidou Esperidião para sua sala, chamou o escrivão, deram água para o jovem que estava muito nervoso e passaram a ouvi-lo. José Mário, se sentindo em casa, adentrou na sala, ouviu os últimos relatos e perguntou:

- A onde anda o inútil do Manecão?

Ao que o Esperidião respondeu:

- Avisei-o agora, estava na praça vendendo pipoca, foi às pressas para casa...

O delegado disse que o Esperidião estava liberado e, ao pedir licença ao delegado José, lhe perguntou:

- Por onde tem andado, vivente:

Ao que o delegado José respondeu:

- Cheguei da capital, estava no hotel descansando. Agora vou me ajeitar e vou ao rancho pescar.

- Boa pescaria, até mais vê-lo.

E, convidando o inspetor, tomaram um veículo, passaram no médico legista e se dirigiram para o local do evento.



Enquanto o médico examinava o corpo o delegado e o escrivão ouviram Hildegard, Beta e o Manecão, que chegou praticamente junto com eles.

Examinaram toda a casa, somente encontram o rastro de um coturno na porta dos fundos, além da afirmação de Beta, que tinha deixado a porta aberta e que agora ela estava fechada com a chave no chão.

O delegado concluiu que alguém entrou pela porta dos fundos, armou a espingarda mirando à porta de frente, a linha de pesca foi presa à porta de tal forma que quem a abrisse fosse baleado. Saiu pela porta dos fundos, fechou-a, obrigando, assim, que qualquer chegado fosse obrigado a entrar pela porta da frente.

Tanto o inspetor quanto o delegado tinham interrogações: Seria Tio Rosa o alvo? Provavelmente não. Segundo os depoimentos, era possivelmente a primeira vez que ele ia entrar naquela casa. Teria o Manecão algum inimigo? Não acreditavam, pois Manecão era pessoa conhecidíssima na cidade, afável e amigo de todos. Seria uma longa investigação...

O delegado lembrou-se do telefonema do chefe de polícia, da conversa sobre o médico, filho do dono da casa.

De qualquer forma o delegado pediu para o escrivão verificar se Manoel Garrido tinha ficha corrida.

E, ao ir embora, o delegado perguntou à Beta:

- E o seu filho Valentim por onde anda?

- Está na capital!

- Quando o vir, dê a ele minhas recomendações.

Gosto muito do doutor! Menino de valor.

O corpo de Tio Rosa foi encaminhado para o necrotério, e sua família avisada.

Logo que o delegado e o escrivão saíram para a diligência, José Mário apanhou o carro, abasteceu, comprou gêneros alimentícios e bebidas. Dirigiu-se ao hotel onde pegou uma muda de roupa e uma espingarda. Da mala retirou um revólver que colocou na cintura e uma caixa de munição. Ele seguiu calmo e tranquilo para o pesqueiro, como se nada tivesse acontecido na casa do Manecão.

O rancho que Zé Taquara chamava de pesqueiro ficava a jusante da ponte do Rio Passo Fundo. Por ser local de fácil acesso; era possível chegar com veículo muito próximo do acampamento. Descarregou ainda cedo os equipamentos e passou uma vassoura na pequena casa. Vestiu camiseta de algodão, blusa de lã, e uma calça velha que estava guardada em um baú.

Andou por trieiros observando o ambiente, escolheu um local onde havia rastros de animais, preparou a espingarda em espera perfeita, na esperança de que por ali passasse alguma paca ou outra caça nobre. Retornou à barranca com o revólver na mão, ouvindo o silêncio da mata e na expectativa de sentir a presença de alguma caça mesmo que o sol ainda estivesse alto.

Com enxada coletou minhoca e foi para o rio buscar alguns lambaris que serviriam de isca para à noite tentar algum peixe graúdo. Estava com sorte; em poucos minutos pegou muitos lambaris e jundiás. Separou alguns para isca, limpou os demais e os levou para serem fritos.

Fritou os peixinhos como tira gosto e preparou caçaça com limão e mel, assim iniciou sua noite no rancho.



No momento em que todos se preocupavam com o traslado do corpo de Tio Rosa para o necrotério, para os exames de rotina, Manoel Garrido aproveitou e foi até a pensão conversar com Valentim.

No quarto, a sós, contou a tragédia acontecida. Concordaram que o tiro seria para ele ou para Beta; era preciso tomar alguma providência.

Valentim estava cabisbaixo, sentia-se culpado por ter colocado familiares e amigos numa situação de risco. Sabia que aquela bala era para a mãe, para o pai ou para ele mesmo. Por outro lado, tinha consciência que entregar a caderneta era também assinar sua sentença de morte. Comentou seus sentimentos com o pai...

- Filho não se preocupe, eu tenho algumas experiências e vou fazer as coisas do meu jeito.

- Que experiências, pai? Você é um simples pipoqueiro, um trabalhador, que amanhece e anoitece trabalhando, um homem de paz. Como vai enfrentar esta gente? Não seria melhor eu voltar à capital e depositar a caderneta na caixa postal?

- Negativo, meu filho, eles sabem que você leu a caderneta e mesmo com ela em mãos vão matá-lo.

Valentim caminhou pelo quarto transpirando sua ansiedade, e o pipoqueiro continuou:

- Meu filho, eu já passei da meia-idade, você está formado, faz mais de trinta anos que eu me comporto com honestidade, seriedade e como um cidadão de bem, mas isso se deve a tua mãe, ao amor que eu dedico a ela e sempre dediquei desde quando a conheci.

No entanto, na minha juventude, tua mãe e tua madrinha conhecem minha história ou parte dela, vou te contar quem foi teu pai no antigamente.

Quando teu avô morreu eu vendi e pus fora toda a herança, andei pelo mundo, matei, roubei fiz perversi-

dades.... Então, quase entre lágrimas, Manecão contou toda a sua vida ao filho.

Ficaram em silêncio por minutos. A surpresa de Valentim era aparente, mas ele logo se recobrou, levantou e abraçou o pai. Abraçou-o fortemente, com lágrimas e disse com poucas e entrecortadas palavras o respeito e a admiração que tinha por ele.

- De qualquer forma, papai, o senhor não tem condições de enfrentar essa gente; é extremamente perigoso.

- Filho, nós temos dois problemas, o delegado e o filho. Eles são as pedras em nosso caminho. O delegado está bem aí, do filho cuidamos depois.

Segundo o Esperidião, que o viu proseando lá na delegacia, ele está no rancho pescando. Eu conheço o local! Vou passar a noite no velório do Tio Rosa, sua mãe vai amanhecer lá! Não deixará a viúva sozinha. Pela madrugada, direi que irei para casa descansar, tomarei, então, de bicicleta, o caminho do rancho. Vou pegá-lo na cama.

- Vou junto pai!

- Melhor não, em dois faremos mais barulho. Você vai se expor, veio da capital, será um suspeito em potencial.

- Sim, mas qual é o plano?

- Dê-me uma das cadernetas; ela estará junto dele quando o acharem.

- É preciso mais para comprometê-lo totalmente. Quem sabe uma confissão.

- Ele não vai assinar uma confissão!

- Podemos fazer a sua confissão. Dê-me o jornal...

Às quatro horas Manecão pediu licença à viúva e aos presentes, dizendo que voltaria pela manhã.

Presos ao varão da bicicleta, enrolado no jornal, estavam um facão e um cassete, feito com o cabo de um machado. Repousava na cintura, às costas, sob o casaco um velho Rossi 22 que ele carinhosamente chamava de “minha latinha”. Com essa “latinha” ele tinha praticado alguns atos dos quais se envergonhava.

Seguiu rápido, iluminado por uma lanterna que prendeu com borracha de câmara ao guidom.

À medida que pedalava, matutava sobre como enfrentar um adversário experiente e mais moço. Tentaria surpreendê-lo, não tinha medo nem teria remorso. A velha frieza tinha voltado, enfim, ia caçar quem estava tentando destruir sua família.

A cerca de cinquenta metros do acampamento, encontrou o carro do escrivão. Deitou a bicicleta embaixo de uma moita e se aproximou do rancho com absoluta cautela, estava tudo em silêncio, a não ser pelo barulho da água que cascadeava no rio.

Ficou por minutos bispando<sup>5</sup> abrigado atrás de um arbusto. A luz mortiça de um lampião vazava pelas frestas do rancho. Nada se mexia o vento não soprava a lua minguante e estrelas brilhavam sob rasgos de nuvens em uma madrugada, que prenunciava chuva.

Estava atento a qualquer som e movimento quando foi surpreendido por forte estampido no meio da mata. Encolheu-se, vigilante. Aguardou colado ao arbusto, com olhos e ouvidos atentos. Em segundos que pareceram horas, com o coração disparado, ouviu um guincho seguido de outro mais baixo, vindo da mata. O silêncio voltou a engolir tudo, e ele teve de imediato a certeza que era um porco do mato em alguma espera.

Continuou cauteloso, e mesmo com o estampido não observou qualquer movimento no rancho ou na

<sup>5</sup> olhando, observando, espiando.

beira do rio. Com precaução se aproximou da casa, se achegou à janela e espiou. O delegado dormia a sono solto, deitado numa tarimba; o cobertor e uma colcha de chitão o cobriam da cintura para baixo. De uma garrafa de cachaça que repousava sobre uma caixa de madeira que servia de criado-mudo, restavam três dedos.

Olhou todo o ambiente. Sobre a mesa, ao lado do lampião, estava o revólver trinta e oito, no fogão em uma frigideira havia pedaços de traíra; varas de pesca estavam encostadas na parede, e uma fieira de peixe ainda por limpar repousava em um balde.

Desenhou em sua mente a atitude a ser tomada contra aquele indivíduo que tinha friamente preparado a morte de Tio Rosa e que estava pronto para matar seu filho.

Um vento prenunciando chuva se anunciou rangendo e batendo a porta dos fundos e mesmo assim o homem, vencido pelo sono, pela cachaça, continuava imóvel.

Manecão entrou no recinto, tomou o revólver e disparou embaixo do queixo de José Maria. O tampo da cabeça saltou contra a parede. A porta mais uma vez, rangeu, e um vento fresco de chuva entrou no rancho, fez-se silêncio...

Ele pegou um pano, limpou a arma, colocou nas mãos quentes do defunto, com o cano encostado no queixo.

Pegou o jornal, esfregou-o na mão do delegado, fazendo com que a tinta a marcasse, colocou a página do jornal com a notícia da morte de Máximo em cima da mesa e jogou a caneta e a caderneta junto ao lampião.

Saiu do barraco como se ali nunca tivesse ido. Tomou a bicicleta e pedalou com vigor. Ao longe se via



a barra do dia, pedalou com mais força, sentindo nas ventas o vento que trazia um cheiro de terra molhada. Estava calmo, tranquilo, aliviado; sua família estava em segurança.



Conforme o combinado, naquela tarde, lá por volta das dezesseis horas, o escrivão João Cunha e um cabo da polícia militar, Benedito Ruas, conhecido como Bené da Garrucha, e seu cachorro, tampinha, chegaram ao acampamento. Viram a caminhonete estacionada e já de longe deram uns gritos:

- Cadê os peixes! Cadê os peixes!

Tudo quieto, foram até a beira do rio. Havia varas jogadas, minhocas já secas e lambaris cobertos de moscas. O cachorro latiu e seguiu por estreita trilha.

Os dois foram até o rancho. Ao rangir da porta encontraram o corpo que estava frio, o sangue seco, o lampião apagado e no jornal em cima da mesa havia uma mensagem.

Os homens se olharam e sentiram o pavor diante da morte. O escrivão pediu ao policial que voltasse e procurasse o delegado, adiantando o acontecido, e que ele viesse rápido trazendo o médico legista.

O escrivão, trêmulo e nervoso por ver o amigo naquela situação, encostou-se ao quadro da porta e a tudo observou: em cima da mesa um jornal rabiscado, uma caderneta e uma caneta junto ao lampião, o revólver sobre o peito do morto, a garrafa de cachaça e bagaços de limão. Queria que o delegado visse tudo como foi encontrado, mas a curiosidade foi maior, e ele folhou a caderneta.

Saiu daquele ambiente pesado e foi em direção ao rio, ouviu o Tampinha latindo dentro da mata, seguiu

pelo estreito caminho e encontrou a espingarda na espera e um porco-do-mato, morto, do qual o cachorro já havia comido um pocado.

Observou que o sistema de espera era o mesmo que eles encontraram na casa de Manecão e que matou Tio Rosa, o mesmo fio e uma espingarda semelhante.

O delegado Agenor chegou uma hora depois, acompanhado do médico. Analisou o local, tudo indicava ser suicídio, corroborado pelo jornal onde as letras da notícia da morte na capital de um bêbado que tinha caído em frente a um bonde estavam marcadas compondo triste mensagem:

Morreu bêbado, atropelado pelo bonde, delegado titular, José Mário, vai pescar e subdelegado, Pedro Sebastião, assume o caso.

Notou que o defunto usava coturnos, com rastros semelhantes aos deixados na porta da casa onde foi assassinado Tio Rosa. O escrivão o levou para ver a espera, concordou que era extremamente semelhante à arapuca assassina da casa de Manecão. Voltou ao interior do rancho, discutiu com o médico quanto à remoção do corpo. Após terem fotografado o ambiente, apanhou ao pé do lampião a pequena caderneta de capa dura e preta. Lembrou novamente do chefe de polícia.

Saiu para a luz do sol para ler o conteúdo daquele achado. Na primeira folha estavam o nome do proprietário da caderneta, Máximo Trento, endereço e um recado: quem achar este objeto entregar ao proprietário na Av. Protásio Alves nº 35, será bem recompensado.

Havia sinais claros de que a segunda folha tinha sido arrancada, a numeração ao pé das páginas saltava do número dois para o número cinco. Também faltavam as páginas 17 e 18.

As páginas remanescentes apresentavam nomes, para ele desconhecidos, endereços, telefones e valores em cruzeiro.

O delegado guardou a carteira no bolso interno do casaco.



Quando Beta chegou em casa para breve descanso e assim recuperar as forças, Manecão estava deitado – Manoel, acorde! Venha tomar café! O enterro vai ser às onze horas.

Após o almoço e depois de ter feito uma breve sesta, Manecão foi até a pensão, conversar com Valentim. Ao abrigo do quarto, depois de um longo abraço, Manecão contou todos os acontecidos:

- Está morto, filho, o corpo já deve ter sido encontrado, agora é aguardar os acontecimentos.

- Pai, deixou lá o jornal e a caderneta?

- Sim, conforme o combinado.

- Bueno, pai, a polícia está agora tomando conhecimento dos nomes constantes da caderneta. O José Maria var ser preso, o perigo é ele mandar algum de seus assecas perseguir a mim e a nossos familiares. O problema imediato foi resolvido com a morte do delegado, mas e daqui pra frente?

- Valentim, eu retirei da caderneta as folhas onde constava o nome do pai e do filho.

- Por que fez isso, pai?

- Ora, meu filho! Os investigadores, certamente, vão chegar ao José Maria através dos demais nomes existentes na caderneta. As folhas faltantes acabam por nos livrar de qualquer suspeita, pois é óbvio que o de-

legado não deixaria o seu nome na caderneta e muito menos o do filho. Sua primeira providência ao pensar em morte seria preservar sua história, como delegado e homem de bem, e a segurança de seu filho.

Valentim concordou com o pai por alguns instantes, coçou a cabeça, caminhou no quarto e falou.

- A ideia foi muito boa, isso realmente afasta de nós qualquer suspeita.

- Por outro lado meu filho, você não leu ainda o jornal de hoje, está aqui, vai ficar contigo. Verás que foram encontrados mortos em sua residência, por vizinhos, Itamar Gonçalves e sua mulher, ambos funcionários da Santa Casa. O delegado está relacionando esta morte com a morte de Máximo Trento. Veja você que José Maria ou seus mandantes estão escondendo tudo e qualquer rastro.



O delegado Agenor ligou para o chefe de polícia ainda naquela noite. Expôs toda a situação: a suspeita de suicídio do delegado José Mário; a confirmação de que ele assassinou um morador da cidade através de confissão do próprio em letras marcadas em um jornal no qual pedia perdão pelo ato, fato que indicava ter assassinado a pessoa errada. Por último, informou ao chefe que estava em seu poder a caderneta.

- Nesta caderneta consta o nome de José Mário e de seu filho José Maria?

- Não, senhor, não consta, todavia, folhas da caderneta foram arrancadas.

- Pelo que me falaste, considere o caso do José Mário como suicídio, anuncie que foi ele que matou o morador e archive o caso. Mande-me imediatamente a caderneta, ela fará parte da investigação que estou de-

senvolvendo aqui na capital e em cidades do interior. Mande-me também o jornal usado pelo defunto.

- Fique tranquilo secretário, tomarei estas providências. Algo mais?

- Por último, como já lhe falei, continue atento ao médico Valentim. Deixe alguém de sua confiança observando na ferroviária. Se o médico embarcar me avise imediatamente. Obrigado e boa noite.



Na madrugada seguinte Valentim tomou o trem e voltou a Porto Alegre. Nesta mesma madrugada José Maria se espreguiçava nos lençóis da amante quando recebeu um telefonema avisando-o da morte do pai. Acordou Suzette e lhe avisou que ia tomar o trem para o interior, que seu pai estava morto e que ele ia descobrir o que tinha acontecido. Os trens de José Maria e Valentim se cruzaram em algum desvio lá pras bandas de Santa Maria. Valentim. Ao desembarcar Valentim foi abordado por dois policiais, que o convidaram a lhes acompanhar para uma entrevista com o chefe de polícia.

- Doutor Valentim! Fez boa viagem? Tudo bem com a família...?

- Tudo bem senhor, em que posso lhe ser útil?

- Meu caro doutor, saiba que estamos investigando há algum tempo o tráfico de drogas no Estado e possuímos diversas informações, inclusive a sua participação em eventos que levaram uma quadrilha a invadir o hospital e matar um paciente seu, o italiano Máximo.

Neste momento adentrou na sala um policial com um envelope pardo e entregou ao chefe. Ele abriu o envelope em frente a Valentim, e para surpresa deste dentro estava a caderneta que o pai tinha deixado junto ao corpo de José Mário.

- Doutor Valentim! Creio que já viu caderneta igual a esta.

No silêncio de Valentim, ele continuou:

- Valentim, se assim posso chamá-lo, embora tenha sido noticiada nos jornais a morte de dois servidores de vosso hospital, nós, mascarando os fatos, criamos uma cortina de fumaça para a imprensa e para os traficantes desafetos do casal, com o objetivo de protegê-los. Em realidade somente Itamar Gonçalves veio a falecer, sua esposa, Thereza Eulália, embora em estado grave, sobreviveu, continua internada, confessou os acontecimentos ocorridos durante o assassinato do italiano e afirmou, inclusive, que uma caderneta, irmã dessa aqui, lhe foi entregue por Máximo.

Estamos como pode ver, Valentim, em um impasse. Restos de uma caderneta foram encontrados no banheiro do quarto do italiano. Outra caderneta foi encontrada junto ao corpo do delegado José Mário. José Mário, ao que tudo indica, suicidou-se lá em sua cidade. Ele tinha em seu poder está caderneta, que acabou de chegar pelo trem em que o senhor também chegou. Não vou questionar como o delegado morto tinha uma caderneta em seu poder, isto não é relevante ou é? Não é relevante se o senhor tiver uma caderneta igual a esta em seu poder; caso contrário, o senhor passa a ser suspeito pela morte do delegado.

Valentim manteve a calma e respondeu firme o olhar de seu interrogador:

- Então Valentim existe uma terceira caderneta? Se existe me apresente, pois esta que está a sua frente está mutilada, faltam folhas.

E pegando a caderneta a folhou e mostrou ao doutor os sinais das folhas faltantes.

Valentim concordou com um aceno de cabeça:

- Portanto, doutor, como vês, preciso desta terceira caderneta. Sua existência tirará de vós qualquer suspeita e, se estiver completa, dar-me-á informações de fundamental importância para nossas investigações.

Valentim levantou-se, apanhou e abriu sua pequena mala, de lá retirou a caderneta. Também, neste momento, retirou dos ombros um peso que ele carregava há dias.

- Está aqui a caderneta que me foi confiada por Máximo Trento. Ele estava desesperado, e eu, por ingênuo e por estar em frente a um ser extremamente ferido e em perigo de morte, a guardei. Confesso-lhe que em princípio sequer a abri, enfim era algo pessoal de um paciente que se agarrava a este pequeno objeto como sendo seu seguro de vida. O problema era muito maior do que eu supunha e rapidamente se precipitaram os acontecimentos.

O Chefe olhou detalhadamente aquela brochura, verificou que estava intacta, nas folhas três e quatro constava o nome de pai e filho, José Mário e José Maria, e nas folhas dezessete e dezoito constavam os nomes de João Cunha, o escrivão e de Bené da Garrucha.

O chefe com um sorriso nos lábios ligou, ali mesmo em frente a Valentim, para o delegado Agenor, após cumprimentá-lo decretou.

- Agenor! Deve ter chegado ou está chegando à cidade o filho do falecido José Mário, prenda-o, acusado de tráfico de drogas e assassinato. Prenda também o escrivão João Cunha, por tráfico.

- Delegado! Quem é Bené da Garrucha?

- Bené da Garrucha é o cabo Benedito Ruas.

- Prenda-o pelo mesmo motivo, tráfico. Foram eles,

o escrivão e o cabo que certamente retiraram as folhas da caderneta para encobrir seus nomes. O José Maria deve vir escoltado para a capital no próximo trem, os outros ficam presos aí mesmo, até segunda ordem.



Em 1954 José Maria era um dos líderes da perversa Casa de Correção de Porto Alegre, liderança obtida pelo controle do jogo e fornecimento sistemático de álcool e drogas aos demais apenados. Foi um dos incentivadores do incêndio que corroeu aquela pocilga medieval. Oficialmente não houve mortes nem fugas, no entanto, sabe-se de sangrentos ajustes de contas entre presos com esfaqueamentos e degolas. José Maria desapareceu naquele dia.



Esperidião, que por anos ajudou Manecão nas vendas e se tornou por isso quase um membro da família, por incentivo de Beta e por uma bolsa de estudos conseguida por Hildegard, estudou com dedicação em escola noturna particular, formando-se em contabilidade. Por ter sido um aluno exemplar, o melhor da classe, foi indicado por um professor a uma grande empresa de São Paulo e pra lá se deslocou para estagiar e futuramente assumir a contabilidade de uma filial no Estado de Santa Catarina.

Certa tarde, quando ia a um cartório reconhecer a firma de documentos em uma travessa da Avenida São João, centro de São Paulo, notou que havia em um canto sob uma marquise uma simples banca de jogo do bicho, igual a tantas existentes em diversos locais da capital. Em realidade era uma pequena mesa de armar; sobre



esta, blocos de papel, caneta e carbono; na parede pendiam, presos a prendedores, bilhetes e listas de loterias. Vigiava este local um senhor de meia-idade, embora houvesse uma cadeira de metal ao lado da mesa, ele estava em pé.

Era uma tarde quente, e o homem vestia calça leve e uma camisa de física que lhe deixava o braço descoberto. Esperidião viu que braço e antebraço apresentavam sinais de queimadura e que o homem ao se mover tinha uma perna dura, sem movimento do joelho.

Ele e o bicheiro se encararam, o bicheiro desviou o olhar, mas Esperidião teve a certeza de reconhecê-lo. Logo lhe veio à memória aquele menino que um dia jogou uma bombinha dentro do carrinho de cachorro-quente...

Tomado de curiosidade e coragem, pois era sabedor que José Maria tinha morrido no incêndio da Casa de Correção, se aproximou:

- Buenas tardes José Maria!

- Quem é você?

- Não está me reconhecendo, tem razão, eu era menino quando nos vimos pela última vez. Eu sou o Esperidião, pipoqueiro que ajudava o Manecão, pai do Valentim.

- Meu Deus! É você mesmo, virou homem, moleque...

- Sim! Agora moro aqui em São Paulo. Que surpresa! Tu tá vivo! Lá no Sul todo mundo acha que você morreu.

- Bueno, é uma longa história. Embora queimado, mostrou o braço, e, com perna dura, apontou para o joelho, vou vivendo.

Sorrindo com a boca um pouco torta, pois os lábios também apresentavam sinais de queimadura, ele continuou:

- Faz muito tempo que não converso com alguém de nossa terra. Venha, vamos tomar um café no boteco da esquina.

José Maria recolheu rápido suas tralhas enquanto Esperidião ia ao cartório; se encontraram no bar. Em princípio conversaram amenidades, em seguida o bicheiro contou suas aventuras ao jovem:

- Pois te digo, Espiridião! Comi o pão que o diabo amassou naquele presídio, local insalubre, com marginais da pior espécie, suicídios, assassinatos, estupros, tuberculosos, enfim o próprio inferno na terra.

Conseguí me manter quase incólume, pois montei ao lá chegar um esquema de fornecimento de drogas e álcool. Fui um dos líderes do movimento e do planejamento de incendiar o cadeia e possibilitar a nossa fuga.

Com o dinheiro que consegui no tráfico, subornei um guarda e consegui roupas civis. Ao estourar o motim me vesti rapidamente e tentei chegar junto aos guardas, enfermeiros, dirigentes, jornalistas, enfim, ao povo que veio para enfrentar a tragédia.

Quando corria pelos corredores, com a camisa na mão tapando o nariz por causa da fumaça, um desafeto de desentendimentos antigos por negócios com drogas me empurrou contra um colchão em chamas. Foi aí que queimei o braço e sapequei a boca; consegui me levantar, esmurrei-o jogando-o ao chão, um comparsa dele, em realidade um travesti, seu amante, me atacou com um chucho, levantei a perna para me defender e ele furrou meu joelho. Naquele inferno que se formou fui empurrado por uma leva de presidiários. Com dores profundas saí para o ar livre, fui tomado por civil e levado para a Santa Casa.

Por estas coisas do destino fui atendido pelo Valentim, me tratou, me curou das queimaduras, nada pôde fazer por meu joelho, fiquei com a perna dura.

O Esperidião era todo ouvido, estava impressionado com a narrativa. Pediu mais um café pingado e disse ao José Maria que prosseguisse.

- Tenho certeza que um deles, o Valentim ou o Manecão, matou meu pai. Hoje não lhes tiro a razão, pois meu pai foi a Passo Fundo disposto a tudo, inclusive matar o Valentim para obter os documentos de que necessitávamos. Atualmente mais maduro e experiente sou agradecido ao doutor. Além de me tratar, deu-me dinheiro para a passagem e para me manter aqui em São Paulo por seis meses. Como vê, continuo na contravenção. Jogo de bicho e loteria rende alguma coisa, mas é tudo fachada. Naquela caixa de hidrante, tenho drogas e uma clientela que me procura no início da noite. Assim vou vivendo, está tudo bem. Gostaria de ter notícias de minha filha Maria Clara! Tens informações dela e da mãe?

- Não tenho tido notícias ultimamente, sei que continuam morando com o avô em Palmeira. Vou para o sul nos próximos dias, ao voltar trarei informações para você.

Conversaram por mais algum tempo, Esperidião matando a curiosidade de José Maria sobre as coisas da terra e ouvindo, dele, histórias de tráfico, morte, sofrimentos e desesperanças...

## O ÓDIO DA PAIXÃO

- Veja vancê, meu amigo. Nestes dias de friagem, em que a gente não tem coragem de pôr o nariz para fora. Em que só se sabe rodear o fogão, cevando mate, comendo pipoca, pinhão e criando barriga, me faz lembrar o acontecido com o circo que passou por estas terras. Já faz bem uns quinze anos, causando a admiração do povo pelos espetáculos oferecidos, bem como pelo drama que envolveu aquela gente.

- Pois bueno! Me fale de teus pensamentos!

- Corria o mês do cachorro louco<sup>6</sup>, dias de invernía, quando não estava chovendo, estava garoando, uma umidade de dar medo. De quando em quando uma geada branqueava as coxilhas num frio de renguear cusco<sup>7</sup>.

Pois foi nestes dias, em que as estradas estavam em estado de calamidade, judiando a indiada, com lama, buracos e atoleiros, que o Gran Circo Norte-Americano se deslocava para a cidade. Eram diversos veículos, transportando proprietários, diretores, artistas e ginastas das mais diversas especialidades, bem como equipamentos e um mini zoológico com elefantes, girafas, hipopótamos, zebras, leões, ursos e macacos, enfim, bicharedo de todo o tipo, muitos que com certeza a gauchada ainda não tinha visto.

<sup>6</sup> Mês do cachorro louco – Mês de agosto.

<sup>7</sup> Renguear cusco – Um frio tão intenso, que os cachorros manquejam de uma das pernas; rengo.

Foi uma travessia terrível, com caminhões quebrando, atolando, transformando aquela gente em reféns da violência do clima. Ao chegarem à cidade, pelas intempéries e pelo cansaço, se hospedaram em hotéis e pensões dependendo de haver vagas e das posses de cada um.

Na pensão da Maria Roncadeira se hospedaram o trapezista e sua mulher, que não era artista, e sim administradora, dois palhaços, o domador e sua auxiliar de apresentação.

Segundo contava Maria Roncadeira, o domador tinha olhos de paixão pela auxiliar, mas os quartos eram separados.



Quando o clima deu uma trégua, os peludos, orientados por diretores, iniciaram os preparativos do terreno e a montagem do circo, logo ali, pertinho da Igreja Matriz.

Houve, então, desfiles pela cidade, com apresentação dos animais, dos artistas, os palhaços jogando balihas para a gurizada e um carro de som com um sotaque estranho chamava o “Respeitávelllll Púúúúblico” para a sessão inaugural.

Tudo era festa, era alegria. O cheiro da serragem, o odor da bicharada e a qualidade do espetáculo faziam o público vibrar e aplaudir freneticamente as apresentações.

Eu acompanhava tudo, ouvindo as notícias na minha galena<sup>8</sup>.

Pois foi neste período, quando olhares voltavam-se

---

<sup>8</sup> Rádio primitivo do início do século XX. Que utiliza como elemento detector o cristal de galena – sulfeto de chumbo.

para o circo e seus componentes e todos comentavam admirados a coragem do domador, que enfrentava feras em um cercado de ferro, leões, tigres e ursos, que eu, vindo de minha fazendola, cheguei ao povoeiro.

De longe eu avistei os mastros e pra lá me dirigi, estava curioso, queria ver o movimento. Quando passei pela frente, lona colorida e muitas bandeiras; a bicharada espalhada em uma área cercada tomava sol, os felinos em suas jaulas, o hipopótamo num lago artificial e os elefantes presos pelos pés num balanço constante, os macacos tomavam a atenção da piazada.

Minha passagem foi rápida, pois meus bois, sentindo o cheiro dos enjaulados, apressaram o passo, posso até dizer que dispararam.

Foi nesta pressa que cheguei à pensão da minha amiga Maria para lhe entregar leite, queijos e carnes de frango e porco.

A friagem tinha me pegado, cheguei fungando, nariz escorrendo, com febre, acabrunhado. Recolhi-me na cozinha da Maria pra tomar um chá e um comprimido para melhorar minha situação.

- Homem de Deus, fica hoje por aí, tenho um quarto ali nos fundos. Vai tomar uma sopa e repousar, amanhã volta para a fazenda, já recuperado.



Tava eu ali, meio entanguido, rodeando o fogão, quando chegou um hóspede que eu não conhecia, moreno, alto, careca, barrigudo, acomodou-se numa cadeira de balanço, e a Maria me apresentou como sendo o palhaço Bolachão.

- Vocês vão conversando enquanto eu preparo a sopa e tiro o pão do forno.

Puxei assunto com o Bolachão, você sabe como é, uma pergunta daqui, uma resposta dali, até a conversa engrenar...

Perguntou quem eu era, contei que era filho desta terra, que tinha sido professor por muitos e muitos anos; que herdei uma propriedade rural e que agora me dedicava às lides do campo.

Conversamos sobre o espetáculo, sobre o clima, sobre as suas origens. Contou-me que era cearense, já estava há mais de quinze anos na estrada e falou-me sobre outros profissionais que trabalhavam no espetáculo.

Conversa vai, conversa vem, e o Bolachão, sentindo-se à vontade, tomando uns goles de quentão, especialidade de Maria Roncadeira para os dias frios, como não tinha papas na língua, foi nos contando detalhes e mesmo segredos da vida circense.

Vagou com sua conversa envolvente por assuntos íntimos e particulares daquele grande número de componentes da cidade de Iona.

- Veja a senhora, dona Maria, e você meu amigo que agora estou conhecendo, por exemplo: embora todo o sucesso e o reconhecimento público, o trapezista é uma pessoa totalmente humilde, simpático e servidor, um verdadeiro companheiro. Um cavalheiro.

Já o domador, o espanhol Enzo, que a senhora conhece aqui da sua pensão, desfruta também da fama por seu porte físico e sua coragem, é realmente muito corajoso, mas na vida íntima é inseguro, além de orgulhoso, machista e vaidoso.

É extremamente ciumento com sua companheira, a Karin, nem sequer é sua namorada, mas ele se acha seu proprietário, é apaixonado por ela.

Nos últimos dias, nesta viagem que fizemos de São Borja para cá, ele está encanizado com um peludo, um

caboclo missioneiro, que vem nos ajudando nos últimos tempos.

Pois o peludo de nome Salvador tem lá suas habilidades, conta que é domador de aporreados e campeiro, criado em fazendas nas margens do Rio Uruguai e que aceitou andar com o circo porque quer viajar, conhecer o mundo, tendo o que comer e onde dormir sem gastar.

Mas é como vocês dizem aqui no Sul, um pelo duro, sobre o qual o Enzo não devia depositar ciúmes, mas...

Outro dia ele confidenciou com o trapezista, o John, que é americano, o motivo destes ciúmes, destas desconfianças é que a Karin, você a viu, meu amigo? É aquela sueca, branquinha com cabelos cor de palha do milho e olhos verdes acinzentados, aquela tonalidade que se forma em dias sombrios, quando a garoa encontra as águas do mar. Eu a tenho como muito corajosa, pois, assim como ele, ela fica junto às feras durante todo o show, não demonstrando qualquer temor. Mas, sim, voltando ao assunto, ele alega que o povo sueco gosta da cor amorenada, que o Salvador, com aquele porte, com a dentadura alva e músculos bem definidos, atrai a moça. E que durante as refeições e o espetáculo ele fica a encará-la. Tenho a impressão que ela corresponde.

Comemos uns pinhões que Maria tinha jogado sobre a chapa do fogão e continuamos tomando devagarzinho, ele o quentão e eu o chá. O calor da cozinha me animou, e prosseguimos naquela conversa calma e animadora até o escurecer.

O palhaço nos ofereceu convites para o espetáculo daquela noite, eu agradei, pois segundo as recomendações da Maria eu devia descansar e dormir cedo, para me recuperar do resfriado. Eu estava realmente cansado, tinha carreteado por muitas horas naquele dia. A Maria ficou entusiasmada e comprometeu-se a ir, fato que alegrou em muito o palhaço.



Levantei cedo como de meu costume, tomei meu chimarrão, solito, ajoujei minha junta de bois na carroça, boi Canário e boi Mimoso, fui ao passito deles carregar sal e ração para levar pro meu gado, para meus porcos e minhas galinhas.

Depois desta lida, voltei à pensão, para me despedir, agradecer e receber meus pilas pelo leite, pelos queijos e pelas carnes.

Maria me esperava com um bom café. Tomamos sozinhos, pois os pensionistas, dada a hora, já tinham partido para seus afazeres.

A Maria, com aquela sua calma peculiar, com os cabelos enrolados sob um lenço, com um creme no rosto que a deixava branca feito um fantasma, mordiscando um pão de milho com mel, me perguntou:

- Ficou sabendo do espetáculo do circo ontem à noite?

- Não, pois deitei cedo e dormi como um padre!

- Pois nem te conto, deu um banzé danado, e a apresentação se encerrou até mais cedo.

- Algum acidente?

- Nada disso! Não vê que o Enzo, bem como o Bolachão falou, estava morto de ciúmes do Salvador, o peludo, e aprontou?

- Como assim aprontou?

- Já te conto! Pois há de vê que na hora da doma, os animais já dominados, ele e a Karin sorriam para o público, se inclinaram, levantaram com graça as mãos, aqueles costumeiros salamaleques e receberam muitos aplausos e vivas. Neste instante ele, o Enzo, sem mais nem menos, abriu a portinhola e pediu para o Salvador, que se encontrava ali perto, todo de uniforme vermelho, como se fosse um soldado romano, que lhe trouxesse um

banco que ele tinha estrategicamente deixado do lado de fora. O Salvador prontamente atendeu ao pedido, e o domador, num de repente, puxou o peludo para o interior das grades e ficou do lado de fora, sorrindo. Querendo pelo que se depreendeu dar um cagaço no rival.

Num primeiro momento o público não entendeu, mas logo perceberam que os animais se agitaram e começaram a arreganhar os dentes, a se mover lentamente em direção ao Salvador.

O Enzo sorria, desafiando o casal.

O gaúchão, lá das barrancas do Uruguai, que era acostumado a domar, laçar e pealar, mas que nunca tinha mexido com uns “gatinhos” daquele tamanho, se encolheu um poquito e olhava para a Karin como quem pergunta o que fazer. Havia um certo desespero em seu olhar, mas é bom que se diga que não pediu socorro nem gritou. Bueno, quem sabe a voz estivesse presa na garganta.

Enquanto isso do lado de fora o Enzo continuava sorrindo, olhando com desdém para o casal, esperando que eles aos gritos pedissem que ele os socorresse.

Karin retribuiu rapidamente o olhar e, com aqueles olhos de garoa, encorajou o peludo.

Ela fixou os olhos nos animais, olho no olho, falou firme com voz de comando, tomou o chicote e estalou com vigor. Viu-se então que as feras a respeitavam e se colocaram em seus lugares.

Abriu com calma a saída para os animais irem às jaulas e começou a encaminhá-los com enorme segurança.

Foi quando o Enzo, supresso e vendo que sua estratégia tinha falhado e que o povo já aplaudia a mulher, voltou de supetão para o interior do cercado, criando

tumulto e surpresa entre os bichos, e nesta hora um dos leões deu-lhe uma patada violenta no braço, arrancando parte da musculatura.

Karin com frieza e profissionalismo controlou o animal e ele se encaminhou para a jaula, enquanto o Enzo, caído, gritava segurando o braço já todo ensanguentado.

O público se pôs surpreso, tenso e apavorado.

O domador gritava e pedia por socorro e foi logo atendido e retirado do picadeiro por enfermeiros do circo.

O espetáculo continua...

Karin foi até Salvador, levantou sua mão, se inclinou, e o povo o saudou com vivas. Ela olhou nos olhos negros do peludo e lhe deu em frente a todos um afetuoso beijo.



Karin buscou ainda ontem à noite, as suas malas e, junto com o Salvador, foi para um hotel no centro da cidade.

Terminamos o café em silêncio, cada um matutando... eu fiquei impressionado.

- Bueno, Maria, é hora de me ir, na semana eu volto, te trago queijo, carne, lenha e mandioca e para saber das novidades, tomar um chimarrão e uma pura.

E aí meu amigo, depois de tudo isso eu segui. Eia, Canário! Vai, Mimoso! Era, boi! Era, boi! Assim fui indo a passos lentos, ouvindo o rangido de minha carroça e pensando que a vida é muito boa, pode às vezes não ser justa, mas somos nós, viventes que criamos situações que nos levam ao desespero da alma e à mutilação física.

Com estes pensamentos me fui por canhadas e co-

xilhas, às vezes cantando, às vezes pensando e conversando com meus bois.

- Pois não é que o espanhol por sua empáfia, pela falta de humildade, respeito ao próximo e uma paixão traçoeira perdeu a assistente, seu amor, seu desejo. Certamente, agora, ficou apenas o ódio, o mais doído dos ódios, o ódio da paixão. Além do mais ficou com deficiência no braço, provavelmente encerrando assim sua brilhante carreira. Meditei ouvindo pássaros cantando nas macegas, as rodas da carreta faziam rastros no estradão, e as patas dos bois espremiavam a branca e fina areia. Concluí que a vida é curta para pelearmos e sofreremos por amores impossíveis.

Os bois seguiam a passito, ruminando, puxando a carroça sem saberem a força que têm. Quando enxergaram o rancho, apuraram o passo, pois queriam a sua ração de capim-elefante e mandioca. Calados não davam respostas às minhas aflições. Já ao longe ouvi o latido dos cachorros e enxerguei uma fumaça branca subindo do meu fogão.

Respirei fundo, três vezes, para acalmar meu espírito...



## OS PROVISÓRIOS

Cheguei à Pensão de Maria Roncadeira, onde sou mensalista, cansado e molhado pela chuva, fria e renitente, que me apanhou no último quilômetro. Na fazenda que herdei de meu pai e de meu tio, pratico atividades agrícolas e pecuárias, e na cidade, leciono matemática e física no período noturno às quartas e quintas-feiras.

Cheguei, pé ante pé; não queria acordar os que ali se hospedam e principalmente a Maria, pois ela, com a liberdade que tem comigo, certamente me passaria um pito por chegar tão tarde e todo molhado.

Não conseguia pegar no sono, tal era o cansaço. Resolvi, então, ler o velho Livro Sagrado, que ganhei de minha mãe, e que me acompanha há anos. Encontrei como em outras vezes, dentro daquele alfarrábio, a velha e amarelada carta de Dona Maria da Fé. Maria da Fé conta nesta mensagem parte da história de meu pai.

Este documento faz parte da narrativa que estou escrevendo sobre minha família, narrativa esta que servirá de documento para comprovar que não sou irmão da moça que amo e com a qual desejo me casar.

Uma nuvem de vapor subia do café recém-coado. O dia tinha nascido com nuvens que se enfeitavam de um encarnado intenso, prenunciando um dia de sol forte e de tórrido calor.

Apurei o ouvido e ouvi os cascos marchadores do cavalo de meu filho, vi o animal entrar pelo portão e estacionar junto ao galpão, como era seu costume.

Para minha surpresa, vi que o cavaleiro não era Paulo Ernane; era um estranho. Observei, também, que o ginete estava ferido, pois se apoiava no pescoço do animal e aparentava não ter forças para aprear.

A carta caiu sobre meu peito, e eu ferrei no sono...



- Bom dia! Venha para a mesa! Se assente, o café tá fresquinho, os bolinhos ainda estão quentes.

- Bom dia, Maria! Desculpe se te acordei ontem à noite! Cheguei tarde e molhado por uma chuva que me gelou até os ossos.

- Que nada, guri! Vi quando chegaste! Virei de lado e continuei dormindo.

- Os arreios e a capa, molhaditos no mais, pendurei no galpão, para escorrer e secar, o cavalo eu larguei no potreiro, inda hoje levo o crioulo para a chacinha.

- E na fazenda, tudo bem?

- Tudo bem, muita lida: marcação, aparte, cercas para consertar, você sabe, Maria, aquelas lidas que não acabam nunca. Vim com toda a friagem porque preciso ir, à tarde, ao banco e tenho que corrigir provas e preparar uma aula de geometria.

- Nestes dias em que ficou fora, aluguei teu quarto para uns viajantes, desconto as diárias como de costume no teu pagamento. Aproveitei também e fiz uma limpeza em regra no teu quarto, lida pesada, que de há muito eu queria fazer.

- Hum! Hum! Gosta de mexer nas minhas coisas.

- Não se preocupe! Deixei tudo como tu gostas! Tudo no lugar.

- Tá bueno, Maria! Sei que fizeste pelo melhor.

- Tenho que confessar que, nos dias em que o quarto estava ocupado, levei tua mala, aquela de couro que seguido você leva para a fazenda, para o meu quarto. Dei uma organizada! Estava precisando! Dentro havia de tudo, além das roupas, algumas bem encardidas, uma hora dessas vou dar uma alvejada naquelas camisas, da navalha, da água de cheiro, da Bíblia e de alguns escritos, tinha pena de galinha, poeira, pedacitos de esterco e outras cositas mais.

- Mas bah! Você sabe que aquela mala é a menina de meus olhos.

- Não mexeriquei em nada! Não mexi por mal! Você sabe, homem é desorganizado, se deixar por conta de vocês uma mala linda como aquela, pode criar bicho.

- Mas é bem capaz!

- Outra coisa, não fique brabo, meu rapaz! Na hora da limpeza tava chovendo, eu tava sozinha, quando terminei me deu uma lombeira, me espalhei na cama e li uns escritos que guardas dentro da velha Bíblia, poemas e contos, gostei, achei uma beleza, só me encanzinei com a narrativa que estás a fazer, falando do Corpo Provisório, Pé no Chão. Tá ainda no início, o ali contado é verdade ou vosmecê escreveu tudo de cabeça, de imaginação?

- Barbaridade! Mas quem diria, hein! A Maria agora deu para ficar curiosa!

- Ah, meu amigo! Nossa amizade vai muito, mas muito além mesmo destes pequenos detalhes. Você é quase um filho para mim. Esta liberdade se permite a



quem se tem afeto. Nunca nos estranhamos por estes pormenores.

- Tá certo! Está certo, Maria! Deixa para lá esta minha rabugice, eu é que ando meio cansado.

- É isso, é isso! Sempre nos entendemos. Mas me conta de cabo a rabo o que estás a escrever? Ah, sim! Antes que eu me esqueça, e aquela fotografia da Anna? Oh! Moça mais linda. Não sei se tu a mereces, gaúchito danado!

- Meu Deus do céu, Maria! Você está impossível. Mas tudo bem, não adianta discutir consigo mesmo.

- Bom, agora que já tá mais calmo, vai me contar estes teus segredinhos?

- Enquanto você lava a louça e começa os preparativos para o almoço, sei que esta é a tua rotina, eu vou recolher minha capa, colocar os pelegos no sol e preparar um chimarrão com uma erva verdinha que comprei na bodega do João Gordo. Vamos, então, amargando, travar um bom papo e matar a tua curiosidade. Assim, também, eu posso desabafar um pouco.

- Já voltou, Honório Ernesto?

- Já, tô cevando o mate!



- Bueno, Maria! Enquanto a panela de feijão vai batendo a tampa, sente, tome um chima e escute, pois, este caso vem de longe. Vou te descrever como me foi contado por meu tio Onofre. É bom que se diga que tio Onofre era muito detalhista, e seus contos eram mais compridos que esperança de pobre. Pois, certa feita, eu era piazote, fomos solitos no mais tanger um gado nos fundos da fazenda e lá almoçamos um arroz de carreteiro. Enquanto cozinhava e tomava uma pinga, ele foi,

devagarito, desfiando grande parte do que estou a escrever. Quando fiquei mais taludo, minha mãe, Yari, bem como os desenhos e pinturas meu pai completaram o cenário que eu tento descrever. Além, é lógico, da carta de Maria da Fé que certamente tu leste, em tuas mexericagens, e que me trouxe informações de um período da vida de Honório em terras paulistas.

Tudo começou quando o José Aquilino, meu avô, chegou das bandas de Palmeira.

- Pera! Pera aí, Honório Ernesto; é só colocar umas achas de lenha no fogão e nos prendemos na prosa.

- Pronto, tá tudo ajeitado, agora podemos prosear descansados.

- Corria o ano da graça de nosso Senhor Jesus Cristo de 1916 quando chegaram prestas bandas Zé Galinha, sua mulher Altina e dois filhos.

José Aquilino trouxe da Palmeira o apelido Zé Galinha, por ser hábil criador de galinhas e por vendê-las, já preparadas, nas feiras ou de porta em porta. Essa era a principal atividade econômica da família.

Vovô comprou uma chácara, lindeira com outras, e logo se empanou com o povo, pois gostava de um bom papo, de jogar cartas, chimarrear e, nos fins de semana, de uma pura.

José Aquilino beirava aos cinquenta anos, moreno do cabelo liso e olhos amendoados, certamente por uma ascendência indígena. Altina, que contava na época com quarenta e cinco, tinha pele alva, olhos castanhos-esverdeados e cabelos negros. Os meninos, gêmeos, tinham oito anos e pareciam demais com a mãe. Onofre era destrinchado nos estudos, escrevia e lia que dava gosto e era dono de boa prosa. Honório era surdo-mudo, resultado de doença braba que enfrentou quando tinha

três meses, febre altíssima, escapou da morte, como por milagre, mas ficou surdo. Por esse motivo Honório não ia à escola e passava os dias ajudando o pai nas lides. À medida que crescia ia tomando conta das galinhas, abastecendo a cozinha com lenha cortada, com água, tangendo as vacas leiteiras montado em pelo no petiço Pirulito. As lidas com Pirulito e outros aporreados da região fizeram do mudo excelente cavaleiro. Com o passar dos anos os meninos foram pondo corpo, definindo musculatura, mãos grossas conseguidas no trabalho ao ar livre e na labuta de quebrar pedras, junto com o pai, na pequena pedreira ao fundo da morada donde extraíam paralelepípedos.

A família era muito unida. Quando chegavam do trabalho, banhavam e, enquanto Altina preparava o jantar, chimarream e proseavam. À noite se divertiam jogando cartas. Honório rapidamente aprendeu o pife, o três setes, a canastra e o truço, neste então ele ria, pulava, dava grúidos como poucos.

Zé Galinha tinha histórias pra contar, assim como os vizinhos, homens de meia-idade, que tinham, em sua maioria, peleado na revolução Federalista de 93, alguns sob o lenço colorado, Maragatos, enquanto outros assim como José Aquilino, pelearam de lenço branco, Pica-Paus.

Essas diferenças já não tinham mais importância. Eram homens criados. O que importava agora era uma boa prosa e um companheiro para juntos picar um fumo amarelinho, tomar um verde e, de quando em vez, quebrar uma canha com butiá ou com casca de bergamota.

Passavam horas e horas lembrando as ações, os combates, os amigos, os comandantes. De vez em quando discordavam sobre ideias e outros detalhes, mas acabavam concordando que foram tristes aqueles momen-

tos nas coxilhas em que irmãos enfrentavam irmãos. Tinham, o que é normal, outras diferenças, discutiam cada um defendendo seu ponto de vista, mas tudo terminava em exclamações de “deixemos isso pra lá!” “Passe-me a cuia!” “Empresta-me o canivete!” “Quero fazer mais um baio”!

Os guris eram unidos. Onofre auxiliava o irmão nas comunicações; eles se entendiam perfeitamente por sinais, murmúrios e leitura labial; brincavam, corriam pelos campos sempre na companhia dos cachorros, Vinagre e Pimenta, do petiço Pirulito e de uma égua, recém-comprada, ainda mal domada, a Princesa, que Honório em pouco tempo deixou de rédea ao chão.

Se Onofre era hábil na leitura e na matemática, Honório tinha pendores para o desenho, para a pintura. Pintava no início com carvão e depois com lápis comprados pela mãe. Com o passar do tempo sua vocação se fazia presente no dia a dia. Pintava tudo o que via, de paisagem a animais, de pessoas a equipamentos. Usava com frequência essa sua habilidade como forma de comunicação.



Ao final de 1930, naqueles dias em que os revolucionários gaúchos ataram os cavalos no obelisco em frente ao Palácio Monroe, na Avenida Rio Branco, onde funcionava o Congresso no Rio de Janeiro, colocando o Brasil sob o poder de Getúlio Vargas encerrando a República Velha, os irmãos estavam com vinte e dois anos. Onofre, por ser letrado, foi convidado pelo tio materno, Victor Hugo, conhecido pela família como Vito, para voltar a Palmeira e ajudá-lo na ervateira de sua propriedade. Esse tio, viúvo, não tinha herdeiros e abria-se aí uma possibilidade de Onofre se encaminhar na vida.

Onofre de início fazia os apontamentos, tomando conta das atividades no campo, coordenando os trabalhos de colheita da erva-mate.

Aconteceu então o imprevisível: Honório, não queria se separar do irmão, seu ídolo e protetor, com quem ele conseguia se comunicar com um simples olhar.

Como caçava frequentemente com o pai, pombas, perdizes e lebres, tornou-se hábil atirador. Essa habilidade era um ponto a seu favor, pois caçando ele auxiliaria o tio nas despesas com a alimentação da peonada nas lidas de coleta da erva.

Não teve jeito. Embora os argumentos do pai e a preocupação da mãe, o mudo se foi para Palmeira ao lado do irmão.

Lá, como estava programado, passaram a liderar um grupo de trabalhadores, que reunia uma gauchada de diversas origens, brancos, negros, índios, cafuzos e pelos-duros. Este povo trabalhava de sol a sol, desganhando os ervais, sapecando, acondicionando, transportando até o carijo ou ao barbaquá. Enquanto Onofre controlava os trabalhos daqueles rudes. Honório, além da caça como estava programado, se empanou com aqueles brutos no corte da erva; tinha força e físico para isso, e logo todos o admiravam e respeitavam.

Dentre os coletores de erva-mate, estava João da Silva, apelidado de João Portuga, por ser filho do português Pedro da Silva. João fora casado com a índia Nadi Aramí, e deste casamento nasceu Yari, uma beleza de cabocla, pernas torneadas, coxas bem-feitas, dentes alvos e um olhar castanho ligeiro. A jovem tinha recebido esse nome em homenagem a Yari, a deusa dos ervais e protetora da raça guarani. João morava em um rancho à beira de uma mata na saída de Palmeira para Sarandi.

Numa tarde de chuva, quando retornavam carregados de produto sapecado em direção ao barbaquá, abrigaram-se no rancho de João. Foi quando Honório viu Yari.

Yari, por ser filha única e maior tesouro de seu viúvo pai, era mantida longe dos olhares daquela peonada, pois João desejava para a filha homens de melhor qualidade que lhe dessem um futuro de menor sofrimento, coisa que ele, embora trabalhasse duro, não podia lhe oferecer. Sempre que passavam pelo rancho, Yari, por ordens do pai, se escondia no quarto, mas curiosa espiava os visitantes por pequenos buracos de nó de pinho existentes nas paredes.

Honório a viu, quase que por acaso, quando ela surpreendida pela chagada do povo, correu do terreiro para o quarto. Foi uma visão rápida, mas ele ficou de imediato enfeitado.

O destino prega das suas e em tramoias e labirintos aproxima os amantes. Foi o que aconteceu. Honório num sábado à tarde, dia de folga, com o melhor cavalo que o tio lhe pôde arrumar, foi ao rancho do João na esperança de ver Yari. Quando bateu palmas no portão, Yari se escondeu. O portuga o recebeu com fidalguia, pois gostava do mudo, companheiro no eito, sobrinho e homem de confiança do patrão e de todos.

Sendo o visitante mudo, João não viu perigo em chamar Yari para fazer café, servir água, bem como lhes preparar um chimarrão.

Yari, tímida como um bichinho do mato, fez tudo que lhe foi ordenado e ficou vendo aquele moço bonito, de pele clara e olhos verdes, comunicando-se com o pai por gestos e sinais. Percebeu que João muitas vezes não entendia, e ela como que por artes e pela sensibilidade feminina, entendia melhor que o pai as expressões

do mudo. Ela ficou admirada, pois o mudo com seus gestos e trejeitos, era “conversador” e muito risonho. O pai mandou que a filha se sentasse com eles, pois viu de pronto que ela entendia o Honório melhor que ele, facilitando a prosa.

Honório pôde então observar toda a beleza daquela fêmea que cheirava a flores silvestres e que usava no pescoço uma fina corrente de ouro com um pingente de cinco pérolas brancas que, enquanto ela falava com o pai e gesticulava com ele, se movimentava, balançando de um lado para o outro, e como num feitiço de cores repousava sua brancura no sulco formado por aqueles seios morenos. O movimento daquelas pérolas era hipnotizante e quando elas se acomodavam entre os seios da bela china o mudo segurava um suspiro no peito.

Foi uma tarde agradável, e quando se despediram Honório sinalizou que voltaria no outro sábado e traria uma galinha se Yari a preparasse para o jantar. O português concordou com largo sorriso e a filha fez que sim, movimentando a cabeça.

Honório foi se aproximando devagarinho, ganhando a confiança de João, se entendendo cada vez mais com Yari através de sinais, murmúrios e gestos: das mãos, dos braços, da cabeça e mesmo do corpo. Essas expressões, essas mímicas transformaram-se aos poucos em carinho, e quando o pai percebeu o namoro da filha já ia firme, com promessa de casamento.



Em 25 de junho de 1932, sábado, Honório e Yari ficaram noivos, em cerimônia simples, com a presença do pai da noiva, do tio e de Onofre. Apareceram, ainda, alguns cortadores de erva, que cheios de sorriso cum-

primentavam os noivos e comentavam a sorte daquele mudo, que estava noivando com a mais bela prenda da região. Mas este povoeiro estava mesmo interessado na boa canha do João, no arroz com galinha preparado pela noiva e na carne de paca caçada e assada pelo noivo.

Lembro sempre, Maria, que em conversa com meu tio, ele me confessou que assim como outros jovens daquela região ele também era apaixonado pela bela Yari. No entanto, sabia que o irmão tinha encontrado uma pérola que o amava e que Honório, até por sua deficiência, precisava de uma companheira, e ele tinha, naqueles tempos, dado todo o apoio àquele relacionamento.



Em 9 de julho, também um sábado, o telégrafo, os jornais e as rádios noticiavam o deflagrar da Revolução Paulista, sob a bandeira constitucionalista.

Essa notícia movimentou muitos rincões brasileiros e gaúchos. E foi assim que no dia 14 de julho o Coronel Serafim de Moura Assis, sob as ordens do também Coronel Valzumiro Dutra, liderados pelo General Flores da Cunha à época interventor getulista no Rio Grande, sendo conhecedor da estirpe guerreira e valente do povo de Palmeira das Missões, convocou cerca de mil homens daquela região para formar o 3º Corpo Auxiliar da Brigada Militar. Os Provisórios.

Esses homens se apresentaram em Santa Bárbara às margens da ferrovia, e foram ali selecionados pelo Coronel, “a dedo”, 500 paisanos, formando, assim, dois esquadrões de 250 homens.

Onofre e Honório estavam entre aqueles homens vigorosos que se dirigiram a Santa Bárbara.



Honório, na despedida de Yari, não sabendo qual seria seu destino nas lutas que se avizinhavam, embora sendo homem respeitador, de família e amigo de João Portuga, levou Yari, sua noiva, para seus pelegos.



Os irmãos foram escolhidos para comporem um dos esquadrões do 3º, no entanto, ao final do dia, foi descoberto por um sargento que Honório era mudo e, por sua dificuldade de comunicação, não podia acompanhar as tropas.

Onofre procurou as autoridades e expôs que eram gêmeos, muito apegados, e que o irmão dependia muito dele para se comunicar e por isso ele não o largaria por nada desse mundo. A união era tanta que ele tinha deixado a noiva em Palmeira para acompanhá-lo. Observou ainda que Honório, além de ter um físico avantajado, era exímio atirador, não perdia um tiro quando caçava com o pai. Essa virtude, certamente, era por não ouvir e assim ter foco exclusivo na mira, e disse em tom de brincadeira - ele com uma arma na mão é "tiro dado e bugio deitado".

Não teve lero, nem lero-lero, embora um eito de explicações. O mudo, segundo o comando não poderia ir.

Mas o mudo foi! De forma clandestina, se misturou naquelas centenas de homens, indo por matos e capoeiras e chegou junto com as tropas em Dois Irmãos, parada onde os Provisórios tomariam o trem com destino a Passo Fundo.

Honório escondeu-se em um dos vagões, e numa invernia danada chegaram a Passo Fundo. Receberam de imediato ordens para marcharem em direção à Lagoa Vermelha, onde segundo os boatos uma força insurreta

dirigida por Batista Luzardo se dirigia vindo de Vacaria.

A marcha foi realizada parte em caminhões e parte em infantaria, enfrentando forte friagem e estradas em péssimas condições.

Depois de terrível marcha chegaram e acamparam em Lagoa Vermelha. Batista Luzardo, tendo ciência das forças que se dirigiam para aquela região, depôs armas, ainda em Vacaria.

Fizeram caravolta, e o 3º Corpo voltou enfrentando as mesmas condições climáticas e de estrada até Passo Fundo.

Como os componentes do Corpo Provisório ainda não possuíam fardamento, Honório permaneceu entre eles sem ser notado.

No entanto, ao chegarem novamente a Passo Fundo, todos receberam uniformes. Aquela gente simples estava radiante, faceira, envergando o uniforme de brigadiano. O mudo continuava com suas vestes simples de trabalhador rural.

O comando convocou novamente Onofre, que era conhecido, pois sendo instruído já ajudava a transcrever as ordens que circulavam entre os diversos comandos. Onofre voltou a explicar a situação do irmão e lhes garantiu que ele iria com certeza acompanhar as tropas, de forma clandestina, de carona; enfim, quando eles chegassem ao front ele chegaria junto. Voltou a explicar os pendoros do irmão e sua habilidade no tiro.

O comando concordou que ele fosse como civil, mas se limitando como auxiliar nas lides de cozinha, no abate de animais e como churrasqueiro, alimentando aquele povo.

Neste dia Onofre e Honório tiveram grande alegria, pois José Aquilino e Altina, seus pais, ficaram sabendo

por recado vindo de Palmeira que os “guris” acompanhavam o 3º e foram até a gare da viação férrea abraçar e se despedir dos filhos. Foi grande o contentamento. No entanto, a frágil saúde de Zé Galinha deixou-os preocupados: fumava muito, tossia muito, estava magro e com a pele macilenta. Não imaginavam eles que esta seria a última vez que veriam os pais.

Zé Galinha faleceu um mês após este dia. Com o falecimento do esposo e a preocupação pela ausência dos rebentos, Altina entrou em depressão e poucos dias antes de ser selada a paz, em três de outubro, faleceu.

A viagem foi uma experiência inesquecível, Honório se deleitou, só fechava a janela quando chovia, caso contrário, observava o verde das matas, as sangas e os rios que cascadeavam, ladeando ou sendo cortados por pontes da estrada de ferro. Admirava o colorido dos pássaros que sobrevoavam a mata, rica em pinheiros. Olhava e olhava com meio corpo para fora do trem, só se recolhia para limpar os olhos, em lágrimas, devido a cinza expelida pela Maria Fumaça. Quase não dormia, era muita novidade. Seu talento de pintor aflorava com ímpeto e ele queria a tudo registrar. Arranjou lápis e papel. A noite ia para o restaurante onde existiam mesas e passava horas sob a luz pálida do vagão desenhando tudo aquilo que sua retina tinha armazenado durante o dia.

Enquanto isso Onofre, e os companheiros de farda, cantavam, contavam piadas ou jogavam cartas para passar o tempo.



No dia 12, emocionados e tensos pois sabiam o que lhes esperava, chegaram à estação Floresta em Buri e no dia 15, o 3º Corpo Auxiliar teve seu batismo de fogo,

participando da mais cruenta batalha daquela Revolução. O 3º, por orientação de seu comandante, coronel Serafim M. Assis, um estrategista, avançou por dentro da restinga do rio Apiaí para enfrentar um inimigo organizado e bem armado.

A mata Atlântica em toda sua exuberância fazia cílios ao rio Apiaí, que com suas curvas e cerração das primeiras horas do dia encobria com um manto verde a soldadesca e permitiu que estes se aproximassem do inimigo.

Os provisórios, mesmo mal armados, sem experiência, marchavam firmes, com os pés descalços, botinas presas na cintura e facões na cinta.

A batalha foi encarniçada, com muitas baixas. O pipocar constante de metralhadoras, o estampido dos canhões, o odor da pólvora, os gritos ensurdecedores, de homens que sentiam o cheiro da morte, transformou aquela região num verdadeiro inferno.

Onofre corria de um lado para outro transcrevendo e levando ordens. Honório que nada ouvia, permanecia sereno na retaguarda, mas o destino lhe deu uma oportunidade: como o remuniamento era demorado pelas condições do terreno, um coronel mandou que ele acompanhasse outro soldado, levando caixas de cartucho para a frente de batalha.

Estava o mudo neste vai e vem, quando foi ferido de morte um atirador que usava um fuzil Colt. Isso aconteceu sob as vistas de Honório, que não teve dúvidas: pegou a arma, afastou o morto e, pondo-se sob a proteção de um cupim começou a atirar com calma e precisão. O mudo deu um apoio considerável aos tercerianos e pôde observar os companheiros, invadindo as trincheiras, saltando cercas de arame farpado e conquistando galhardamente a posição inimiga.

Houve muita comemoração quando os clarins anunciaram a vitória. Honório permaneceu impassível, embora entendesse o sorriso e a satisfação do comando e da soldadesca.

A atuação do mudo não deixou de ser notada, e ele foi muito cumprimentado pós-batalha, mas voltou para suas atividades de ajudante de cozinheiro.

Os paulistas recuaram para novas posições, previamente preparadas, e se entrincheiraram na picada Buri – Capão Bonito. E foi nessa picada e em seus arredores que batalhas sangüinárias foram travadas.

Nessas batalhas, sempre que possível os Provisórios buscavam o corpo a corpo, invadindo trincheiras e fazendo o inimigo provar o afiado de seus facões.

Nesta altura, de tantas lutas, mortes, sofrimento e sangue derramado, as tropas da frente sul começaram a admirar a coragem do povo palmeirense e se atentaram para o fato de que os integrantes do 3º Corpo em sua maioria, não calçavam suas botinas, simplesmente as prendiam à cinta para não as perder, andavam descalços deixando a marca de pés grosseiros e de dedos espalhados no chão. Foram então apelidados de “pés-no-chão”.

Os paulistas também observaram que aqueles que mais perto deles andavam invadindo suas trincheiras, no grito e na coragem, buscando o contato corpo a corpo com arma branca, não usavam calçados e também passaram a chamá-los, com certo respeito, com certo terror, de “pés-no-chão”.

Nos dias seguintes, os facões dos pés-no-chão trabalharam com vigor abrindo picadas entre Buri e Capão Bonito e, através destas, as tropas sulinas surpreenderam os rebeldes e foram vencendo trincheira após trincheira, fazendo inclusive muitos prisioneiros.

Em 31 de agosto, no calor das ações, os terciários conheceram o rio Paranapitanga, o Fundão, e ouviram falar da famosa Legião Negra, composta quase que exclusivamente por homens de cor. Essa falange que tanto sucesso fizera em outras frentes fora destacada exatamente para impedir e combater o avanço dos pé-no-chão, que, com seus facões e desassombro no campo de batalha, aterrorizavam os inimigos. Honório voltou a participar dos combates, mesmo como civil, sem uniforme, como ordenança de um cabo que mal e mal o entendia, levando munições de um lado para o outro.

A refrega ia quente e os constitucionalistas e sua Legião Negra abandonaram suas trincheiras, pressionados por gaúchos e pernambucanos, e numa frente de mais de uma légua fugiam desesperadamente.

É bem verdade que deixaram a retaguarda pequenas trincheiras com fuzis automáticos com o fim de proteger-lhes a retirada. Mas os provisórios no calor da luta e demonstrando mais uma vez sua coragem não se intimidaram com aqueles “ninhos”, passavam por cima destes, destroçando-os, prendendo e matando o inimigo, e continuavam sua carreira de lamentável matança a fio de facão.

Honório, carregando uma caixa de munição, atrás de arbustos junto à pequena estrada, observava o movimento das tropas. Num relance, chegou a ver o irmão, Onofre, adentrando num capão. Foi quando uma grana-da explodiu junto a ele, matando o cabo a quem ele servia. O impacto o jogou longe com o cabelo queimado e importantes ferimento na perna. Levantou trambalhando e mancando na tentativa de buscar os seus e principalmente seu irmão.

Caminhou por alguns metros, perdido, tonto, com os olhos cheios de sangue, fruto de um ferimento na

testa, quando foi alvejado por dois tiros, um no ombro e outro na coxa, quem sabe os últimos vindos de um dos ninhos de metralhadora.

Honório caiu, o tiro na coxa o impedia de caminhar.

Os constitucionalistas desesperados em sua fuga atearam fogo ao campo, um campo grosso. Levantou-se um fogo devastador matando muitos dos feridos que não conseguiram se arrastar a tempo para longe das chamas e da fumaça. Honório prostrado sentiu o calor, mas a estrada, qual um aceiro, impediu que ele fosse devorado pelas chamas. Em verdade ele sofreu e muito com a fumaça que o sufocava e o fazia tossir, cada acesso de tosse aumentava a dor e o sangramento em seus ferimentos.

E a noite caiu...



Era uma noite fria. A lua cheia clareava com sua luz prateada o horizonte e caminhava célere para descer à beirada do mundo. Ele sentiu o solo vibrar, intuiu que um animal cavalar se aproximava; lentamente se virou no chão e com olhos cansados divisou quatro cavalos. Todos encilhados. Um baio, que procurava algum broto que tivesse sobrado da queima do pasto, estava muito próximo. Ficou imóvel. O animal com a rédea arrastando ao chão se aproximou, ao passar ao seu lado, desviando para não o pisar. Ele, num esforço supremo, apanhou com a mão esquerda a rédea, o cavalo estacou num repente. O mudo percebeu que o baio era manso, segurou firme a brida, levantou o braço direito e apanhou o estribo. O cavalo relinchou baixinho, deu dois ou três passos arrastando-o e voltou a parar. Usando o estribo como apoio se levantou ao lado do animal. Sentia-se tonto, mas sabia que aquela era a sua grande oportunidade.

Ficou por alguns segundos, que pareceram uma eternidade, apoiado contra os arreios. Sentia muita sede, e em suas narinas penetrava o cheiro ocre do cavalo que se confundia com o cheiro do capim queimado. Trouxe então a mão trêmula com a correia até a sela, num novo esforço elevou a perna esquerda até o estribo e gemendo boleou a perna direita, a mais ferida, montando no cavalo. Apoiou-se no pescoço acarinhando o animal.

O baio começou a andar de início lentamente, depois em leve trote, e ele continuava apoiado no pescoço da montaria. Temia desmaiar pela fraqueza e dor. O cavalo conhecia aquele recanto e, se enfiando por caminhos e trilhas, tomou firme uma direção. Andaram e andaram, até que chegaram a um casario. O cavalo parou junto à aba de um galpão.



Na casa uma mulher, pela janela, observava o terreiro. Uma nuvem de vapor subia do café recém-coado. O dia tinha nascido com nuvens que se enfeitaram de um encarnado intenso. A mulher apurou o ouvido e ouviu os cascos marchadores do cavalo de seu filho. Viu o animal entrar pelo portão e estacionar junto ao galpão como era seu costume.

Observou que o cavaleiro não era Paulo Ernane, era um estranho. Uma cólica e um mau pressentimento embrulharam seu estômago. Viu com lágrimas nos olhos e com estrema preocupação que o ginete estava ferido, pois se apoiava no pescoço do animal e aparentava não ter forças sequer para apear.

Com a cabeça apoiada nas crinas, o mudo, cada vez que puxava o ar, sentia nas narinas o cheiro azedo e na boca o gosto de sal que impregnava o suor do animal. Uma escuridão se aproximava e pesava seus olhos como



aquele sono profundo que ele fazia deitado no colo da mãe junto ao fogão nas noites frias de inverno. Viu que uma mulher saiu da casa gesticulando, abrindo e fechando a boca em desespero...

A mulher correu em sua direção, lhe veio à mente novamente a figura da mãe, então tudo finalmente escureceu, ele caiu do cavalo. Se pudesse ouvir, ouviria a mulher gritar a todos os pulmões – Quem é você? Onde está o meu filho?



Maria da Fé, que desde menina era conhecida por Morena, dada sua tez bronzeada, cabelos negros e olhos de jabuticaba, era viúva do coronel Antônio dos Anjos. Vivia na fazenda de 250 hectares, que tinha adquirido junto com o marido há décadas. O coronel após sua reforma se dedicou inteiramente à atividade rural. Mudou-se para aquele local com a mulher e o filho e construiu a seu gosto uma agropecuária pujante. O carro-chefe da atividade era a pecuária de leite e a fabricação de queijos; explorava também a fruticultura e o plantio de cereais. Como a fazenda era rica em água, florescia ali a piscicultura, e a água excedente era utilizada na irrigação do arroz e de plantas frutíferas.

Com a morte do coronel em fulminante ataque cardíaco, Morena fez do filho a razão de viver. Encaminhou o menino na vida, com princípios de religiosidade, honestidade, trabalho, amor à terra e patriotismo. Paulo Ernane cursava o último ano da Faculdade de Veterinária. Mesmo não estando formado era ele que orientava tecnicamente a propriedade, especialmente a atividade pecuária. Tinha uma paixão intensa pelo gado leiteiro e por cavalos manga-larga marchador. A mãe tinha orgulho do filho que era um estudante dedicado.

Assim como muitos universitários, Paulo Ernane se envolveu com as causas da Revolução Constitucionalista. Embora os reclames da mãe, ele abraçou os princípios revolucionários. Numa tarde, ele a surpreendeu ao chegar na fazenda com três amigos, tomaram cavalos, se apresentaram ao comando paulista e se dirigiram à frente de batalha.

Morena ficou chorando e choraria ainda por muitos e muitos dias, quem sabe por uma vida toda.

Essa mãe que há dias sofria por pressentimentos e temores, ao chegar junto ao cavalo e confirmar que o cavaleiro na montaria preferida de seu filho era um estranho, e que esse desconhecido, realmente, estava gravemente ferido, entrou em desespero, em profunda agonia, chamou a todo pulmão:

- Romão Gabriel! Zelinda! Venham, por favor, me ajudem!



Romão Gabriel e Zelinda viviam na chácara há anos, ele era homem de confiança, um faz-tudo, sendo sua principal atividade cuidar do gado leiteiro. Ela, Zelinda, auxiliava Maria da Fé nas atividades domésticas, e as duas fabricavam queijos deliciosos que eram vendidos para uma clientela seleta. Embora a fazenda não distasse muito da cidade eles residiam lá mesmo em uma casa de alvenaria que oferecia todo o conforto.

O casal chegou junto, ela secando as mãos em um avental, ele carregando na mão um frasco de mata-bicheira, pois acabava de tratar uma novilha.

- Quem é esse homem? Exclamou Zelinda.
- Cadê o Paulinho? Perguntou Romão.

- Não sei! Não sei! Romão do céu, pega o automóvel na garagem e vamos levar este cristão para o hospital.

- Zelinda, ele está descalço! Veja, traz a botina presa na cintura, vamos calçá-lo, é possível que seja um destes terríveis e desalmados pés-no-chão. Se chegar ao hospital com os pés descalços, poderá sofrer represálias. É um moço tão novo, da idade de meu filho!

- Não seria melhor deixá-lo à própria sorte, quem sabe quantos dos nossos ele não assassinou?

- Não, Zelinda! Não será ele o elo entre nós e Paulo Ernane? Precisamos interrogá-lo.

Na garagem Romão pôs o Ford a funcionar. O carro, que fora importado pelo coronel, pouco antes de sua morte, brilhou quando o sol incidiu sobre a lataria polida. Eles com todo o cuidado colocaram o ferido no banco traseiro do veículo.

O desconhecido foi atendido pelo corpo médico de plantão que constatou a gravidade dos ferimentos e a fraqueza do paciente pela perda intensa de sangue. Foram tomadas todas as providências possíveis e se apostou e muito na juventude e no vigor físico do paciente. Ele foi para um quarto coletivo, com outros feridos nas batalhas, que lotavam os hospitais e enfermarias da região.

Morena deixou Zelinda naquela casa de saúde, na esperança de que o ferido voltasse a si e pudesse dar explicações: Por que estava com o cavalo de seu filho? Onde estava o seu filho? E enfim, quem era ele?



Com Romão ela foi procurar as lideranças da Cruz Vermelha, formada principalmente por mulheres, beneméritas, que percorriam os campos de batalha, socor-

rendo feridos, recolhendo mortos e apoiando as famílias naqueles momentos de fragilidade e desespero.

Ao chegarem à praça principal, que fervilhava de gente, pessoas tristes, que caminhavam de um lado para o outro, querendo que os passos aliviassem suas dores. Algumas mães choravam baixinho, outras choravam enlouquecidas. Ali naquele local de desespero era onde se obtinham as informações dos combates, das baixas e dos feridos, Maria da Fé foi abordada por Dona Benta, velha conhecida, que lamentava informar que seu marido, Sebastião dos Anjos, após trazer feridos para o hospital, tinha retornado ao campo para recolher os mortos e que entre eles estava Paulo Ernane.

No seu íntimo ela já sabia. A confirmação foi como uma facada em seu coração, ela sentou na beira da calçada, abatida, desesperada. Lágrimas quentes escorrem pelo rosto e molharam aquela terra seca. Morria seu único filho, aquele que ela amava incondicionalmente, ao qual tinha dedicado toda sua vida, aquele que lhe daria netos que lhe alegrariam a velhice.

O tempo é o grande lenimento. E assim se passaram dez dias do acontecido. Maria curtiu momentos insuportáveis. Se em instantes se conformava com os desígnios de Deus, em outros se revoltava, pelo destino e pela ausência de seu amado filho.

Já Honório neste mesmo período, após transfusão de sangue, litros de soro, anti-inflamatórios, analgésicos, curativos e outros procedimentos, se recuperava lentamente. Felizmente não corria mais perigo de morte. No entanto, se fazia necessário continuar em observação, realizando curativos e tomando medicamentos para a dor e para as infecções que sempre podem comprometer o quadro, ainda mais quando o paciente está tão enfraquecido.

Passado este período crítico para ambos, Maria resolveu voltar ao hospital para ver aquele jovem. Como ele estaria? Tinham descoberto quem ele era? Teria ele notícia de como seu filho foi morto? Como ele estava de posse do cavalo de seu menino? Ela retornou ao hospital, na busca dessas respostas.

O médico que atendia o ferido acompanhou-a até o quarto coletivo. Honório se encontrava prostrado pela fraqueza e acometido de certo desânimo. O pior de tudo confidenciou-lhe o doutor Homero: o moço era mudo.

Homero viu nos olhos de sua amiga a tristeza e o desapontamento. Sabia que ela tinha esperanças de descobrir com aquele moço informações. Quem sabe preciosas informações do filho amado e que partira tão cedo, tão jovem e que tinha pagado um preço tão alto, a própria vida, por seu idealismo.

Morena se aproximou do leito e viu um jovem magro, quase esquelético, cabeludo, com a barba por fazer e que a olhava sem conhecê-la, tendo no olhar certa desconfiança, certo temor, provavelmente por estar em um local em que ele não se sentia confortável. Ou saberia ele que estava no meio de seus inimigos?

- Doutor Homero, quanto tempo ele ainda ficará aqui?

- Se tudo correr bem, não houver nenhuma recaída, ficará ainda por mais quinze dias. Teve as pernas muito feridas por estilhaços de granada, além dos tiros no peito e na coxa que o fizeram perder muito sangue. Precisa de curativos diários, repouso para poder se recuperar.

- Se o senhor permitir enviarei o José Juriti, que o senhor conhece, para cortar o cabelo e fazer a barba deste moço. Creio que isso lhe dará maior ânimo e certamente influenciará em seu restabelecimento. Ainda com

sua permissão, e se isso não comprometer o seu tratamento, enviarei diariamente frutas e leite para auxiliar em sua recuperação.

E assim se passaram os quinze dias previstos pelo médico. No décimo sexto dia, domingo à tarde, após passar na igreja para breve oração, Maria voltou ao hospital e encontrou o jovem enfermo com outro semblante, mais animado, com papel e grafite na mão, material oferecido pelas enfermeiras aos pacientes para que o tempo passasse mais rápido. Ele desenhava cenas da enfermaria.

Dr. Homero se aproximou do leito e por gestos conseguiu fazer com que o mudo entendesse que o leite e as frutas que ele recebia diariamente eram enviados por aquela senhora, e que ela o levaria para sua casa para completar a recuperação. Entregou a Maria, em frente a Honório, para que ele melhor entendesse, material para curativo, gaze, esparadrapo, mercúrio, sulfa e comprimidos para a dor e para continuar combatendo as infecções.

Honório foi levado em cadeira de rodas até o Ford, dirigido por Romão Gabriel, que o auxiliou a acomodarse no interior do veículo.

Na fazenda, ele foi alojado no quarto que era de Paulo Ernane, numa cama confortável com lençóis alvos e perfume de plantas silvestres. Em seguida, pois já era de tardinha, Zelinda lhe ofereceu sopa com pão e suco de laranja.

Na cozinha, Fé marcou no calendário aquela data, dia 25 de setembro de 1932.

Oito dias depois de Honório ter chegado à fazenda, 3 de outubro, foi selada a paz, e irmãos deixaram de combater irmãos. Neste dia o mudo foi levado pela primeira vez para tomar sol, vestia um pijama do Paulinho. Ficou um bom tempo sentado ao sol, em cadeira de ba-

lanço no alpendre que rodeava a casa. Ele se mostrava mais forte, tinha ganhado peso, as feridas tanto do peito como das pernas secavam a olhos vistos, mas ele continuava caxingando da perna direita.



Maria da Fé queria se comunicar com o mudo, e assim passou a tomar conta dele, lhe oferecendo refeições. Descobriu que ele jogava cartas e assim todas as tardes jogavam. Além disso, seguindo o exemplo do hospital, providenciou material para pintura.

Aos poucos a comunicação foi acontecendo. Ela, se fazendo entender, perguntou pelo cavalo: onde ele tinha achado? Honório fez uma série de desenhos com os quais conseguiu contar a história de como foi ferido, do fogo no campo, dele caído na estrada, do aparecimento do cavalo e de como ele conseguiu montá-lo.

- Pera aí! Pera aí! Vou dar uma ajeitada nas panelas e já continuamos, Honório Ernesto. A palestra está muito boa, eu estou numa curiosidade danada.

Maria voltou enxugando as mãos pálidas num pano de prato de algodão bordado com flores lilases, e já foi dizendo:

Siga! Siga! Conte-me o restante.

- Sabe, Maria, que tua xará Dona Maria da Fé, gostaria tanto de conhecê-la? Mandou estes desenhos e outros junto com a carta, estão todos guardados, num baú, lá na fazenda. Um dia eu te mostro.

Papai foi se recuperando aos poucos, começou a levantar cedo e ia para o curral, tomava leite quente, espumoso, saído direto dos tetos da vacada, muitas vezes temperava o leite com achocolatado. Logo já ajudava o Romão nas lidas. No começo ainda cansava muito, e a

perna lhe doía, mas aos poucos foi voltando à velha forma. Em poucos dias recuperou o peso totalmente e como num estalar de dedos, quando perceberam, já ombreava com Zelinda e Gabriel as atividades sem fim da fazenda.

Foi pouco a pouco conquistando a confiança e se tornando querido por todos. Conseguia, agora, se comunicar com maior facilidade. Maria, certamente pela saudade, via nele muita parença com o filho. Ele também se tornou mais confiante e aos poucos contou que tinha participado da revolução.



Selada a paz, o Corpo Provisório retornou ao sul e acuartelou em Carazinho. Onofre, sabedor do falecimento dos pais, aproveitou a licença de Natal para ir até o cemitério prestar suas homenagens e mandar arrumar os túmulos dos entes queridos e também para visitar a chácara herdada, que os vizinhos amigos da família, atenciosamente, estavam olhando.

Agradeceu a vizinhança e informou que o irmão tinha desaparecido e certamente perecido em Buri. Pediu que atendessem um pouco mais a propriedade, pois teria que retornar a Carazinho após os festejos natalinos e de final de ano para se desligar do 3º Corpo. Soube, então, naquela hora, para sua tristeza, por um dos vizinhos que seu tio de Palmeira estava internado no Hospital São Vicente, infartado e em estado preocupante. Um vizinho ainda lhe confidenciou que, se fosse de sua intenção vender a propriedade, ele era comprador.

Dali seguiu direto para o hospital. O tio, segundo os médicos estava muito mal, tinha infartado ainda em Palmeira e sofrido novo infarto quando chegou ao hospital. Não garantiam uma sobrevida de muitos dias. No quarto o tio estava sedado e respirava em tenda de oxi-



gênio. Deixou-o descansando e veio aqui para a pensão. A senhora deve se lembrar!

- Sim claro que me lembro, passou dias e dias aqui, ou melhor, no hospital cuidando do tio. Só aparecia para banhar e se alimentar, passava dia e noite no São Vicente.

- Onofre passou todo o final do ano e adentrou o mês de janeiro atendendo o tio. Este não podia fazer esforços, respirava mal e sentia dores no peito, mas estava lúcido. Mandou chamar o Dr. Carlos, seu advogado de confiança e transferiu tudo para o seu único sobrinho, já que papai era dado como morto.

Não tinha fechado a primeira quinzena de janeiro, num terceiro e fulminante infarto, tio Vito partiu, e naquele momento Onofre sentiu-se só no mundo.

Passado esse triste período, Onofre retornou a Carazinho e explicou ao comando sua situação dando baixa do Terceiro. Já no final de janeiro se deslocou a Palmeira para ver a situação em que se encontravam a ervateira e outros bens do falecido. Lembrava-se constantemente dos conselhos e das recomendações de tio Vito:

- A ervateira está em situação difícil. Deves vender alguns bens, casas e terrenos de minha propriedade, pagar todos os débitos, reformar a indústria e vendê-la. Vais ganhar um bom dinheiro. Você é jovem, Onofre. Deves casar! Trabalhar com erva é um serviço muito duro, depende de mão de obra, e gerar emprego é muito caro, os empregados hoje têm muitos direitos. Venda o que puder, compre terras e vá lidar com pecuária e agricultura, crie teus filhos e viva uma vida mais tranquila.

Onofre fez um levantamento econômico e comprovou o que o tio tinha lhe avisado. Vendeu alguns bens, mas não foi o suficiente para saldar todas as dívidas e fazer a reforma necessária para valorizar a futura venda.

Assim voltou a Passo Fundo para vender a chácara ao vizinho interessado.

Nessa viagem, Onofre visitou João da Silva e sua filha Yari, de quem tinha apaixonante recordação, enfim, ela tinha sido noiva de seu irmão, e ele nem sabia se eles tinham conhecimento da morte de Honório.

Chegou no rancho por volta das dez horas, levou carne e bebida. Foi recebido pelo portuga com tristeza no olhar:

- O que houve, João? Tá meio abichornado?

- Seja bem-vindo, velho amigo! Estou triste porque ficamos sabendo da morte de meu futuro genro e de seu tio, que nos dava emprego. Para complicar mais as coisas, Yari está grávida, tenho agora uma filha desonrada, com um filho na barriga e o pai da criança morto. Para piorar a situação, estou desempregado e sem recursos para mantê-la.

Nisso Yari saiu para o terreiro. Apesar da gravidez adiantada, ele reparou que ela continuava linda. Yari chorou em seus braços lembrando-se do noivo e de seu triste fim.

Ajeitaram mesa e cadeiras à sombra de um tarumã centenário; assaram a carne, comeram e prosearam até o fim da tarde. Antes de se despedir, Onofre disse ao pai e à filha que, em memória ao irmão, se eles concordassem, casaria com Yari após o parto. Providenciaria o registro em cartório da criança e Honório seria anotado como pai, pois realmente o era, e esta seria a homenagem póstuma ao querido irmão. Se fosse homem e se a mãe aprovasse, daria ao menino o nome Honório Ernesto, e se fosse guria levaria o nome de Brenda Honório. O criaria como se fosse seu, e daria a Yari todo o seu amor e todo o conforto.

- Pensem no assunto. Estamos em fevereiro, depois do dia 20 retorno para resolver a situação da erva-teira, espero que compreendam e aceitem minha proposta. Meu irmão certamente apoiaria esta decisão.



Ao se despedir deixou um bom dinheiro para José manter as despesas pelos próximos dias. Abraçou ternamente Yari e sentiu que estava tomando a decisão certa. Ele sempre invejara o irmão por ter tido a sorte de ter o amor daquela mulher, ela era apaixonante.

Seguiu com o projeto: Veio a Passo Fundo e vendeu a chácara. Com a venda reuniu o dinheiro necessário para as reformas.

Ao final de março, estava tudo pronto, e as chaves foram entregues a um comprador vindo de Santa Catarina. Logo após este evento, que lhe tirou um peso dos ombros, Yari pariu. Foram tomadas as providências conforme o combinado, e o casamento realizar-se-ia numa cerimônia simples dali a sessenta dias. Onofre estava encantado.

Nesse intervalo de tempo, Onofre voltou a Passo Fundo e adquiriu, como era seu desejo, as terras que hoje eu conduzo. Estas, Maria, que você conhece tão bem, pertinho daqui, na saída para Carazinho. Adquiriu também bovinos, equinos e animais de pequeno porte e como era seu sonho, e tinha dinheiro para isso, comprou um Ford modelo T, o Ford "bigode".

Deu início na casa da fazenda às reformas e adequações de conforto, que achava necessárias, deixou a obra semiacabada e voltou à casa de João Portuga para o casamento no dia aprazado.

Foi grande o festejo, e Onofre pediu à Yari paciência, pois a levaria em breve para a nova morada, fato

que ainda demoraria cerca de um mês, visto que da casa em reforma faltavam exatamente o telhado e a pintura.

Com ânsias de retornar, cobriu e pintou a morada em tempo recorde, vinte dias, que ficou como nova. Como diriam as comadres Maria “ficou um brinco”. Quando se preparava para nos buscar; meu pai chegou à cidade.



No natal, Honório ainda mancava da perna. Mas, mesmo assim, Maria da Fé, reconhecendo sua capacidade e seu jeito com os animais, lhe ofereceu trabalho: ele ajudaria Romão e seria pago por seus serviços.

Ela acreditava no trabalho; entendia que tudo que é dado não é valorizado. Assim, o mudo trabalharia, ganharia seu salário, poderia comprar roupas e objetos de uso pessoal e mesmo juntar algum dinheiro, para o que certamente ocorreria: voltar para a sua família. De antemão esta despedida que fatalmente aconteceria já a deixava triste, pois tinha se afeiçoado ao pé-no-chão. Ele lembrava Paulo Ernane, e sua presença, embora não falasse, enchia a casa, pois ele sempre achava um jeito, uma forma de se comunicar.

Mas, Morena, fora criada justa, e justa ela era. Entendia que tinha que localizar o endereço daquele rapaz; ele sequer tinha documentos, nem o seu nome sabiam. Simplesmente o chamavam de mudo.

Os dias passaram e Honório, trabalhando de sol a sol, ganhou dinheiro. Com o auxílio da patroa comprou roupas, calçados e uma pequena mala, sinal de que pensava em viajar. Essas compras ocorreram no mês de abril e meu pai estava totalmente reabilitado.

Com o passar dos meses a vida começou a voltar ao normal, e Maria da Fé teve coragem de se informar

sobre os Pés-no-Chão. Muitos não queriam sequer falar no assunto, aqueles assassinos, covardes, brutos, bárbaros...

Numa tarde foi ao cemitério fazer suas rezas no jazigo da família e na saída encontrou o Sebastião dos Anjos, que ao cumprimentá-la perguntou curioso:

- Por que Dona Maria da Fé, a senhora está interessada em saber a origem dos combatentes pés-no-chão?

Ela matreiramente disse-lhe que tinha a intuição de que seu filho tinha sido assassinado por essa falange.

- Não seria, Dona Maria, porque a senhora suspeita que aquele mudo que trabalha em sua propriedade é em realidade um pé-no-chão?

- Não creio, senhor Sebastião, pois um mudo, teoricamente, não pode prestar serviço militar. Ele deve ter se pegado no meio da luta, veja que nem uniforme ele trajava quando aqui apareceu.

- Dona Morena a senhora deve saber que eu sou gaúcho, mas resido aqui nesta região há mais de trinta anos, tenho parentes lá no sul e tive por eles informação de que os componentes da coluna pé-no-chão foram recrutados em Palmeira das Missões.

Maria, ao ir embora, passou em uma livraria e adquiriu um atlas onde constava o mapa do Rio Grande do Sul. Investigou aquela carta e verificou que a estrada de ferro passava por Passo Fundo, Carazinho, Santa Bárbara, cidades relativamente próximas a Palmeira das Missões, e finalmente se dirigia a Santa Maria. Ficou matutando: será que se colocasse o mudo no trem ele ao chegar ao sul, reconheceria sua cidade de origem? Aguardaria o desenrolar dos fatos, qual seria o procedimento do mudo nos próximos dias, quem sabe nos próximos meses...

Tudo aconteceu mais ou menos como Maria havia previsto. No final do mês de maio, em uma noite chuvosa, após o jantar, e depois de terem lavado a louça e arrumado a cozinha, o mudo buscou em seu quarto o caderno de desenho que tinha ganhado há meses. Na primeira folha, havia o desenho de uma família: um casal idoso, dois jovens - dava para identificar que um era o próprio mudo - e, mais afastado, uma jovem. Ao pé dos jovens existia um berço no qual estavam deitados dois bebês. Maria de imediato intuiu que o mudo era gêmeo, com sinais demonstrou ao desenhista que tinha entendido. Perguntou então, indicando no desenho e gesticulando com ambas as mãos, quem era aquela jovem, ao que o mudo, indicando como se tivesse no dedo anular direito uma aliança, fez entender que era sua noiva, sinalizando ainda com os dedos que sua aliança estava guardada com seu irmão.

No segundo desenho, havia dois jovens: um estava fardado e conduzia um fuzil na mão esquerda e na outra uma caneta, o outro, que era ele próprio, se apresentava à paisana, assava um churrasco e preparava comida em um panelão, tendo ao fundo um grupo de soldados. Maria fez sinal positivo, dizendo ter entendido que o irmão era militar e que ele era o cozinheiro das tropas.

No terceiro, desenho havia um trem, movido por uma maria-fumaça negra e vagões vermelhos, e ele adentrando com a mala em um dos vagões. Com lágrimas nos olhos indicou que queria viajar naquele comboio. Foi claro em sua demonstração, inclusive levando a mão ao coração e gesticulando muito, demonstrou toda sua saudade e a vontade de voltar para os seus e para a sua terra.

No último desenho, havia duas mulheres e ele no meio. Percebia-se de imediato que uma era sua mãe, re-

tratada no primeiro desenho, e a outra era a própria Maria. Ele a fez entender que ambas eram suas mães. Maria deixou correr uma lágrima e o abraçou ternamente.

Fé observou no canto direito da folha uma assinatura minúscula. Apontou para ela e o mudo fez entender que era o desenho de seu nome, que seu irmão o tinha ensinado. Maria colocou os óculos, leu e de imediato percebeu que esse era o nome de seu hóspede, seu funcionário, seu amigo e, por que não dizer, seu filho: Honório. Nesse momento Maria da Fé chorou muito.

Para completar o assunto e para enfatizar sua decisão, Honório foi ao quarto e de lá trouxe sua pequena mala, abriu-a e mostrou que todas as suas roupas estavam ali acomodadas. Do bolso sacou a carteira e mostrou a Maria que tinha dinheiro para custear a viagem.

Todas as providências foram tomadas, e no dia 5 de junho, segunda-feira, com passagem comprada até Santa Maria, Honório embarcou. Na mala levava, além de roupas e utensílios pessoais, uma carta, esta que você viu, Dona Maria, e o caderno de desenho que, como te falei, está lá na fazenda. A expectativa de Maria da Fé era que ele reconheceria a cidade de seu destino e aí então desembarcaria, como de fato aconteceu, três dias após a partida. Ao entrar em Passo Fundo e cruzar a Av. Brasil, o mudo se sentiu em casa. Na sua imensa alegria, abanou entusiasmado para o povo que margeava a ferrovia.

Meu pai foi direto para a chácara. Lá ficou sabendo que ela havia sido vendida, que ele era dado como morto, que seu tio tinha falecido e que encontraria seu irmão aqui na pensão Dona Maria.

- Sim! Eu lembro! Papai ainda era vivo e comentava de vez em quando, nas prosas, com algum pensionista, com algum vizinho do caso do mudo que tinha "ressuscitado".

- Pois então, Maria. A alegria dos irmãos foi imensa, alegria de lágrimas e risos, de longo abraço e de tapas nas costas, mas, embora tudo isso, no fundo Onofre sentiu uma fisgada no coração: recebia com alegria o irmão que tanto amava, mas sabia também que naquela hora perdia a mulher por quem estava apaixonado.

A alternativa que se apresentou a Onofre foi contar a Honório tudo o que tinha acontecido no período em que ele estivera ausente. Ressaltou de imediato que o amava muito e que neste período em que o tinham tomado por morto respeitou a sua memória. Convidou-o para dar um passeio em seu Ford e o levou até a Praça Tamandaré. Ali, à sombra dos plátanos, “conversaram” com maior liberdade. Onofre usou de todo o seu conhecimento de comunicação com o irmão e lentamente foi lhe informando dos acontecimentos: da morte dos pais, da morte do tio Vito e da herança recebida, da gravidez de Yari, do nascimento de seu filho, do casamento com Yari. Foi sincero, disse que casou porque no convívio dos últimos meses passou a admirá-la e mesmo a amá-la, que o casamento foi a decisão mais lógica, pois dava a ela dignidade e condições de criar o filho recém-nascido com conforto. E mais: que tinha convicção de que este certamente seria o seu desejo. Honório compreendeu a situação.

Tomou, então, naquele momento uma decisão, simples como simples eles eram: por serem gêmeos parecidíssimos, Onofre simplesmente trocou os documentos pessoais com o irmão, lhe entregou, também, a certidão de casamento. Nesse momento Honório passou a ser Onofre, e Onofre se transformou em Honório.

Ninguém lembrou ou levou em consideração a minha situação: vivia agora, felizmente, com meu pai biológico, mas meus documentos contavam que eu era filho



do agora Honório, meu tio. Esse fato me causa os problemas que hoje estou a enfrentar.

Foram juntos para Palmeira. Honório, agora Onofre, reencontrou Yari e me conheceu. Lá ficaram por alguns dias. Na fazenda, fomos morar na casa recém-reformada, e os irmãos partiram para a construção de uma nova, onde meu tio se arrancharia. Essa nova casa foi construída a 800 metros de distância, no outro lado de uma linda lagoa que banha a propriedade.



Onofre, ou, melhor, o Honório, precisava cicatrizar a ferida aberta em seu peito. Passou, então, a frequentar casas de prostituição. Quis o destino, e não era esse o seu propósito, que após muitas campereadas, encontrasse na casa de Marietta, cafetina nas baixadas do Boqueirão, uma novata recém-chegada, que tinha sido expulsa de casa pelo pai quando descobriu sua gravidez.

Onofre se afeiçoou naquela quase menina de nome Eulália, loira de olhos verdes e pele clara, com um sorriso fácil, que encantava a todos.

Em verdade meu tio tinha muito amor para dar. Após negociações com Marietta e diante da resposta positiva de Eulália, bem como da promessa de assumir a criança que ia nascer, ela se mudou para a fazenda. Muitos podem entender a dificuldade de um relacionamento dessa espécie, mas titio e Eulália formaram uma família que se consolidou com o nascimento, em setembro, de Anna Amélia. Minha prima por consideração e minha irmã por parte de pai nos documentos...

Assim como a fazenda, as famílias também se consolidaram. Na primeira meninice eu e Anna brincávamos quase que diariamente, e tia Eulália, que de todos era a

mais estudada, começou a nos dar noções do alfabeto e a nos incentivar na matemática e na leitura.

Em 1940, no mês de meu aniversário, meu tio montou um armazém de secos e molhados na cidade. Ele gostava e apostava no comércio e levou Eulália para administrar a bodega. O casal programava matricular a filha no próximo ano no colégio Notre Dame. Fui convidado para no ano seguinte morar com eles e também estudar em um bom colégio. Combinaram com meu pai, e eu seria matriculado no Instituto Educacional.

Passávamos os finais de semana na fazenda, íamos e vínhamos com o Ford bigode. A convivência na casa de meus tios nos aproximou muito, e a cada dia que passava eu e Anna ficávamos mais apegados, estudávamos e brincávamos juntos. O mundo dela era o meu mundo.

No início do ano seguinte, Eulália foi para Porto Alegre visitar a mãe que, agora, viúva, lá residia e estava doente em estado terminal. Eulália nunca mais tinha visto a mãe. Nessa viagem ela encontrou a morte.

- Que barbaridade! Eu lembro, eu me alembro muito bem da Eulália. Ela não morreu de tifo?

- Não, minha amiga Maria! A tia morreu de leptospirose ou doença de Weil, que foi confundida no início com tifo. Essa enfermidade, ou, melhor, essa epidemia, acometeu a capital após a enchente do rio Guaíba e a grande mortandade de ratos. Milhares de pessoas pereceram ao se abastecerem de água contaminada.

Diante desse acontecimento e na necessidade de nossos estudos, minha mãe, Yari, passava uma semana na cidade substituindo titio e outra semana na fazenda. Este rodizio além de atender às necessidades do comércio, possibilitava a nossa frequência à escola.

No aniversário de doze anos de Anna Amélia, que começava a botar corpo e se preparar para ser uma linda

mulher, eu lhe disse que um dia eu me casaria com ela. Ela sorriu e respondeu:

- Seremos felizes.



O tempo passou e, enquanto eu ia para a ETA – Escola Técnica em Agricultura, em Viamão, Anna Amélia foi realizar o curso normal para ser professora. Seu sonho!

Anna se tornou professora e eu fui cursar Agronomia. Ela voltou para a fazenda aguardando vaga para lecionar e eu me mudei para Porto Alegre. Meses após essas mudanças aconteceu o que há algum tempo temíamos. Meu tio, ao ficar viúvo, voltou a beber e em muitas ocasiões dirigia bêbado pela estrada que ligava a cidade à fazenda. Num sábado à tardinha, mês de março, ele, sóbrio, e mamãe, preocupada com o adiantado da hora, fecharam o comércio e seguiram para a fazenda. Com a desculpa de comprar um comprimido para dor de cabeça, titio parou na saída da cidade no bar do Antônio Turco e lá tomou, segundo o proprietário, duas pingas e duas cervejas, de forma rápida, pois mamãe o esperava no Ford.

A estrada foi enfrentada com ele bastante “tchuco”. O álcool lhe subiu logo à cabeça, pois ele mal se alimentava; naquele dia sequer tinha almoçado. Para completar o quadro, uma chuva fina molhava a estrada argilosa, que se tornou um “sabão”. Na primeira curva o veículo deslizou e desceu ribanceira abaixo, matando minha querida mãe e meu tio tão amado.

- Eu me lembro desse infortúnio, Honório Ernesto, inclusive fui no enterro e na missa de sétimo dia.

- Pois então! A tristeza nos uniu ainda mais. Eu e Anna assumimos nosso namoro. Definimos que ela moraria na fazenda. Vendemos o comércio na cidade. Papai

precisava de apoio e acompanhamento, pois sua saúde estava naquele momento, com a perda da esposa e do irmão que foi sempre seu anjo da guarda, bastante debilitada.

Voltei para a faculdade, levando um coração inchado de saudades. Faltavam, ainda, dezoito meses para minha formatura; para quem está apaixonado é um tempo sem fim. Nesse período cartas e mais cartas foram escritas diariamente, pedíamos para o tempo passar logo, pois casaríamos assim que eu terminasse o curso.

- Mas então, Honório Ernesto, já se passaram meses e vocês ainda não se casaram. Por quê? Conta-me que és um homem apaixonado e correspondido, toma tento, menino, vamos fazer essa festa...

- Aí é que está, Maria! E é por isso que estou a escrever, como tu viste, em meus escritos, a história de minha família, pois preciso provar ao pretor, o juiz de paz, e ao padre que eu e Anna Amélia não somos irmãos como consta em nossos documentos, onde aparece Honório como nosso pai. Não possuo provas documentais, não possuo provas testemunhais, pois meu tio, minha tia e minha mãe já não se encontram mais entre nós, e meu pai não serve como testemunha, pois é, como tu sabes, mudo e analfabeto.

Tudo que eu te contei é verdadeiro, Maria, e é assim que vou concluir o meu relato e fazer uma petição judicial para alterar os documentos de Anna, com a concordância dela, para filha de pai desconhecido, o que também é verdadeiro. É por isso, Maria, que eu ando irritado, nervoso, não sendo companheiro para uma boa prosa. Quero inclusive me desculpar contigo se tenho em alguns momentos sido ranzinza, birrento e até mal-agradecido com uma pessoa como você, que sempre me tratou como da família.

- Que é isso, que é isso, guri! Exatamente por você ser da família que tem essas liberdades comigo. Só que você, como fez seu tio, devia ter desabafado comigo há mais tempo, pois eu acho que posso te ajudar.

- Me ajudar? Como?

- Seu tio, como tu bem sabes, quando vinha para a cidade, e principalmente quando bebia, gostava de aqui parar, se sentia em casa. Proseávamos muito. Certa feita ele desabafou comigo!

- Que desabafo foi esse que pode me ajudar?

- Você sabe que seu tio, quando tinha problemas amorosos mal resolvidos, gostava de afogar as mágoas num copo, ou, melhor, em diversos copos. E foi aqui que ele curou muitas ressacas, com meus cafés amargos, chás de marcela e comprimidos para dor de cabeça.

Quando seu pai retornou da revolução, ele viu o amor que ele sentia por Yari se tornar uma nuvem de fumaça. Num sábado à tarde, já vivia nessa época com Eulália, ele tomou um porre, provavelmente a última bebedeira que ele fez após ter se juntado com aquela moça linda que ele tirou do cabaré. Veio, como de costume, curar a danada da bebedeira bem aqui na pensão. Mesmo engolesmado, me contou detalhes de sua vida: da revolução, da paixão por Yari, do amor e da responsabilidade que sentia pelo gêmeo, do registro de você como filho de Honório em respeito à memória do irmão, que ele entendia como morto, da troca de documentos para que o casamento dele com Yari fosse em verdade o casamento de seu pai com sua mãe, do casamento com Eulália, de ter assumido a menina que tinha nascido como sua filha. Enfim, me contou detalhes da vida dele e da família, que você acabou agora de repetir, e me dar alguns detalhes a mais.

Por isso, meu filho, eu tenho condições de ir, se este for teu desejo, a qualquer juiz e a qualquer padre provar tudo o que você está escrevendo. Você sabe também que pela minha idade, por ter nascido e crescido nessa comunidade, por tudo que eu e meus pais prestamos de serviço a essa sociedade, minha palavra tem valor, pelo menos eu penso que tenha, e estou à tua disposição.

- Obrigado, Maria! Que alegria! Deixa eu te dar um beijo nesta bochecha rosada.

Passaram-se noventa dias. Hoje estou realizando meu casamento. Entrei na igreja de braços com Maria, agora minha madrinha. Estou no altar, ansioso, olho para os convidados que para mim sorriem, tenho as mãos suadas e meu coração acelerado. Um barulho e um murmurinho se fazem na porta da igreja, sinto as pernas fracas, tenho um pigarro na garganta e os lábios ressecados. Meu coração palpita. Vejo-a, bela e radiante, enlaçada no braço de meu pai que é só sorriso. Enquanto eles caminham em minha direção, repasso a história de meu pai, pé-no-chão, provisório, mudo e herói em brutas batalhas, esquecido pelos coronéis e generais como tantos outros, mas irradiando felicidade por ver seu filho se tornar um homem...



Este conto tem como pano de fundo a atuação do 3º Corpo Auxiliar da Brigada Militar - os Provisórios na Revolução de 1932. Por sua bravura, por seu estilo de luta e por andarem com as botinas presas na cintura e por, assim, andarem descalços, foram apelidados de "pés-no-chão" pelos inimigos, bem como pelos brigadianos de carreira. Se acima se escreve pés-no-chão com letras miúdas, a história deve registrar para sempre com letras

garrafais, tal o heroísmo desses provisórios durante aquela revolução que colocou brasileiros contra brasileiros.

Obra consultada: Tudo o que foi abordado quanto à saga pé-no-chão está baseado e até mesmo transcrito com o uso de palavras, termos e panoramas do livro, *O Pé-no-Chão: O pé de Palmeira no chão de São Paulo*, de Nicolau Mendes.

## A MALDIÇÃO DO CAIPORA

Meio da tarde, estou em frente ao meu rancho, quando vejo o Gumercendo se aproximando, bombacha de brim, lenço, boina e alpargatas, uma cuia com bocal prateado e uma chaleira de ferro nas mãos. Gumercendo é meu vizinho de frente, solteirão, beirando aos quarenta anos, telegrafista da Viação Férrea, perdido nas noites, no jogo de truço e no carinho do chinaredo. Meio desavergonhado, mas gente buena.

- Buenas tardes, vizinho! Há horas que te vejo pensativo, preocupado, caminha um pouco, encosta-se a este portão, parece que tem bicho carpinteiro. Estás com algum problema? Trouxe um amargo para prosearmos e para te acalmar.

- Pois olhe, Gumercendo, tô mesmo meio abichornado; sente aqui neste banco! Este chimarrão veio em boa hora. Se tiveres paciência, vou te contar uns acontecidos e o porquê desta minha angústia, que me faz caminhar daqui pra lá e de lá pra cá. Tu vais, então, entender todo o meu drama. Uma parte do caso, certamente, tu já conheces, pois foi comentado aqui na vizinhança, mas eu vou te dar mais detalhes.



- Era um dia mormacento, fui com minha gaiota levar um guarda-roupa e um baú, lá na casa de meus compadres, o Waldemar e a Rita.

O povo me recebeu com alegria, e a Rita já foi me oferecendo um prato de coalhada e uma porção de pinhão, forrei o bucho, e me senti jantado, papeamos um pouco, tomamos um amargo pra rebater, dei um adeus e me mandei.

Trouxe no embornal meia cuca, presente da comadre. Também não cobrei nada pelo frete! Gente minha, compadres e meio aparentados.

Aproveitei a viagem e passei na Cruzinha, e fiz uma reza pra Maria Pequena.

Toquei meu tordilho e, já na hora da Ave Maria, cheguei ao Chafariz da Mãe Preta, ali me recostei, fiz um palheiro, com um fuminho vindo lá de Sobradinho, vendo o sol começar a deitar por trás do arvoredado.

As lavadeiras recolhiam as roupas, me davam um buenas tardes e seguiam para suas casas, levando sobre as cabeças bacias com roupas alvas.

Agarrado nas saias daquelas mulheres ou correndo em volta sempre tinha um piá ranhento.

Fiquei ali sentado, sentindo o perfume da tarde, o cheiro da terra, vendo o sol morrendo e as estrelas aparecendo.

Ponteando veio a Estrela D'Alva. Foi escurecendo e foram chegando devagarinho as Três Marias, o Cruzeiro e logo o céu estava coalhado.

Dei uma tragada, sentindo o peito apertado, te confesso. Até uma gota de lágrima correu, por ver tanta beleza.

Se meus olhos refletiam o brilho das estrelas, meus ouvidos ouviam o cantar da água escorrendo da fonte

por entre os tanques onde boiavam as tábuas das lava-deiras.

Tu sabes, sou andejo, vivo só, desde que a mulher partiu, que Deus a tenha, e que meus filhos se foram para capital formar família e me dar netos. Eu ando por aí, não tenho compromisso, sou aposentado do IAPI. Para passar o tempo, faço meus fretes e vou levando a vida.

Almoço onde me convidam, janto logo ali adiante, tenho esta casa, às vezes aqui me arranco, mas também faço pouso na casa de algum parente, de algum amigo e muitas vezes me acomodo a céu aberto.

Na carroça eu carrego alguns de comer, biscoitos guarda-freio, bolachas, rapadura, erva-mate, um pelego e uma capa gaúcha que me serve de cobertor e me protege da chuva.

Ah... Sempre tenho na gaiota uma garrafinha de caña, que um ferroviário me traz lá de Marcelino Ramos, temperada com butiá, às vezes tempero com losna, outras vezes com bitter, enfim, dependendo de meu estado de espírito, eu faço a mistura.

Logo um silêncio foi baixando, ouvia-se ao longe um cão latindo e nas casas mais próximas o barulho e o choro de crianças.

Olhei mais uma vez para o céu, agora todo estrelado. Fixei-me no barulho d'água, minha pele arrepiou, uma brisa fria engolia o mormaço do dia. O Minuano se agitava querendo acordar.

Pra combater este frio, dei uma talagada na caninha, traguei o toco do palheiro, tudo isso para acalmar a nostalgia que teimava em apertar meu coração.

Dei mais uma bicada na caña, saquei os arreios do cavalo e o pus a pastar. Apoiei os varões da carroça num

dos tanques de lavar roupa, nivelei, estendi o pelego e a capa, passei uma água na cara, no sovaco, escovei os dentes e deitei.

Iluminando a noite, as estrelas desceram do céu e voavam em forma de vaga-lumes, e um sapo coaxava no banhado.

Comecei a cochilar, sentindo o cheiro do pelego e o calor da capa. Tava quase ferrando no sono, quando me sobressaltei... Ouvi três estampidos, tiros, vindos da coxilha, pá, pá, pá, e o silêncio, voltou abafando tudo.

Dormi o sono dos justos. Quando o dia clareou, já me pus em pé.

Senti de imediato aquela vontade de tomar um amargo. Tenho comigo erva, cuia e bomba, me faltava à água quente.

Ajeitei-me, arriei o cavalo, conferi a gaiota, comi um biscoito guarda-freio, uma fatia da cuca e me atinei de ir até a pensão da Maria Roncadeira, pra ajeitar o chimarrão, pegar uma água quente, quem sabe tomar um café com ela, afinal já fazia muitos dias que eu não via a comadre.

E assim eu fiz. Subi a coxilha, ao invés de ir para o lado de minha casa, entrei para a direita e já avistei a placa Pensão Dona Maria.

Bati palmas em frente e gritei, - Oh de casa! Oh de casa!

Ouvi as dobradiças rangerem e lá estava a Maria com uma cara de noite mal dormida.

- Bom dia, comadre! Quem é vivo aparece!

- Se acheque compadre, venha pra dentro!

Fui entrando e já indaguei - O que houve, comadre? Tá cum cara de velório!

- Mas então! ... Você num sabe, homem de Deus, da desgraça que aprontou o Oripe?

- Quem é Oripe, comadre? Não seria Eurípedes?

É, é isso aí! Aquele sarará que morava aqui na pensão faz bem uns três meses, filho do negro Clemente e da Joaninha, aqueles que tinham fazenda ali pros lados do Pontão.

- Ah! ..., sim, sim, agora eu lembro! Eu vi uma tarde o vivente tomando chimarrão e proseando com a moçada.

- Mas, comadre! Quê desgraça foi esta?

- Pois não há de vê que o Oripe atirou na Sinhá Raimunda e na Lindinha e pra completar deu um tiro no ouvido.

- Maria! Foram os tiros que eu ouvi ontem à noite quando fazia pouso ali no chafariz.

- Se foi por volta das oito horas, é isso mesmo!

- E daí? Todo mundo morto?

- Sinhá Raimunda e o Oripe morreram na hora. Nela o tiro foi na cabeça, nele como falei, no ouvido. A Lindinha que era enrabichada dele, levou o tiro no peito, caiu, mas o disparo não foi matador. Está no hospital. Parece que escapa!

- Pela pelagem, parece que ele beirava aos sessenta anos?

- Tinha cinquenta e oito, compadre.

- Mal chegou a sua pensão e já tava de cambicho! Inda com a Lindinha, novinha e bonita como laranja de amostra.

- O problema, ali, era a Sinhá Raimunda! Uma águia!

- É verdade! É verdade!

- Foi um ato de grande fraqueza, mas só quem conhece a história dele é que pode julgá-lo, ele era um infeliz.

- Como infeliz?

- Ele sofria de caiporismo!

- Mas que história cabeluda é essa comadre? Nunca ouvi falar de..., como é que é mesmo? Caiporismo.



- Amigo! Vamos tomar chimarrão enquanto eu te desfio esta história, mas antes come um bolo, uma fruta, para encostar o estômago. Eu também nunca tinha ouvido falar do tal de caiporismo, foi o Oripe que me contou.

- A Joanelha, não sei se você sabe, morreu quando o Oripe tinha uns doze anos. Ele se criou com o pai, com o qual era unha e carne.

Eles lidaram ali no Pontão, na Estância Sol Nascente, com criação de gado, plantio de milho e mandioca. Hoje a fazenda, que foi adquirida por uns alemães, se chama "Granja Dona Frida".

Depois de ali labutarem por muitos anos, mudaram para o Paraná. O Oripe já tava taludo, homem feito, passaram a trabalhar com madeira, na exploração do pinheiro, ganharam muito dinheiro, mas o pinheiro foi raleando, as leis foram ficando mais apertadas então, resolveram voltar para a pecuária e compraram terras no norte do Goiás.

Dizia ele que nesta época o pai já estava envelhecido, mas que as terras eram muito boas e o clima seco e quente melhorou a saúde do Clemente, que sofria muito com bronquite e alergias.

Nomearam a terra de “Fazenda Horizonte” que tinha uma pastaria de primeira. Criavam gado e plantavam de arroz de sequeiro.

Região rica em mataria, que lá chamam de cerrado, e em águas, com muitos rios com miles e miles de peixes e muita caça.

Você sabe, compadre! O destino e a desgraça sempre andam juntos, ali, na primeira esquina ou na primeira volta de um rio.

Compadre, parou com o chimarrão? Se não tiver medo de azia, toca esta ambrosia que fiz ontem por cima do amargo.

Estavam de uma feita o Oripe e o pai, consertando uma cerca à beira de uma mata fechada, quando ouviram o movimento de caça. Identificaram, pela buía e pela batida de dentes, que eram queixadas, porcos-do-mato.

Estava ali, quem sabe, a carne saborosa para diversos dias.

Pegaram as espingardas e foram cercar a vara, um pela direita e outro pela esquerda, com a ajuda de dois cachorros. Afunilaram os animais contra uma ravina. Foi quando para espanto, surpresa e mesmo para o início da infelicidade viram montados no queixada líder, o Caipora.

O Caipora, segundo contou o falecido, é um indiozinho de pele escura, peludo, de agilidade espantosa. Anda sempre pelado, lidera e protege a bicharada selvagem. Quem topa com o Caipora, com seu olhar fixo, penetrante, arrasta pra todo o sempre a infelicidade.

Voltaram para casa sem caça, com os olhos esbugalhados, como se estivessem enfeitiçados, isso durou bem uns três dias. Daí em diante montaram neles o azar, à infelicidade, a má querença.

Já não caçaram nem pescaram mais, o gado pegou a não reproduzir e a adoecer, as roças já não produziam, a tristeza se apossou deles.

O Clemente, quer pela idade, quer pela impaciência, começou a beber e a andar em má companhia. Numa noite, num frege de beira de estrada, foi assassinado, por conta de um jogo de cartas. Jogou a noite toda e não ganhou uma parada; era o caiporismo. Ele desconfiou dos oponentes, acusou-os de trambique e levou uma facada matadeira.

O Oripe se desesperou, enterrou o pai, vendeu tudo, ajuntou os recursos que tinha e voltou.

Comprou uma fazendola no distrito de São Sebastião, adquiriu um gadinho, porcos, ovelhas e plantou erva-mate, mas nada ia pra frente, continuava o azar.

Desesperado e ciente da situação, ele deu a propriedade às meias prum sobrinho, esperando assim driblar o azar e ter uma receita financeira.

Mudou-se, então, aqui pra minha pensão, isso há uns noventa dias.

Compadre, eu acredito na história que ele me contou, pois, o home vivia apoquentado, sem sossego, dormindo mal, tudo o que fazia não se concretizava. Veja, você! Nem no amor ele teve sucesso.

- Não me diga, comadre?

- Te digo, e te conto. Para desaparecer saía andando solito por estas baixadas. Numa tarde de garoa, entrou para se abrigar e tomar uma caña na bodega do turco Hasad. Ali sentada num banco, aguardando o tempo amainar, estava Sinhá Raimunda. Você sabe! Sinhá, agora finada, era daquelas que conheciam o rengo sentado e o cego dormindo, chamou logo o chegante para uma prosa. Após prosearem e terem repartido um tira-gosto

de queijo e salame, Sinhá Raimunda, esperta como só ela, o convidou para tomar um chimarrão em seu rancho.

Ele me contou os acontecidos bem aí nessa mesa, sentado nesse banco, tomando café com pão de milho. Tinha um brilho no olhar de homem apaixonado.

Pois ele foi para este mate com a Sinhá, e lá lhe foi apresentada a lindinha, na flor de seus vinte anos. Tu já viu, pedaço de mau caminho, morena acobreada, com olhos verdes profundos, cabelos pretos como carvão, boca carnuda, seios empinados e as ventas abertas das mulheres que são insaciáveis no amor.

Tenho que falar por justiça, meu compadre. A Lindinha era uma vítima nas mãos da Raimunda. Filha de um amor proibido da cabocla Thereza com um judeu russo vindo de Quatro Irmãos. A Thereza foi assassinada num bochincho na bailanta do Vavá. Linda, este é seu nome, ficou órfão ainda bebê, o pai nunca foi encontrado.

A Sinhá criou a guriuzinha por ser sua madrinha. Como lindinha cresceu e ficou uma beldade, a Raimunda a desviou e passou a viver por conta de seus favores sexuais. Sinhá Raimunda era uma alcoviteira.

Depois daquele primeiro encontro, o Oripe, já embeijado, voltava lá quase que diariamente e passou a exigir exclusividade. Para tanto assumiu todas as despesas da casa de comum acordo com a cafetina.

Sinhá queria prata, Lindinha gostava de jovens, por ser jovem, e o Oripe, mesmo sendo viril e mantendo as duas, carregava nas costas o peso da infelicidade e da desconfiança.

Quem sofre com o caiporismo não é burro ou cego, e o Oripe era vivido, e algo lhe dizia que as coisas não estavam como ele queria. Me disse mais de uma vez – Tenho um arrepio nos pelos e na boca do estômago uma



sensação de estar sendo enganado. Resolveu, por isso, ficar de campana nos arredores do rancho da Sinhá. Foi dito e feito. Na calada da noite, via jovens, viúvos e desquitados adentrando no rancho, tomando chimarrão com a sua erva, bebendo sua caña e dormindo nos seus pelegos com a dona de sua paixão.

Um dia ele me falou - Dona Maria! Sou um azarado, infeliz, mas sou macho. Este povo tá enganado comigo...

Eu fiquei matutando, mas nunca sonhei com uma tragédia como esta.

- Pois então, meu vizinho, meu amigo Gumercindo, foi assim que tudo assucedeu. Levei a Maria Roncadeira no enterro e levei-a pra visitar a Lindinha no hospital.

--O) (O--

Maria, que é muito servideira, chamou a Lindinha para ficar na pensão no período de recuperação, coisa de trinta dias para se recuperar, se arribar e ganhar algumas carnes, pois, você sabe, sopa de hospital derruba qualquer vivente.

E a moça ficou por lá, foi melhorando, ficando de pelo liso, coxuda e de bunda arrebitada.

A Maria Roncadeira começou a se preocupar, afinal, ali é uma pensão familiar, e, você sabe, a rapaziada não perdoa.

Um belo dia, domingo, depois da missa, me ia passando por lá, desta feita a cavalo, no meu tordilho. A Maria me chamou.

- Compadre! Se achegue pra cá! Preciso de um particular com tu.

Acheguei-me, a mesa tava cheia de quitutes - uns salgados outros doces - um café no bule e um chimarrão pra ser começado. - Sente compadre! Sirva-se! Por onde tem andado?

- Por este mundo de meu Deus, como um andaren-  
go compromissado só com a lua, com o vento e com as  
estrelas...

- Compadre, preciso trocar uma ideia contigo, pois  
tu conheces toda a história. Há de vê que a Lindinha tá  
aqui comigo, sã, salva e muito mais linda que antes, com  
boas roupas, com dinheiro, pois vendeu o rancho da Si-  
nhá, e exalando perfume de mulher.

- Inda mais, compadre. Tu sabes que esta pensão é  
familiar, mas aqui tem muito bagual e pouca égua, e isso  
é um barril de pólvora...

- Sei, sei, comadre!

- Meu compadre, tu andas pelo mundo, um dia aqui  
outro acolá, tem uma casa que é um brinco, toda mobi-  
liada, que fica semana após semana fechada, necessi-  
tando de uma limpeza, dos cuidados de uma mulher.

- Tô começando a te entender, comadre!

- Eu já falei para a Lindinha. Ela entendeu meu  
lado e, achou a minha intenção razoável, se dispôs a  
cuidar da tua casa, quer estudar, mudar de vida e quer  
te conhecer...

- Gumercindo do céu! Deu-me uma tosse comprida  
neste momento, me preendi a tosse, a espirar, e o coração  
disparou de puro nervosismo...

- Mas comadre!

- Compadre! Não tem grê - grê pra dizer Gregório;  
preciso da tua ajuda! Sei que você é respeitador e um  
pouco mais novo que o falecido Oripe, mas.... Acho que  
posso confiar em tu. E resmungou dela pra ela mesma:  
será o Benedito? Home é tudo igual...

Chamou pela moça. Quando ela entrou, a cozinha  
se encheu de luz. Eu entendi de imediato a tragédia do  
Eurípedes..

Foi uma conversa comprida, como se fosse um contrato. Ela se comprometeu com muitas coisas, eu não me comprometi com nada.

Então, com calma eu lhe falei.

- Dona Lindinha, a vida é uma estrada sem volta. O que aconteceu, aconteceu, vou lhe respeitar. Se ficares no teu carreiro, eu ficarei no meu, mas se vieres no meu trieiro... Bueno aí! A carne é fraca, exigirei respeito, não costumo errar tiro e não sofro de caiporismo.

Ela e a Maria concordaram acenando com a cabeça. Foi assim assinado um contrato verbal entre nós, tendo a Roncadeira como testemunha.

- Este é o motivo, Gumercindo, de eu estar tão apreensivo. Eu era apenas um observador dos acontecimentos, daí, por artes da comadre Maria Roncadeira, com quem não posso falhar, passei sem querer a ser ator.

Inda hoje, a Lindinha, está se mudando pra cá, tô suando nas mãos, tenho uma bola aqui na barriga, que será de mim... Mande dar uma limpada e acortinei a casa, comprei uns trens de cama.

Sei não, sei não...!

Ficamos ali conversando, tomando chimarrão, e o Gumercindo, bem-falante, sorrindo, de vez em quando me olhava, assim, de relancina.

Comecei a ficar cismado...

Lembrei que papai sempre me dizia:

- Filho, quando o céu está azul, céu de brigadeiro, olhe com atenção que, bem lá no alto, lá no alto mesmo, sempre tem um urubu, voando em círculos, observando e...., Bueno!

Pois foi o que aconteceu. Não é que o Gumerindo recolheu os avios de chimarrão e, ao me dar um adeus, com toda a tranquilidade, qual um corvo carnicheiro falou:

- Preocupa não, vizinho! Se as coisas não andarem como você planeja, eu tô bem aí, manda lá pra casa, esta deusa da perdição.

Dei um sorriso amarelo e falei de mim pra mim mesmo - Mas é bem capaz...





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

O escritor Passo-fundense, Telmo Gosch, que nos brindou através do Projeto Passo Fundo com os livros: *Proseando sobre Pelegos*, *Mate(a)ando Saudades* e *Nas Rodilhas de Meu Laço*, contos e poemas, nos oferece agora,

## *Assim Me Contou O Vento*

Gosch é Engenheiro Agrônomo e pecuarista, exercendo suas atividades profissionais no coração do Brasil, no Estado do Tocantins.

O clima quente e as belezas do Tocantins, as lidas com o gado e o amor pela natureza, são fermentos que embalam suas saudades da terra natal, principalmente do Boqueirão.

Ali onde passou sua infância e adolescência ouvindo nas noites frias de inverno, ao derredor de fogões, muitos causos, muitos contos. Alguns que lhe deixavam, segundo conta, arrepiados de medo e encanamento.

Esta vivência aflora agora num misto de experiência e imaginação e retrata contos que se integram a alma gaúcha.

Proporciona-nos, ainda, este trabalho o reencontro com Maria Roncadeira, a carismática proprietária da pensão Dona Maria. Na cozinha deste estabelecimento se desenvolvem e se ambientalizam enredos de diversos contos.  
Boa leitura...

*Ao vento que corre o mundo,  
Ao vento que me faz sonhar,  
Ao vento que fertiliza a flor,  
Ao vento que encrespa o mar  
Ao vento que canta o amor,  
Ao vento que sabe contar.*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

